

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA “LUIZ DE QUEIROZ”

A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO NO INTERIOR PAULISTA, SUAS
CONSEQUÊNCIAS SOCIOAMBIENTAIS E ECONÔMICAS: O CASO DA ÁREA
URBANA DE PIRACICABA

FÁBIO PORTUGAL SORRENTINO

PIRACICABA

2019

FÁBIO PORTUGAL SORRENTINO

A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO NO INTERIOR PAULISTA, SUAS
CONSEQUÊNCIAS SOCIOAMBIENTAIS E ECONÔMICAS: O CASO DA ÁREA
URBANA DE PIRACICABA

Orientadora: Professora Dra. Odaléia Telles Marcondes Machado Queiroz

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado para a obtenção do título de
bacharel em Gestão Ambiental

PIRACICABA

2019

A intenção do narrador não é, entretanto, dar a essas equipes sanitárias mais importância do que elas realmente tiveram. No seu lugar, é verdade que muitos de nossos concidadãos cederiam hoje à tentação de lhes exagerar o papel. Mas o narrador está antes tentado a acreditar que, ao dar demasiada importância às belas ações, se presta finalmente uma homenagem indireta e poderosa ao mal. Pois, nesse caso, se estaria supondo que essas belas ações só valem tanto por serem raras e que a maldade e a indiferença são forças motrizes bem mais frequentes nas ações dos homens. Essa é uma ideia de que o narrador não compartilha.

(Albert Camus, A Peste)

DEDICATÓRIA

Aos que ficaram neste tempo que só voa, e não volta.

À minha família, os primeiros e as primeiras a me ensinarem a viver no mundo, e ainda ensinam. À Si e Má, pelo cuidado e amor que é criar um filho, e pela dificuldade que é deixá-lo ir. Por tudo que sou hoje. Por acreditarem na escola pública, e nelas colocarem os filhos. À Si, por ler e reler este e outros escritos, e fazer correções e críticas tão precisas. Aos meus irmãos e à minha irmã, com quem primeiro senti o que é não viver sozinho no mundo, e aos prazeres e sofrências disso. A não me deixarem ser tão mimado. Às minhas tias, tios, primas, primos, avó e avô. À dona Arlete, que sobreviveu a tanto e ainda sorri. E canta, para também sorrirmos.

Aos amigos e amigas, que não me deixaram só. Aos Donos do Universo, que guardam com carinho nossa amizade até hoje. Sou feliz por durarmos mais que a escola.

À Maraca, que como a cidade de David Harvey nos tenta a ser reificada, e como a cidade não pode ser. Ela não vive sozinha, e não toma escolhas próprias, mas é o lugar que se mantem através do tempo, e apesar de passarem já quase uma centena de maracangalhos e maracangalhas, ainda são um punhado de garotos e garotas tentando viver outro mundo, e com as alegrias e dificuldades desse outro mundo, que não é fácil, mostrar que é possível. Eu sou da Maracangalha!

À minha orientadora, Odaléia, por organizar minhas ideias. E, à sua imagem, agradeço a todas as professoras e todos os professores das escolas que estudei, que lutam pela educação pública, gratuita e de qualidade.

Aos anos de PT, que apesar de todas as críticas nos levaram, enfim, da pós-independência ao pós-colonialismo, nas palavras de Boaventura. Aos trabalhadores e trabalhadoras por trás disso. Aos que lutaram e ainda lutam nesse país por uma vida digna a todas e todos. Ao presidente Lula, que por isso foi preso. À presidenta Dilma, que por isso também foi presa e torturada. Aos que deram e dão a vida pelos sonhos.

E aos sonhos, que não nos deixam sós com os pesadelos.

RESUMO

A pesquisa que segue é Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para obtenção de título de bacharel em Gestão Ambiental. Ela investiga como se relacionam a história do município de Piracicaba, seus agentes urbanos, os contextos históricos e a vinda da multinacional sul-coreana Hyundai para ela. A metodologia geral usada foi exploratória descritiva, e pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, complementada com a realização de entrevistas semiestruturadas com especialistas da área. A pesquisa é base para elaboração de um romance, apresentado como parte deste TCC, no esforço de contribuir para a democratização da ciência e de construir um discurso hegemônico libertário. O primeiro capítulo da pesquisa traz os referenciais bibliográficos estudados. O segundo traça a história de Piracicaba. O terceiro faz o diálogo entre os referenciais, as entrevistas, os conhecimentos empíricos, e os analisa. O capítulo final traz algumas perspectivas para o debate sobre as problemáticas levantadas. A pesquisa revela um pouco dos diferentes interesses na produção do espaço urbano, e como o poder público beneficia, através de investimentos e intervenções, a elite.

Palavras-chave: História das cidades; Piracicaba; Hyundai; Hegemonia dos discursos.

ABSTRACT

The following research is the Course Completion Work (CCW) to obtain a bachelor's degree in Environmental Management. It investigates how the history of the municipality of Piracicaba, its urban agents, the historical contexts, and the arrival of the South Korean multinational Hyundai relates. The general methodology used was descriptive exploratory, and bibliographical research with qualitative approach complemented with semi-structured interviews with specialists of the area. The research is base to the writing of a novel, presented as part of this (CCW) in the effort to contribute to the democratization of Science and to construct a libertarian hegemonic speech. The first chapter of the research presents the bibliographical references studied. The second traces the history of Piracicaba. The third one makes a dialogue between the referentials, the interviews, empirical knowledge, and analyze them. The final chapter presents some perspectives to the debate about the issues raised. The research reveals some of the distinct interests on the urban spaces production, and how the public power benefits, through investments and interventions, the elite.

Keywords: History of cities; Piracicaba; Hyundai; Hegemony of speeches.

SUMÁRIO

1 - PRELÚDIO	8
1.1 - POR QUE ESTA PESQUISA? (ou, JUSTIFICATIVA)	11
1.2 - OBJETIVOS	12
1.2.1 - Objetivo Geral.....	12
1.2.2 - Objetivos específicos	13
1.3 - METODOLOGIA	13
2 - DESENVOLVIMENTO TEÓRICO	16
2.1 A CIDADE FRUTO DO TRABALHO SOCIAL.....	16
2.2 ESTADO NEOLIBERAL E VINDA DAS MULTINACIONAIS	21
2.3 INTERIORIZAÇÃO DAS INDÚSTRIAS	24
2.4 NOVAS ORGANIZAÇÕES PRODUTIVAS.....	27
2.5 PIRACICABA SÉCULO XXI: MERCADO IMOBILIÁRIO E HYUNDAI.....	29
3 - DESENVOLVIMENTO ROMÂNTICO	42
4 - DIÁLOGOS	50
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
BIBLIOGRAFIA	62

1 - PRELÚDIO

Meus pais escolheram escolas públicas para seus filhos, uma escolha de muitos princípios, e muito acertada. Um jovem, branco, heterossexual, do gênero masculino e da classe média, pode facilmente fechar em círculos do próprio estereótipo e se achar o rei do mundo, principalmente em escolas particulares. Esses últimos anos nos mostraram, com o prejuízo de incontáveis vidas e indizíveis dores, o perigo disso.

No ano de 2018 foi ministrada na ESALQ por diversos professores e convidados a disciplina “O golpe de 2016 e o futuro da democracia e do ambiente no Brasil”. Uma dessas palestras/aulas foi feita por Zilda Iokoi, professora da Universidade de São Paulo na linha de pesquisa “História das Relações e dos Movimentos Sociais”. Ao fim de sua fala, ela relacionou a ascensão dos grupos fascistas no Brasil ao crescente isolamento das pessoas - em condomínios fechados, colégios particulares, shoppings centers. À falta de contato com o outro.

E esse é um dos valores da escola pública, ser escola inclusiva, e não exclusiva. E, como inclusiva, o lugar em que se encontra o outro, a outra, pessoas de histórias de vida diferentes, que cresceram em espaços distintos, e sofreram opressões as quais eu, no padrão histórico da normatividade, posso apenas escutar.

Começo meu TCC defendendo a educação pública nesses termos, pois são tristes os dias em que vivemos. A eleição da extrema-direita, sustentada por grupos fascistas e por uma ideologia de ódio à diversidade, volta seus tentáculos neoliberais, como prometido, à educação pública brasileira. Tentando uma terrível realidade que, além dos gigantescos lucros aos poucos bolsos das grandes empresas privadas de ensino, reforçará esses grupos, e o ódio que os alimenta.

Decidi fazer Gestão Ambiental no começo de 2014, pouco antes da matrícula, porque meus amigos também fariam. Com isso desisti de Direito e Ciências Sociais, cursos que passei ao mesmo tempo no vestibular.

É difícil separar o curso de Gestão de minha vida fora da sala de aula durante esses cinco anos e meio, e dizer que foi outro e não um que me fez amadurecer, que me ensinou a humildade, apesar de ainda ser difícil aprendê-la, o manejo das plantas e dos

resíduos, a escrita mais elaborada e sincera, a beleza da simplicidade e as armadilhas na sua busca. As armadilhas na convivência com o outro, com o mundo, e tanta coisa que senti e vivi nesses anos, acredito que muitas mais fora de sala. São elas que me fazem hoje e fazem, por consequência, o gestor ambiental que eu sou.

A vida em uma república “vermelha” e as relações que decorrem disso reafirmaram minha ideologia libertária, o amor pela liberdade e por todos os seres que vinham das relações familiares. E me mudaram, pois, relações são dialéticas. Acho que o principal desses anos como maracangalho (morador da Maracangalha) foi aprender a ouvir. Um aprendizado e luta constante, que parte de diminuir o eu e aumentar o outro, de se ver em igualdade com a outra pessoa, suas ideias, a unicidade que é uma vida. Ouvir é a maior arma de desenvolvimento pessoal e intelectual.

A universidade e o mundo nesses anos sofreram golpes, e parecem as tristezas terem sido maiores que as felicidades. Eu me formo como Gestor Ambiental continuando a compreender que os caminhos para um mundo sustentável não estão neste sistema e não serão pensados pela lógica capitalista. Compreendo o ambiente como cidade, campo, floresta, oceano, terra, ar, o mundo. A gestão disso está em saber o que pode ser gerido por nós, o que deve ser gerido por nós, quem deve gerir, e o que não pode, ou não deve, ser.

Emboso essa gestão nos conhecimentos construídos dentro e fora de sala nesses anos, tanto no campo de agricultura e gestão de resíduos, trabalhados em um ano de estágio no grupo CEPARA (Grupo de Estudos e Pesquisa para Aproveitamento de Resíduos Agroindustriais), em seis meses de curso trancado - nos quais trabalhei na chácara do meu tio, em um sítio de produção orgânica em Porto Alegre e em uma ecovila de produção orgânica com Sistemas Agroflorestais (SAF) em Brasília - e no manejo do quintal da Maracangalha, quanto no campo social e das letras, lidos em livros, textos, vistos em palestras e aulas, e tanto mais.

Oriento minha atuação pela busca da emancipação humana, pelo respeito aos seres que vivem neste planeta e pelo direito dos que viverão, pela liberdade e por um mundo justo, feliz e sustentável.

Fazem cinco anos que assumi o desejo de ser escritor. A ideia para esse TCC veio da inspiração para uma história, que começou no ano de 2018. Um romance sobre uma cidade pequena que recebe uma grande corporação, e, no decorrer da história, os

impactos dessa acolhida escrachando os problemas urbanos das cidades inseridas no sistema capitalista. Mas para contar essa história precisava saber mais sobre cidades.

Procurei então a professora Odaléia, que me acolheu em uma conversa em sua sala. Contei que gostaria de entender essas dinâmicas urbanas estudando a vinda da Hyundai para Piracicaba, que seria um bom paralelo para minha multinacional fictícia. Ela ajudou a organizar minha confusão de ideias e sonhos, e como as coisas sempre levam a algo, essa levou ao meu TCC orientado por ela. A ideia inicial era pesquisar os impactos da vinda da Hyundai, multinacional que aqui anunciou sua chegada há mais de dez anos, e começou suas operações há sete.

Mas as conversas, entrevistas, leituras e reflexões destes meses de pesquisa aos poucos alteraram o que seria seu corpo e objetivo central, para uma investigação da história de Piracicaba, e como seu desenvolvimento e os diferentes agentes sociais e políticos, com desiguais relações e monopólios de poder, se articularam para a vinda da Hyundai, e o que tudo isso significa.

Apresento nestas páginas essa pesquisa. O capítulo Desenvolvimento Teórico traz as leituras e referenciais utilizados para traçar raciocínios sobre diferentes temas que a pesquisa perpassa.

O capítulo Desenvolvimento Romântico traz a história de Piracicaba, com outra abordagem. Refiro à essa história como romântica, pois tenta contar os mais de 250 anos de Piracicaba em um fio que vai trazendo e desvelando, mostrando como as histórias se relacionam e tentando contá-las, no fim, como uma só. Que continua repetindo dores e injustiças, surpresas e, apesar de pouco falar - espero não por serem poucas - felicidades.

No capítulo Diálogos faço um processo dialético entre a bibliografia lida, as entrevistas feitas e as experiências vividas, construindo uma síntese própria à essa pesquisa, mas que traz, como não poderia faltar, o mundo em que ela se insere

Nas Considerações Finais proponho que o debate sobre os problemas e temas levantados nessa pesquisa se dê em outros termos, orientado por outros horizontes.

E junto à essas páginas entrego as do romance que elas embasam, e que considero tão importante quanto.

1.1 - POR QUE ESTA PESQUISA? (ou, JUSTIFICATIVA)

Santos e Gauthier (1996) disseram que a pesquisa deve ter um propósito, não ser só pesquisa pela pesquisa. Compartilho de suas convicções.

Sustentabilidade, como Cidade, é conceito que foi distorcido para ser exclusivo a alguns grupos, simbolizando um mundo de bem viver com energias renováveis e bicicletas e árvores e reciclagem, e casas com telhado solar, um mundo sustentável construído por tecnologias e “conscientização ambiental”. Mas é excluída dessa simbolização o que é também excluído da cidade, o que tentamos não ver, os que estão para lá da “linha abissal e invisível” de Boaventura de Sousa Santos (2010). Como sustentar o bem viver de quem não vive bem? É sustentável uma vida em fome? O risco de morrer por machismo, racismo, capitalismo?

Para construirmos cidades sustentáveis precisamos compreender nossas cidades, e as causas de sua insustentabilidade. Essa pesquisa pretende usar a vinda da multinacional sul coreana à Piracicaba para compreender as dinâmicas de desenvolvimento das cidades no sistema capitalista. De um lado, o discurso sempre igual da geração de empregos e alavanco da economia. Do outro, o quê? Aumento da população? Poluição? Especulação imobiliária? Quais os impactos diretos e indiretos, as condições necessárias para que as corporações se instalem e o porquê de aqui virem? Tudo entrelaça. Como tecemos essa história com a história das cidades no capitalismo?

É nesta tentativa, com o objetivo de construir o ver e o pensar críticos, orientado por uma ideologia libertária que busque a emancipação de todos os povos, pois tudo é ideológico (FREIRE, 1989), e de contra-atacar os processos de calejamento dos sentimentos perpetrados tanto por uma realidade cruel e desigual quanto por sua reprodução nas mídias que cavam cada vez mais fundo, buscando impactar as emoções que movem o consumismo (TURCKE, 2010), que faço a pesquisa, e o romance que entrego junto. Sensibilizar com criticidade, sem se deixar abater. Disputar a “hegemonia dos discursos”, como descreve Boaventura de Sousa Santos em artigo publicado no portal Carta Maior aos três de janeiro de 2016, sobre o pacto das esquerdas para vencer o neoliberalismo:

Hegemonia é o conjunto de ideias sobre a sociedade e interpretações do mundo e da vida que, por serem altamente partilhadas, inclusivamente pelos grupos sociais que são prejudicados por elas, permitem que as elites políticas, ao apelarem para tais ideias e interpretações, governem

mais por consenso do que por coerção, mesmo quando governam contra os interesses objetivos de grupos sociais maioritários. A ideia de que os pobres são pobres por culpa própria é hegemónica quando é defendida, não apenas pelos ricos, mas também pelos pobres e pelas classes populares em geral. Nesse caso são, por exemplo, menores os custos políticos das medidas que visam eliminar ou restringir drasticamente o rendimento social de inserção. A luta pela hegemonia das ideias de sociedade que sustentam o pacto entre as esquerdas é fundamental para a sobrevivência e consistência desse pacto. Essa luta trava-se na educação formal e na promoção da educação popular, nos mídia, no apoio aos mídia alternativos, na investigação científica, na transformação curricular das universidades, nas redes sociais, na actividade cultural, nas organizações e movimentos sociais, na opinião pública e na opinião publicada. Através dela, constroem-se novos sentidos e critérios de avaliação da vida social e da ação política (a imoralidade do privilégio, da concentração da riqueza e da discriminação racial e sexual; a promoção da solidariedade, dos bens comuns e da diversidade cultural social e económica; a defesa da soberania e da coerência das alianças políticas; a proteção da natureza) que tornam mais difícil a contrarreforma dos ramos reacionários da direita, os primeiros a irromper num momento de fragilidade do pacto. Para que esta luta tenha êxito é preciso impulsionar políticas que, a olho nu, são menos urgentes e menos compensadoras. Se tal não ocorrer, a esperança não sobreviverá ao medo. (SANTOS, 2016)

Portanto, como Trabalho de Conclusão de Curso, apresento esta pesquisa e um romance, que também é pesquisa. Espero com ele dialogar sobre as ideias e conhecimentos apresentados nesta monografia, em linguagem convidativa à leitura, e assim contribuir para a construção de um discurso que responda aos sofrimentos e às injustiças dessa humanidade com o apontar das verdadeiras causas e o alardear de outro mundo, possível.

1.2 – OBJETIVOS

1.2.1 - Objetivo Geral

Contribuir, com reflexões, para a construção e popularização de discursos ideologicamente libertadores, que dialoguem com os problemas urbanos e da vida.

1.2.2 - Objetivos específicos

Compreender como a história de Piracicaba e diferentes atores sociais que produzem e alteram seus espaços urbanos e rurais, se articulam com a vinda da multinacional Hyundai para o município.

Escrever, embasado nos conhecimentos trabalhados nesta pesquisa, um romance.

1.3 – METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste estudo é exploratória descritiva, sendo a pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, complementada com a realização de entrevistas semiestruturadas com especialistas da área

Segundo Gil (2009), a pesquisa exploratória é feita para criar mais intimidade entre o pesquisador e o objeto pesquisado, por meio de um planejamento “bastante flexível” para poder considerar aspectos amplos e variados ligados ao objeto estudado. Seu objetivo principal é o “aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições” (GIL, 2009, pág. 41).

A pesquisa descritiva tem como objetivos a descrição das características de uma população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Pesquisas descritivas que buscam uma “nova visão do problema” se aproximam das exploratórias (GIL, 2009, pág.42).

Para Minayo (1994), o objeto das ciências sociais é “essencialmente qualitativo”, pois a realidade é sempre muito maior que a compreensão que conseguimos dela. A presente pesquisa faz uso de abordagem, e não metodologia qualitativa para abranger diferentes metodologias, como sugere Severino (2007). Por exemplo, o critério de escolha dos referenciais bibliográficos foi qualitativo, por meio de perguntas iniciais que o pesquisador gostaria de responder e das recomendações que surgiram durante as entrevistas, algo também sugerido por Gondim e Lima (2006).

A pesquisa bibliográfica é útil quando se quer diversas análises sobre um mesmo problema. “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao

investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (GIL, 2009, pág. 45).

Como instrumento metodológico, as entrevistas feitas foram semiestruturadas, descritas por Neto (1994) como uma forma que articula a entrevista aberta não-estruturada, em que o entrevistado fala livremente sobre o tema proposto, e a entrevista estruturada, em que as perguntas são previamente formuladas. Nas entrevistas feitas, algumas perguntas foram previamente formuladas, compondo certo roteiro da entrevista, mas novas perguntas surgiram e foram feitas no seu decorrer, frutos da liberdade do entrevistado em falar e do entrevistador em ouvir, e perguntar.

A inspiração na sociopoética de Santos e Gauthier (1996) reafirma o compromisso da pesquisa com os explorados e oprimidos, “excluídos e marginalizados das sociedades capitalistas” (SANTOS E GAUTHIER, 1996, p.10), e a não dissociação entre ciência e arte. “O saber é feito para ser partilhado, quer dizer, criticado, mas também apreciado” (Ibidem, p. 26).

Daí a busca por uma poesia viva que se oponha às letras mortas dos trabalhos acadêmicos, “Como são mortos estes olhares sobre o mundo que, muitas vezes, as ciências humanas produzem: conhecimentos sem significação para outras pessoas além dos pesquisadores profissionais” (Ibidem, p. 30).

Como sugere Becker (1999), desenvolvo e escrevo essa pesquisa-história com a liberdade da interpretação e da elaboração de ideias, a partir de métodos que não se prendem aos princípios gerais das metodologias citadas acima, mas as adapta às especificidades da realidade estudada e vivida.

E, por fim, escrevo esta pesquisa e o romance que vai junto inspirado no realismo fantástico de Gabriel García Márquez, no desvelar de temas complexos com a simplicidade humilde que ri deles de Douglas Adams, no deboche de Hilda Hilst com uma escrita elaborada e grandiosa a falar de bandalheiras, no desenvolvimento psicológico e pessoal dos personagens de Dostoiévski, em Albert Camus, Hermann Hesse, Marcelino Freire, Sérgio Porto, Mia Couto, Milan Kundera, e tantos outros e tantas outras. Mas, principalmente, em José Saramago.

É de Saramago que comprehendo a escrita além das ideias e do arranjo das palavras, mas na forma, nas pontuações, na liberdade de escrever sem se prender às regras

ortográficas, do jeito que melhor converse com quem lê o que quer ser conversado, e como o quer. Vem de Saramago também a ambição de escrever algo belo, e que faça sentido.

Não escrever por escrever, e não fazer pesquisa pela pesquisa.

2 - DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

Maricato (2015) escreve que as cidades são anteriores ao capitalismo, mas é nele que elas mudam ao ponto de ele, capitalismo, ser impensável sem elas. Começo este capítulo traçando um breve histórico das cidades no Brasil, da Lei de Terras ao inchaço urbano, da chegada de escravos libertos e esquecidos e de imigrantes brancos, à chegada do capital internacional e seu poder de reorganizar as cidades ao sabor de seus interesses.

Abordo as novas formas de organização e atuação das multinacionais, e chego em Piracicaba, a cidade desta história. Conto, também de forma breve, sua história até os dias de hoje, aberta como as veias desta América Latina (GALEANO, 2018), guerreando com suas irmãs pela hospedagem de um capital multinacional que não forma vínculos com seus hospedeiros além do que lhe é interessante: lucro, essa máquina de louco (BAIANA SYSTEM, 2016).

2.1 A CIDADE FRUTO DO TRABALHO SOCIAL

Até 1850, as terras no Brasil eram concedidas pela Coroa Portuguesa, as sesmarias, ou simplesmente ocupadas. Em setembro de 1850 foi aprovada a Lei de Terras, transformando a terra em mercadoria que poderia ser comprada ou vendida. A posse era de quem possuísse as ‘cartas de sesmarias’ ou comprovasse ocupação pacífica e incontestável. Todo o resto era da Coroa. O latifúndio se consolida nos anos que antecedem a aprovação da Lei de Terras, com um punhado de pessoas ocupando todos os pedaços de terra que conseguem. As terras foram demarcadas como propriedade, e os latifúndios se tornaram legais (FERREIRA, 2005).

Essa Lei de Terras também separou a propriedade pública da privada, possibilitando o controle de uso e ocupação do solo urbano. As cidades, então, eram apenas os centros administrativos da economia agroexportadora (FERREIRA, 2005). Mas isso muda com a virada do século, e elas começam a se industrializar. E a crescer.

Com a abolição da escravidão em 1888, os latifundiários preferem雇用雇用 mão de obra imigrante branca nas lavouras, influenciados pelas teorias eugenistas europeias de embranquecimento da população para uma nação próspera (MACHADO, 2013), ao invés das massas de homens e mulheres negras que até então lá trabalhavam sem receber.

Estas, libertas e sem terra para cultivar, migram para as cidades e ocupam as habitações possíveis, obviamente precárias. Cortiços, barracos. Nascem as favelas.

Junto aos imigrantes que vão trabalhar no campo, vem imigrantes para trabalhar nas cidades, europeus e japoneses, e elas crescem exponencialmente. Fazendeiros começam a transferir suas moradas para a área urbana, e a cidade ganha importância maior que apenas a administração da exportação agrícola. Ganha economia própria, com mercado de serviços e bens. As indústrias crescem.

E a cidade, tal como o campo, cresce e desenvolve mantendo em suas terras a hegemonia das elites. Ainda segundo Ferreira (2005), o começo do século XX foi marcado por políticas de “higienização social”, demolindo habitações populares como os cortiços nas áreas centrais e expulsando as populações pobres para habitações precárias nas periferias, com a desculpa de combate à insalubridade e às epidemias de doenças. Então, o Estado “renova” essas áreas centrais, com infraestrutura urbana e equipamentos, valorizando suas localidades e criando novos bairros de elite.

O que determina o valor do solo urbano é sua localização – infraestrutura urbana, construções existentes, acessibilidade, demanda. A localização é fruto do trabalho social, o valor de um imóvel não está dissociado da aglomeração em que está inserido. E parte importante do trabalho social é a intervenção do Estado, que leva infraestrutura urbana e equipamentos públicos para as localidades. Na história da cidade, essas intervenções são majoritariamente em bairros ricos. O Estado representando a elite. “Na jovem república ou no Brasil industrial, o acesso à cidade urbanizada só foi possível, em suma, para aqueles que pudessem pagar por ela, ou que tivessem um razoável poder de influência dentro da máquina pública” (FERREIRA, 2005).

Segundo Rolnik (1988) essas intervenções do Estado são objeto de especulação. Imóveis ficam ociosos à espera do trabalho social que os valorizarão, e à medida que o Estado é capturado pela elite, as intervenções do poder público são em áreas que a ela interessam, pois valorizarão suas propriedades, construindo um negócio urbano muito lucrativo aos que já lucram com tudo.

A diferença entre o preço do terreno dos Jardins de São Paulo, da Zona Sul do Rio de Janeiro, ou da Barra em Salvador face aos bairros periféricos da cidade é antes de mais nada o superequipamento de um e a falta de infra-estrutura do outro. O que acabamos de descrever fundamenta a existência da chamada “especulação imobiliária”: alguns terrenos vazios e algumas localizações são retidas pelos proprietários, na

expectativa de valorizações futuras, que se dão através da captura do investimento em infra-estrutura, equipamentos ou grandes obras na região ou nas vizinhanças. Isto provoca a extensão cada vez maior da cidade, gerando os chamados “vazios urbanos”, terrenos de engorda, objeto de especulação. (ROLNIK, 1988, p.64)

O mesmo processo ocorre em Piracicaba. Ao longo do século XX, a população rural migra para a cidade e acaba nas periferias.

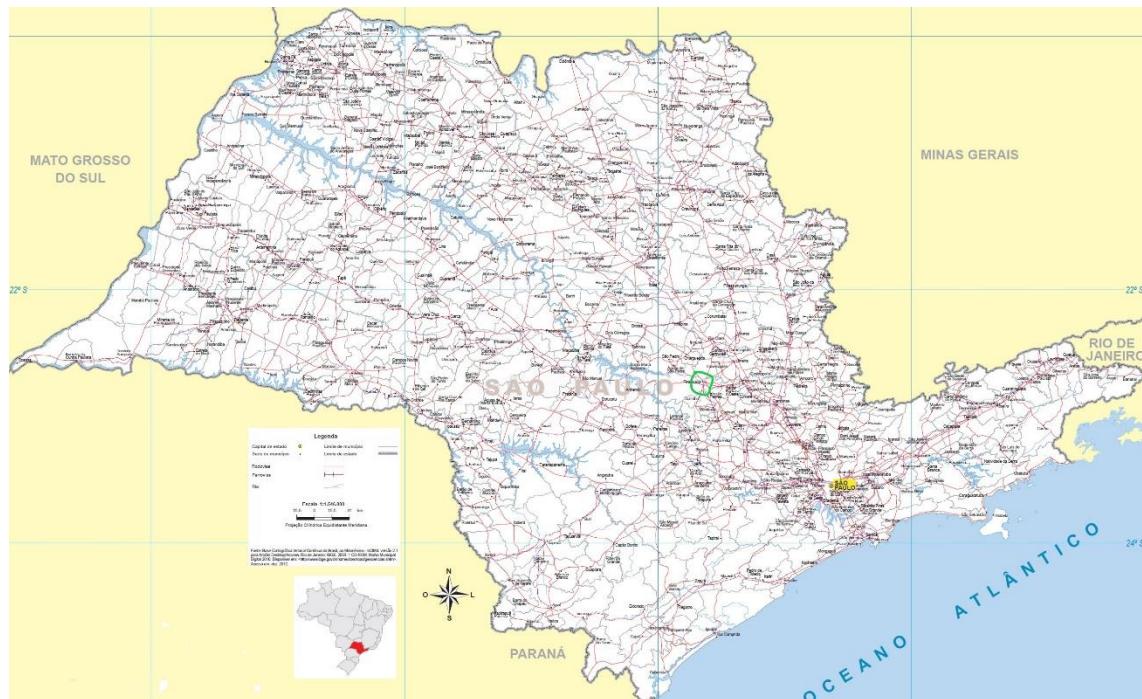


Figura 1: Mapa do Estado de São Paulo e, circulado em verde, Piracicaba. Fonte: Guia Geográfico Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://www.sp-turismo.com/mapas/politico.htm>>. Acesso em 07 de Junho de 2019.

Até 1930, as elites piracicabanas se orgulhavam pelos campos divididos em pequenas propriedades de policulturas. Achavam uma oposição moderna ao atraso do latifúndio. Em meados da década de 30, é criado o Instituto do Açúcar e do Álcool (IAA) pelo governo Vargas, regulamentando e oferecendo subsídios à agroindústria da cana, principalmente através do incentivo à exportação, e limitando a produção, tornando o preço do açúcar estável e assegurando sua lucratividade. A criação do IAA, diminuindo os riscos de produção, a crise do café, acabando com a competição por mão de obra entre as duas culturas, e a mecanização da agricultura, fizeram as grandes usinas expandirem suas terras, fosse comprando novas terras de pequenos proprietários fosse tomando as terras cedidas aos Colonos – que não tinham sua posse, mas o uso cedido pelas usinas, produzindo em núcleos familiares a cana que ali seria processada.

A pequena propriedade começava a ser lentamente substituída pelo latifúndio.

A mão de obra rural migrou para a cidade, pois tinha emprego no campo apenas nos meses de colheita da cana, atividade que ainda não era mecanizada, quando virava boia fria e saía cedo em caminhões lotados da usina para voltar à noite para casa. Nos outros meses, se empregavam, sub empregavam ou vagavam à procura de emprego na cidade (TERCI & BILAC, 2001).

A industrialização do começo do século XX intensifica os processos de segregação urbana nas cidades, trazendo para ela os sistemas produtivos, e acompanhando com um fluxo de multidões assalariadas de baixa renda, os proletários, para trabalhar nas indústrias. São construídas vilas operárias, bairros com pouca infraestrutura urbana e moradias precárias (FERREIRA, 2005).

Até 1930 a única grande indústria de Piracicaba era a Fábrica de Tecidos Arethusina, da Companhia Industrial e Agrícola “Boyes”. O restante do ambiente industrial urbano era constituído de pequenas indústrias, parte voltada ao mercado interno, e parte voltada à agroindústria, fabricando e consertando veículos e utensílios agrícolas. É a agroindústria que impulsiona a industrialização metal-mecânica urbana de Piracicaba (TERCI & BILAC, 2001).

No ambiente urbano, desde o começo do século XX as elites piracicabanas, tal qual o resto das elites do país, estão preocupadas em modernizar as cidades aos moldes europeus. Durante décadas o poder público objetiva sua atuação no calçamento de ruas e construção de pontes, redes de distribuição de água e coleta de esgoto, coleta de lixo, criação de parques e praças arborizadas, fazendo a modernização e higienização da cidade a partir do centro, “o cartão de visitas”. Parte importante desse processo é a expulsão de mendigos, doentes, bêbados e pobres para as periferias, longe das vistas dos visitantes, assim como a proibição de “jogos, bebedeiras e orgias nos locais centrais” (TERCI & BILAC, 2001, p. 98), e a prisão dos que insistissem em mendigar pelas ruas:

A verdade é que a mendicância nas ruas estava estreitamente relacionada ao processo de formação do mercado de trabalho e a urbanização crescente que atraía a população pobre para as cidades em busca de melhores oportunidades. As dificuldades de encontrar emprego e/ou a condição de subemprego levavam essas pessoas a estarem permanentemente circulando pelas ruas. [...] A rua tornava-se, assim, o meio de sobrevivência dessas pessoas, em contraste com a proposição saneadora das elites e da administração pública, segundo a qual o centro urbano deveria ser o cartão de visita da cidade. Quem por ele passasse

deveria ter a nítida certeza de se tratar de uma das cidades mais importantes do estado de São Paulo. (TERCI & BILAC, 2001, p. 100).

O aumento na produção de açúcar e álcool, a lenta transição dos engenhos às usinas mais modernas, e as políticas pós-guerra dos países europeus que limitavam suas exportações (BILAC et al., 2001) fomentaram a indústria metal-mecânica de Piracicaba. É nesse ambiente que a Oficina Dedini cresce e supera seus concorrentes através do fornecimento de equipamentos e assistências mais complexos. Se torna Grupo Dedini, “grupo esse que será a grande matriz geradora da indústria local” (TERCI & BILAC, 2001, pág. 123), construindo a “tradição industrial” de Piracicaba (TAKAMI, 2017).

Nos anos que seguem continua a centralização de terras e consolidação dos latifúndios, o êxodo rural e as políticas públicas modernistas. A indústria é impulsionada pelo programa de desenvolvimento e industrialização nacional de Juscelino Kubitschek, e em Piracicaba a indústria metal-mecânica impulsiona outras, como a de material elétrico, comunicações, papel e papelão. As gestões da época pavimentam ruas, reformam praças, constroem estradas modernas de Piracicaba à Rio Claro em 1956, de Piracicaba à Limeira em 1964, ampliam pontes, substituem o transporte coletivo do bonde ao *troleibus* e então ao ônibus, instalam modernas linhas de telefone, reformam praças, constroem o estádio municipal Barão de Serra Negra, incentivam a construção de prédios e arranhas céus. O velho dá lugar ao empolgante novo (BILAC et al., 2001).

A partir de 1970 começam movimentos pela reforma urbana no Brasil, que conseguem a primeira grande vitória ao inserir na constituição de 1988 os artigos 182 e 183, sobre a função social da propriedade urbana. Em 2001 será aprovado o Estatuto da Cidade, estabelecendo instrumentos urbanísticos que regulam as dinâmicas de produção da cidade, e nele o Plano Diretor ganha a importância de fazer “a regulamentação dos instrumentos urbanísticos propostos”, e a exigência de que todo município com mais de 20.000 habitantes que ainda não tenham um Plano Diretor, o façam em até 5 anos. Os Planos Diretor trazem às municipalidades a disputa política por uma cidade mais justa. Esses instrumentos de regulamentação vão na contramão do neoliberalismo dos anos 90 (FERREIRA, 2005). E vice-versa:

A perda de prestígio da função social das cidades, no capitalismo central, coincide com a ascensão das ideias neoliberais e concomitante perda de espaço do Welfare State, acompanhando o enfraquecimento dos sindicatos de trabalhadores e perda de espaço das forças de esquerda. (MARICATO, 2015, p. 21).

Mas as décadas de 1980 e 1990 seguem o modelo neoliberal no nível nacional, buscando, entre outras coisas, atrair investimento estrangeiro na forma de vinda de empresas multinacionais.

2.2 ESTADO NEOLIBERAL E VINDA DAS MULTINACIONAIS

A construção do Estado de Bem-Estar Social na Europa e nos Estados Unidos após a crise de 1929 e a segunda guerra mundial, proveu condições de vida básicas às classes populares, com o Estado intervindo e garantindo moradia, infraestrutura urbana, leis trabalhistas e acesso à educação e saúde – uma resposta do Estado ao sistema liberal não por motivos humanistas, mas para garantir a sobrevivência do próprio capitalismo, assegurando o padrão de consumo do povo que fazia a economia girar. Mas esse Estado do Bem-Estar Social encarecia a reprodução da classe trabalhadora – com direitos trabalhistas de melhores salários e outras garantias – fazendo com que multinacionais procurassem outros lugares para suas fábricas (FERREIRA, 2005).

No Brasil, a crise do Estado desenvolvimentista no final da década de 70, e o país afundado em dívidas externas herdadas do “milagre econômico” da ditadura, fragilizou o Estado para a entrada do sistema neoliberal, que preconizava o Estado mínimo, desregulamentação do mercado e “enxugamento” do Estado. As décadas seguintes seguem o Consenso de Washington, conjunto de medidas liberalizantes propostas pelo Fundo Monetário Internacional e pelo Banco Mundial aos países em desenvolvimento, como a privatização de estatais (TERCI, GOULART & OTERO, 2017). O Estado neoliberal atrai as grandes corporações, que procuram espaços desregulamentados para aumentar seus lucros.

As multinacionais vêm aos países subdesenvolvidos, que oferecem mão de obra barata e enorme “exército industrial de reserva” - como as populações nordestinas no Brasil, que migravam às metrópoles do Sudeste (FERREIRA, 2005). Para Acselrad (2013) as multinacionais vêm aos países em desenvolvimento quando seus países natais

enrijecem a legislação ambiental, e com a revolução produtiva do toyotismo pós crise do fordismo¹. Elas vêm por serem regiões “mais competitivas”.

As multinacionais são empresas que cresceram e passaram os limites territoriais do Estado de origem, aonde se localiza quase sempre sua sede, construindo filiais em outros países. Ela é multinacional por estar presente em mais de um território e transnacional por gerar diferentes fluxos que transpõe as fronteiras estatais. Na sede são definidas as estratégias gerais da empresa, e nas filiais ocorrem as etapas produtivas (TAKAMI, 2017).

Para atrair novas indústrias, o Estado concedeu diversos benefícios, nos níveis nacionais, estaduais e municipais, e as “multinacionais passaram a moldar os territórios conforme os seus interesses” (MENDES E TAKAMI, 2017, pag. 235).

A cidade neoliberal aprofundou e agudizou os conhecidos problemas que nossas cidades herdaram de quarenta anos de desenvolvimentismo excludente: favelização, informalidade, serviços precários ou inexistentes, desigualdades profundas, degradação ambiental, violência urbana, congestionamento e custos crescentes de um transporte público precário e espaços urbanos segregados (VAINER, 2013, p. 39).

A burguesia urbana, invés de se contrapor à vinda de indústrias estrangeiras em benefício da indústria nacional, renuncia à industrialização endógena e contribui para a vinda das multinacionais:

Assim, com a vinda das indústrias multinacionais para o país, estabelece-se um padrão de crescimento em que os baixos salários não eram apenas uma consequência da injustiça inerente ao sistema capitalista, mas a própria condição para nossa industrialização, no que alguns autores chamaram de “industrialização com baixos salários”. (FERREIRA, 2005)

A “urbanização com baixos salários”, calcada em um Estado controlado pelas elites que não garante o mínimo à sua população para não encarecer a reprodução da mão-de-obra das indústrias multinacionais, finge não ver a população ocupando os loteamentos e solos vazios nas periferias cada vez mais longe e, quando esses esgotam, as áreas de

¹ Fordismo é a estruturação produtiva idealizada em 1913 por Henry Ford, e implantada pelo mesmo em 1914, conhecido pelas “linhas de produção”, em que os trabalhadores ficavam parados fazendo tarefas simples e repetitivas nas partes que chegavam em esteiras rolantes. Toyotismo é a estruturação produtiva que substituiu o fordismo a partir da década de 1970, baseada na flexibilização e na economia de espaço e de dinheiro, com produção “just in time”, feita sob encomenda sem produção de estoque, automação dos processos produtivos, fábrica enxuta e trabalhadores especializados.

risco ambiental, como encostas de morro e várzeas de rios, pois é a solução mais barata à moradia. Quando o Estado responde, é com o mínimo de infraestrutura e equipamento urbano que garanta o deslocamento dessas pessoas aos centros da cidade para trabalharem e voltarem, mesmo que precariamente (FERREIRA, 2005).

Acselrad (2013) desenvolve o termo chantagem locacional para a imposição de vontade das multinacionais em municípios, estados e países, através da ameaça constante de deslocalização.

No plano nacional, se não obtiverem vantagens financeiras, liberdade de remessa de lucros, estabilidade etc., os capitais internacionalizados ameaçam se “deslocalizar” para outros países. No plano subnacional, se não obtiverem vantagens fiscais, terreno de graça, flexibilização de normas ambientais, urbanísticas e sociais, também se “deslocalizam”, penalizando, em consequência, os estados e municípios onde é maior o empenho em se preservar as regulações sociais e ambientais. Ao mesmo tempo, ao escolher o espaço mais rentável onde se relocalizar (ou seja, aqueles locais onde conseguem obter vantagens fiscais e ambientais), acabam premiando com seus recursos estados e municípios onde é menor o nível de organização da sociedade e mais débil o esforço em assegurar o respeito às determinações legais. Neste quadro político-institucional, os capitais conseguem “internalizar a capacidade de desorganizar a sociedade” – ou seja, adquirem o poder de desorganizar a sociedade, punindo com a falta de investimentos os espaços mais organizados, e premiando, por outro lado, com seus recursos, os espaços menos organizados. (ACSELRAD, 2013, p.68).

A competição a que se referem, por mais que tentem maquiar com discursos liberais, é a competição em diferentes níveis – países estados e regiões - para atrair capital estrangeiro através de crescentes benefícios como isenções de impostos, doação e preparo de terrenos, descontos ou isenções no uso de água esgoto e energia, mão de obra barata, legislação ambiental flexível. Acselrad (2013) cita um famoso documento vazado do Banco Mundial para ilustrar um dos motivos da vinda dessas multinacionais, o Memorando Summers.

Em 12 de dezembro de 1991 o economista-chefe do Banco Mundial, Lawrence Summers, envia um memorando interno aos seus colegas com a ideia “Cá entre nós, não deveria o Banco Mundial estar incentivando mais a migração de indústrias poluentes para os países menos desenvolvidos?” (tradução do original por Henri Acselrad). Summers cita três motivos para isso: 1) as mortes nos países pobres têm custo menor que nos países ricos, pois seus habitantes recebem salários menores, lógica econômica para ele “perfeita”; 2) os países menos desenvolvidos são sub-poluídos, diz que sempre pensou que a qualidade do ar dos países da África é vasta e inefficientemente poluída; e 3) o meio

ambiente é uma preocupação estética e de saúde de pessoas com boas vidas, além dos pobres não viverem tempo suficiente para sentirem os efeitos da poluição. (resumo dos três pontos feito por mim com base na tradução e resumo de terceiros citados nas referências, e da leitura do original). Após o Banco Mundial, Summers foi secretário do tesouro de Bill Clinton, presidente de Harvard e diretor do Conselho Econômico Nacional de Barack Obama.

Essas indústrias multinacionais começam a chegar em Piracicaba a partir da década de 1970, frutos de políticas do governo do estado e do governo do município.

2.3 INTERIORIZAÇÃO DAS INDÚSTRIAS

Segundo Selingardi-Sampaio (2009), apesar de as indústrias se espacializarem pelo Estado de São Paulo entre 1960 e 1970, em um começo de descentralização, é a partir de 1970 que esse processo se torna significativo, em um primeiro momento instalando suas novas fábricas ou linhas de produção em lugares adjacentes à capital, um raio de 50 a 150 km dela. Em “um segundo momento”, a desconcentração expande até centros urbanos mais distantes.

Transpondo tais noções para o caso paulista (escala regional), é coerente supor – como já foi insistente invocado por muitos autores – que, como resultado de um longo período de concentração industrial, deseconomias de aglomeração tivessem se instalado no centro paulistano, e que os custos crescentes dos fatores de produção impelissem as indústrias a se deslocarem para uma periferia imediata, em um primeiro momento, e para outras não-imediatas, mais tarde (áreas interioranas mais distantes que os demais municípios da área metropolitana). Parece prudente conjecturar, entretanto, que, em 1970 esse processo ainda não se mostrava muito avançado [...]. Nas décadas de 1970 e 1980, é certo que novas periferias industriais da metrópole foram criadas [...] em espaços sempre selecionados, com boa acessibilidade à metrópole, e dela distantes até, aproximadamente, 200-250 km. (SELINGARDI-SAMPAIO, 2009, p. 170-171).

Essas “deseconomias” que a metrópole começa a apresentar são o alto custo de mão de obra, dificuldade de escoar as mercadorias em uma cidade cada vez mais populosa, e “elevado gasto com instalações” (MENDES E TAKAMI, 2017, pag. 235).

Aliado a políticas federais e estaduais de construção de rodovias que conectassem o interior à capital, as indústrias espalham ao interior, “regiões com

economias de aglomeração (infraestrutura, mão de obra e matérias-primas baratas, incentivos fiscais, qualidade de vida) superiores às proporcionadas pelas regiões metropolitanas” (TERCI, GOULART & OTERO, 2017, p. 146).

Essa realocação das indústrias é acompanhada por uma maior autonomia dos municípios segundo a Constituição de 88, e do discurso neoliberal que coloca no gestor público local a importante liderança de articular a localidade à economia internacional, devendo este criar ambiente competitivo para a vinda do investimento externo que alavancaria a economia regional. Com o Estado seguindo os mesmos ditames e deixando o mercado se estruturar livremente, os municípios ficam reféns das exigências do capitalismo internacional e concorrem entre si pela vinda de multinacionais. “[...] a ausência do papel regulador do Estado nessa inserção direta submeteu a gestão urbana aos interesses hegemônicos das corporações com poder de investimento” (TERCI, GOULART & OTERO, 2017, p. 147), ou ainda:

A maior ênfase na ação local para enfrentar esses males também parece ter algo a ver com a capacidade declinante do Estado-Nação de controlar os fluxos financeiros das empresas multinacionais, de modo que o investimento assume cada vez mais a forma de negociação entre o capital financeiro internacional e os poderes locais (que fazem o possível para maximizar a atratividade do local como chamariz para o desenvolvimento capitalista). (HARVEY, 2005, p. 166).

As cidades apresentam às indústrias que saem da capital e às que chegam ao país diversas “vantagens”: “doação de terreno; instalação de rede de água, esgoto, energia; isenção de impostos; entre outros” (TAKAMI, 2017, p. 19). O governo do Estado de São Paulo faz sua parte na guerra fiscal construindo as modernas rodovias Bandeirantes, Anhanguera, Washington Luís, Imigrantes e Castelo Branco, que ligam o interior à capital para escoar as produções. “Ressalta-se, que as políticas estaduais e federais de implantação de infraestruturas, beneficiaram, essencialmente, as grandes empresas” (Ibidem, p. 85).

Na segunda metade do século XX Piracicaba segue a tendência neoliberal nacional e se abre aos investimentos internacionais. Com a descentralização e desconcentração industrial da área metropolitana de São Paulo, principalmente a partir dos anos 70, participa do “leilão de vantagens” às grandes multinacionais, disputando pela sua vinda com os outros municípios (TERCI et al, 2005). O relato de Cecílio Elias Netto, escritor Piracicabano, mostra o que significava a interiorização das indústrias a partir da década de 1970 para parte da população:

Salgot Castillon, em seu breve período como prefeito, insistira em ampliar os horizontes industriais de Piracicaba. Também ele estava impregnado do desenvolvimentismo que agitava o Brasil e da “interiorização do desenvolvimento” que despertava o Estado de São Paulo. Salgot iniciava estudos para a criação de um Distrito Industrial. E, após a sua cassação, o sucessor, Cássio Paschoal Padovani, hesitou mas foi estimulado a dar sequência àquele projeto. Foi quando começaram a surgir rumores de uma possível – mas ainda improvável – vinda de uma poderosa empresa multinacional. Era a Caterpillar. Mas isso parecia um sonho quase impossível. (NETTO, 2015, p. 141).

Em 1973 o prefeito de Piracicaba Adilson Maluf viaja até Illinois, Estados Unidos, tentar convencer a multinacional norte americana Caterpillar a vir para Piracicaba. Ela exige uma área às margens da Rodovia Luiz de Queiroz para escoar sua produção, a instalação de rede de esgoto, água, energia elétrica, pavimentação e telefonia (TAKAMI, 2013), para realizar o sonho quase impossível dos piracicabanos.

O primeiro distrito industrial de Piracicaba foi a Unidade Industrial Leste (UNILESTE), inaugurada em 1973, para receber a Caterpillar (TAKAMI, 2017), que inaugurou sua fábrica em 1976.

O segundo distrito industrial de Piracicaba, a Unidade Industrial Norte (UNINORTE), foi inaugurado em 2001. O terceiro, a Unidade Industrial Noroeste (UNINOROESTE), foi inaugurado em 2005 (TAKAMI, 2017).

O estabelecimento de multinacionais vem ao encontro dos fatores que permaneciam da primeira metade do século –modernização da agricultura, êxodo rural, centralização de terras – e novos, como a criação do Plano Nacional do Álcool (Proálcool, 1975), que continua a beneficiar as grandes usinas e submeter as pequenas propriedades a seus interesses, consolidando o latifúndio e aumentando o êxodo à cidade. Juntam os exércitos de reserva de mão de obra urbana e rural, caracterizando os chamados trabalhadores volantes - que nos meses de colheita da cana, ainda não mecanizada, vão para o campo, e, nos outros, buscam empregos temporários na cidade.

Piracicaba incha, e os problemas urbanos se agravam. Se em 1940 tinha aproximadamente 76.416 pessoas, e uma maioria rural de 42.465 contra 33.771 em área urbana, em 1991 ela tem 283.833 pessoas, sendo 269.961 em área urbana e apenas 13.872 em área rural (SPAVOREK e COSTA, 2004). Todos esses processos não são acompanhados de planejamento urbano apropriado.

As gestões públicas se preocupam em trazer quantas indústrias conseguirem, mas não com o que fazer com as pessoas que vêm junto, ou as que já estão na cidade e não são da elite. Se preocupam em modernizar a cidade, construir rodovias e avenidas e pontes. Em 1987 inaugura o primeiro shopping center da cidade. O perímetro urbano cresce, mais e mais pessoas moram em habitações precárias, aumentam rapidamente o número de favelas. Se é em 1965 que surge a primeira favela, o Jardim Algodoal (FUNES, 2005), em 1979 já eram 23, e em 1993 eram 53 (TERCI et al., 2005). Começam movimentos como a ASFAP (Associação dos Favelados de Piracicaba) que lutam por dignidade, por uma vida justa, e que resistem contra as políticas urbanistas municipais que tentam expulsá-los para conjuntos habitacionais ainda mais distantes. Conseguem vitórias importantes em gestões como a de João Herrmann Neto (1977/1982), e perdem espaço nas outras. Mas resistem.

É desnecessário dizer que para grande parte da população a vida é difícil. A moradia é precária, os trabalhos são extremamente explorados. Os trabalhadores e as trabalhadoras volantes que cortam cana, arregimentados às grandes usinas pelos “gatos”, alguns vindo e voltando à Bahia durante esses meses de colheita, trabalham às vezes por 24 horas seguidas, e recebem cada vez menos. Recebem pelo volume de quanto cortam. Com o fim da ditadura e as movimentações populares da década de 80, fazem greves, apesar do receio de parte deles de não ser mais chamado para trabalhar, e conquistam importantes direitos (TERCI et. al., 2005).

Com o fim do milênio, o Estado de Bem-Estar Social começa a falir, e é aos poucos substituído pelo Estado Neoliberal. No Brasil, a redução do Estado como planejador, nos anos 90, foi uma “condição para acesso aos novos fluxos de recursos e investimentos externos” (TERCI, 2018, p. 458). Agora são novas as multinacionais que avançam para o Brasil, e as que aqui já estão se adaptam às mudanças que chegam.

2.4 NOVAS ORGANIZAÇÕES PRODUTIVAS

A crise do sistema capitalista estruturado no modelo de produção fordista é respondida com a reestruturação produtiva do sistema toyotista, cuja principal característica é a flexibilidade.

As empresas que surgem, ou as que adaptam aos novos paradigmas, se caracterizam por flexibilizar seus quadros de produção, gerenciamento e marketing, para diminuir os riscos associados às incertezas provocadas pelas rápidas mudanças em diferentes âmbitos, como o econômico, político e social, e para maximizar seus lucros através da oscilação da produção junto à demanda, subcontratando outras empresas para não gastar e arriscar com investimento em mão de obra e tecnologia (TAKAMI, 2017), aumentando a competitividade das empresas e potencialmente diminuindo os custos, pois cada etapa da produção, terceirizada, é especializada pelas contratadas. As empresas, assim, também transferem a terceiros os problemas trabalhistas e os riscos da produção (MENDES E TAKAMI, 2017).

As “novas multinacionais” maximizam seus lucros principalmente nessas relações com outras empresas. Quanto maior a troca de informações e conhecimentos, maior suas vantagens competitivas. Essas relações vão desde junções entre empresas concorrentes para aumentar suas capacidades produtivas, até as subcontratações para produção e terceirização para serviços, caracterizando as desintegrações produtivas das empresas (TAKAMI, 2017, pag. 52-54).

Outra caracterização importante para entendermos as estratégias das multinacionais em um mundo globalizado é o uso dos territórios como for mais conveniente para elas, ou seja, “[...] utilizam os territórios da maneira que for mais rentável” (TAKAMI, 2017, pág. 56). É a base das guerras fiscais - competição de ofertas de subsídios e investimentos para atrair empresas - entre municípios, estados e países.

Então são criados os condomínios, ou distritos, industriais, que aglomeram as empresas e indústrias envolvidas no processo produtivo. No centro está a empresa âncora, que desintegra sua produção para as outras, e mantém apenas as funções estratégicas - nas indústrias automobilísticas, a montagem final do veículo. A produção é feita nas empresas aglomeradas ao redor para diminuir os custos de transporte e logística (TAKAMI, 2017).

A modernização das indústrias tem gerado desemprego em massa, pois se consegue produzir com muito menos mão de obra. Aumentando o exército de reserva de trabalhadores, terceirizando suas contratações e flexibilizando as leis trabalhistas, as indústrias e prestadoras de serviços empregam mão de obra com salários inferiores e condições precárias.

As empresas automotivas reestruturaram suas produções no Brasil a partir da década de 1990 (MENDES E TAKAMI, 2017). Nos anos 90, o governo federal concede às indústrias automobilísticas, na tentativa de alavancar a economia e gerar empregos, benefícios como redução de carga tributária, reduzindo o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) e o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), novas linhas de financiamento entre outros.

No fim da década de 1990, as fábricas no Brasil implantam a terceirização, “somente para reduzir custos para as indústrias, enxugar postos de trabalho e fazer com que as relações trabalhistas fossem precarizadas” (TAKAMI, 2017, pág. 209).

Em meio a isso, Piracicaba adentra o novo milênio. Mas a história não é o mero desenrolar do que existe, ou existia. O esperado encontra o inesperado e com ele briga, nega ou se junta.

2.5 PIRACICABA SÉCULO XXI: MERCADO IMOBILIÁRIO E HYUNDAI

Segundo Otero (2016) o século XXI mostra uma mudança nas centralidades de Piracicaba.

Com o aumento da renda per capita, a elevação real do salário mínimo, a diminuição das desigualdades sociais e o aumento da capacidade de consumo desde os anos 2003 com os governos Lula e Dilma, e o Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) em 2009, o setor imobiliário tem um boom e se torna a principal agente de produção e reestruturação urbana de Piracicaba. Seus empreendimentos imobiliários mais significativos são as habitações para o PMCMV e os “loteamentos fechados”, tipologia nova para a cidade (OTERO, 2016).

As habitações do PMCMV são construídas por empreendedores privados, apesar de estarem regulados pela municipalidade, e por isso objetivam a maximização dos lucros. As unidades da faixa 1 do programa, destinadas a pessoas de mais baixa renda, foram construídas em áreas rurais, caracterizando “frentes pioneiras” de expansão do perímetro urbano. As de faixa 2 e 3 foram construídas tanto em periferias consolidadas, quanto também em “frentes pioneiras”. A razão de ambas as localidades é obviamente os preços baixos de aquisição das terras. Nas frentes pioneiras, são adquiridas terras rurais,

muito mais baratas que as urbanas, maximizando os lucros dos empreendedores imobiliários, restando o ônus ao município, que arca com toda a infraestrutura que terá de levar até essas localidades fora da mancha urbana, mesmo que levando de maneira precária, apenas para o transporte das mãos de obra. As análises de Otero mostram que foram produzidos muito mais habitações na faixa 2 do programa do que era demandado, corroborando que os objetivos dos empreendedores, com a conivência do poder público municipal, é a transformação da cidade em negócio, à revelia de uma cidade justa que atenda todos e todas (OTERO, 2016).

Os “loteamentos fechados” são os novos espaços de residência das elites. “Os impactos no território decorrentes desse modelo urbanístico vão atingir grandes proporções, mais significativas que a dos empreendimentos do PMCMV” (OTERO, 2016, pág. 204). Com o aumento da mobilidade, a proximidade do centro urbano passa a não ser mais fator essencial aos espaços da elite, dando lugar a espaços fechados que se vendem pela segurança e exclusividade, e cujo principal fator de localidade é a boa malha viária:

A ampliação do porte e da complexidade dos conjuntos implementados no período recente em Piracicaba, já aponta que é possível prescindir de uma associação mais estreita com a cidade pré-existente; mas, nunca, jamais, das melhores condições de acessibilidade viária, especialmente aquelas possibilitadas pela malha rodoviária que interliga o município às cidades por ele polarizadas. (OTERO, 2016, p. 229).

-

A Hyundai Motor Company foi fundada em 1967 por Chung Ju-Yung². Segundo o diretor executivo e presidente, Chung Mong-Koo, a visão corporativa da Hyundai Motor é “ser a parceira automotiva pela vida inteira de seus milhões de consumidores ao redor do mundo. Nós estamos compromissados em trazer para eles o último em alta qualidade de produtos e serviços automobilísticos”³. Em 1976 ela exportou seu primeiro carro, o Hyundai Pony, para o Equador. Em 1997 abriu sua primeira fábrica fora da Coréia do Sul, na Turquia.

² Site do Wikipédia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hyundai_Motor_Company>. Acesso em 04 de Abril de 2019.

³ Site da Hyundai Worldwide, tradução do autor. Disponível em <<https://www.hyundai.com/worldwide/en/company/corporate/message>>. Acesso em 04 de Abril de 2019.

Em 18 de setembro de 2008, foi anunciada a décima fábrica da Hyundai, a sétima fora da Coréia, a ser construída em Piracicaba. A Hyundai investiu 700 milhões de dólares na construção, segundo informações de seu site, uma fábrica com a capacidade de produzir 36 carros por hora e que “Ocupa uma área total de 1.390.00m², sendo 130.600m² de área construída”⁴. Nessa fábrica é produzido o carro HB20, modelo exclusivo do Brasil.

Em 15 de outubro de 2008, menos de um mês após o anúncio, Piracicaba aprova a Lei Municipal nº 6.336, que prevê doação de terrenos; execução de obras de infraestrutura e serviços como terraplanagem, galerias para escoamento de águas pluviais, guias e sarjetas e pavimentação de ruas; construção de redes de água e esgoto; implantação de rede de energia elétrica e iluminação pública; isenção do Imposto de Transmissão de Bens Imóveis (ITBI) por 5 anos; isenção da taxa de licença para funcionamento em horário normal e especial por até 20 anos; isenção do IPTU por até 20 anos; isenção do Imposto Sobre Serviço de Qualquer Natureza (ISSQN) para sempre; para “empresas fabricantes de veículos automotores, bem como aquelas que fabricam apenas partes, peças e componentes de veículos automotores, que venham a se instalar no Município de Piracicaba” (PREFEITURA DE PIRACICABA, 2008).

Segundo Terci, Goulart & Otero (2017), a prefeitura de Piracicaba desapropriou uma área rural de plantação de cana de 1,84 milhões de metros quadrados ao custo de R\$5,5 milhões para a construção do centro automotivo da Hyundai. O terreno foi doado pela prefeitura, que também fez sua terraplanagem. Em 27 de agosto de 2010 o site da prefeitura anunciava que o governo do Estado de São Paulo investia R\$ 47 milhões e a prefeitura investia R\$ 9,1 milhões na infraestrutura do Parque Automotivo. Ainda segundo os três autores referidos acima, e ainda sobre Piracicaba, “Importante decorrência do empresariamento urbano foi a intensificação da periferização da cidade e consequente produção de vazios urbanos”.

A Hyundai veio a Piracicaba “por oferecer mão-de-obra de qualidade, boa infraestrutura e um parque de fornecedores locais já instalados e de elevada competência

⁴ Site da Hyundai Motor Brasil. Disponível em: <<https://www.hyundai.com.br/sobre-a-hyundai/corporativo/sobre-a-empresa.html>>. Acesso em 04 de Abril de 2019.

técnica”⁵. Ela foi inaugurada no dia 9 de novembro de 2012, trazendo junto oito fornecedoras internacionais, e construindo o Parque Automotivo de Piracicaba.

O Parque Automotivo se estrutura na “indústria principal”, ou “indústria mãe”, a Hyundai, e em seu entorno as oito indústrias fornecedoras de insumos, ou “satélites”. Segundo MENDES E TAKAMI, “A proximidade com a Região Metropolitana de São Paulo, oferta de mão de obra qualificada, sistema de transportes eficiente, universidades e centros de pesquisa” (2017, pag. 237) foram fatores vitais para a vinda da Hyundai, chamados de “vantagens locacionais” de Piracicaba. Os autores também citam como incentivos da prefeitura de Piracicaba para a vinda da Hyundai a ampliação e modernização da Escola Técnica Estadual (ETEC), passando de 1150 para 2300 alunos em 2011, a construção de outra ETEC, de uma Faculdade de Tecnologia do estado de São Paulo (FATEC) e um Instituto Federal (IF). Também foi ampliada a subestação de energia elétrica de Santa Bárbara d’Oeste, para fornecer energia às indústrias, e construído um anel viário para escoar a produção.

⁵ Idem.

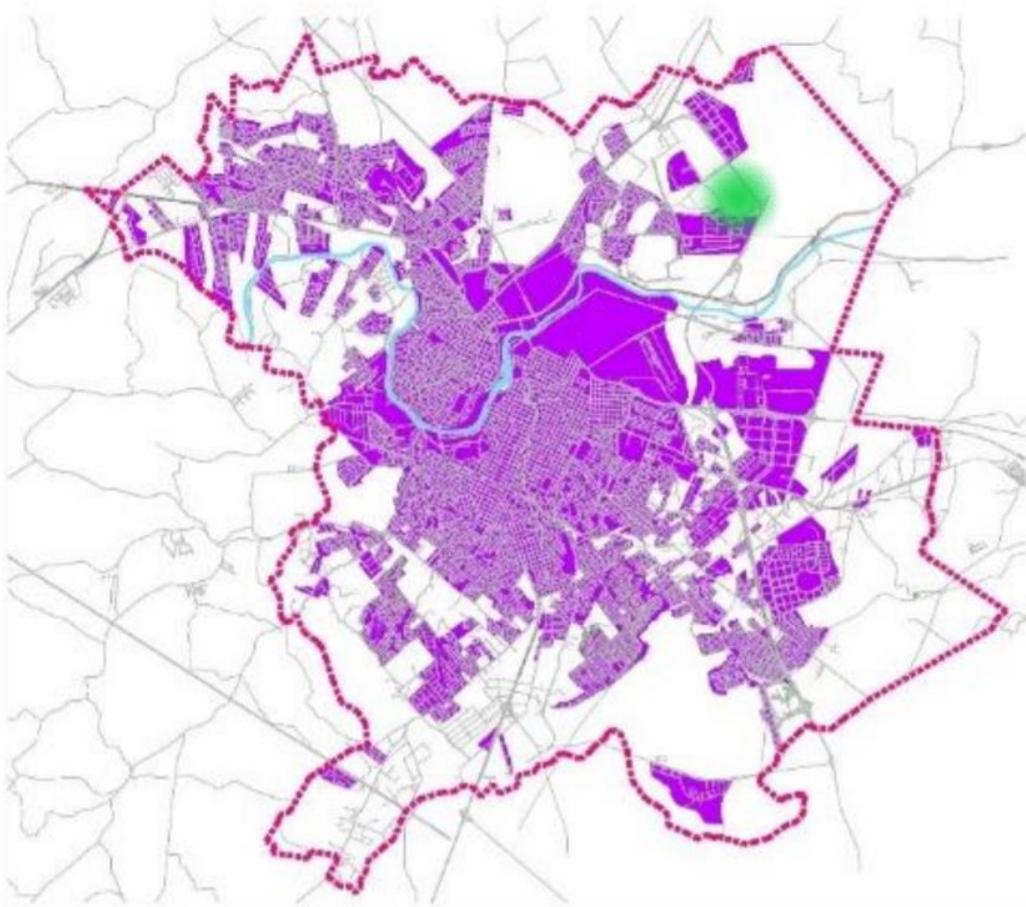


Figura 2: Perímetro urbano de Piracicaba, com a real ocupação urbana nos tons de roxo, e em verde a fábrica da Hyundai. Fonte: Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba – IPPLAP. Acesso em 07 de Junho de 2019.

Além disso, a Hyundai enfatizou que teve como atrativos “[...] o Sindicato dos Trabalhadores e o Sindicato Patronal, cuja convenção coletiva do trabalho é negociada localmente; incentivos fiscais e benefícios” (TAKAMI, 2017, pág. 214).

Em 2009 a aventura imobiliária feita pela Cosan por meio do nome Aguassanta DI anunciou seu primeiro empreendimento, em parceria com a marca Alphaville, no bairro Santa Rosa. Com o sucesso do empreendimento, que vendeu todos seus lotes em pouco mais de três horas, foi anunciado na área um empreendimento maior, denominado Reserva Jequitibá, que compreenderia o “loteamento fechado” Alphaville e os Villa D’Áquila, anunciado em 2011, e Villa Bela Vista, em 2014 (OTERO, 2016).



Figura 3 - Vista aérea Reserva Jequitibá (Marcações de números vermelhos feitas pelo autor). Disponível em: <<http://www.reservajequitiba.com.br/index.php#localizacao-align>> Acesso em 06 de maio de 2019

Na imagem, estão marcados em números vermelhos cada área, com a designação como nos é dada pelo site da Reserva Jequitibá: 1 – Hyundai; 2 – Villa Bela Vista; 3 – Futuros Lançamentos; 4 - Villa D’Áquila; 5 – Alphaville; 6 – Parque Jequitibá; 7 – Boulevard Reserva Jequitibá; 8 – Futuros Lançamentos; 9 – FATEC e IFSP; 10 – Núcleo Parque Tecnológico; 11 – Espaço de Eventos; 12 – Garden Mall; 13 – Hotel Vitória; 14 – Office Reserva Jequitibá; 15 – Raízen; 16 – Futuros Lançamentos; e 17 – Colégio CLQ.

A Reserva Jequitibá se vende pelos diferenciais de “Bairro planejado de uso misto”, “Sustentabilidade”, “Segurança”, “Polo tecnológico” e “Lazer”, é um:

Bairro completo e planejado, consolidado como multiuso por concentrar condomínios de alto padrão, grandes empresas, mall de serviços, espaço para eventos sociais e corporativos, institutos de pesquisas, colégios e faculdades, além de aceleradoras e incubadoras. Reconhecido como um dos principais polos de desenvolvimento e valorização de Piracicaba, o Reserva Jequitibá conta atualmente com a sede da Raízen, Torre Corporativa Office Reserva Jequitibá, Garden Mall de Serviços, Parque Jequitibá, Colégio CLQ, Fatec, Instituto Federal de Educação e os residenciais Alphaville, Villa D’Áquila e Villa Bela Vista. Abriga também o mais representativo ecossistema das startups do agronegócio brasileiro. Tendo como agentes principais o Parque Tecnológico de Piracicaba, a Incubadora Tecnológica, o Pulse Hub/Raízen e AgTech Garage⁶.

⁶ Site do Reserva Jequitibá. Disponível em: <<http://www.reservajequitiba.com.br/projeto.php>>. Acesso em: 21 de Abril de 2019.

Além disso, o site diz que a reserva tem “fácil acesso pelo Rod. SP-147”, fica a 2 km do shopping e é “conectada ao novo anel viário”⁷.

A Reserva Jequitibá, até 2009, era toda plantação de cana de açúcar da Cosan. A Hyundai foi construída em terreno que também era cana de açúcar, comprado pela prefeitura, e está ao lado da Reserva Jequitibá. Inclusive, uma das promessas feitas pela prefeitura para atrair a multinacional foi a construção de um anel viário que conectasse as principais rodovias. Segundo Otero:

Os espaços residenciais fechados e exclusivos, consumidos – como moradia ou investimento – pelos estratos de mais alto poder aquisitivo, ao ocupar as franjas da mancha urbana, vão privilegiar os eixos rodoviários de conexão regional. Objetos de grandes aportes ao longo dos últimos anos, essa malha rodoviária potencializou a centralidade estabelecida por essas cidades. O consumidor ao qual se voltam esses empreendimentos vai extrapolar as realidades locais, açambarcando o mercado regional. Nas falas dos corretores e no marketing dos “loteamentos fechados”, o consumidor regional – investidor ou futuro residente – ganha relevância. (OTERO, 2016, p. 311).

O anel foi inaugurado em 27 de junho de 2016, quatro dias antes de completar três anos do desabamento de parte de sua estrutura, matando cinco operários⁸. A obra foi um investimento público de 79 milhões, fazendo um contorno de 9 quilômetros, 7 viadutos, uma ponte sobre o Rio Piracicaba e dois dispositivos de acesso e retorno. Sua execução ficou na mão da empresa terceirizada Rodovias do Tietê, que em nota disse lamentar o “acidente”, considerado uma “fatalidade”⁹. Os dois dispositivos de acesso e retorno estão próximos da Hyundai e do Parque Automotivo¹⁰. O anel viário foi inaugurado pelo governador do estado, Geraldo Alckmin, e pelo prefeito de Piracicaba,

⁷ Site do Reserva Jequitibá. Disponível em: <<http://www.reservajequitiba.com.br/index.php>>. Acesso em 23 de abril de 2019.

⁸ Site do G1, Globo. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2013/07/acidente-em-obra-do-anel-viario-de-piracicaba-deixa-funcionarios-feridos.html>>. Acesso em 23 de abril de 2019.

⁹ Site do G1, Globo. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2013/07/policia-abre-inquerito-para-investigar-acidente-no-anel-viario-de-piracicaba.html>>. Acesso em 23 de abril de 2019.

¹⁰ Site da Prefeitura de Piracicaba. Disponível em: <<http://www.piracicaba.sp.gov.br/imprimir/obras+estao+aceleradas+no+novo+anel+viario+1.aspx>>. Acesso em 23 de abril de 2019.

Gabriel Ferrato¹¹. Na inauguração, ambos falaram dos benefícios para toda a população que aquele anel viário traria.

A hipertrofia do setor imobiliário nas economias locais vem contando, ao longo de todo o período recente, com o devido suporte e incentivo dos poderes públicos locais, sob variadas formas, de modo a criar um ambiente propício à produção do espaço urbano e à reprodução dos capitais. (OTERO, 2016, p. 252).

Através de seguidas alterações no Plano Diretor com Leis Complementares (L.C.), o município aumentou o perímetro urbano que deveria estar congelado, com justificativas sempre de que para atrair novos investimentos, e ajustar a regulamentação urbanística ao “dinamismo do crescimento urbano e econômico”¹². Justificam a contradição com o que o próprio poder público propôs anos antes, de congelar o perímetro urbano para ocupar os vazios urbanos - na forma de lotes dentro da mancha urbana já construída, legal e com infraestrutura – dizendo que esses lotes são muito caros, ou seja, mencionando a especulação imobiliária que os próprios deveriam combater com os instrumentos dispostos no Estatuto das Cidades e no Plano Diretor, “a regulação urbanística vem sendo construída de modo a permitir uma atuação desembaraçada dos agentes imobiliários na produção da cidade” (OTERO, 2016, pág. 286).

A despeito de o Plano Diretor ter definido como eixo estruturador o congelamento do perímetro urbano, este foi expandido em oito oportunidades entre 2004 e 2010, passando de 164,04 km² para 211,7 km², ampliando as áreas industriais: em 2006 a implantação do Distrito Industrial Noroeste para a instalação de uma joint-venture do setor sucroenergético, a Raízen, e em 2008 para a implantação do Centro Automotivo. Contradições flagrantes entre planejamento urbano municipal e as demandas econômicas de grupos privados (Goulart; Terci; Otero, 2013). O encarecimento do solo foi de 100%, pois os novos distritos se localizam em antigas áreas rurais incorporadas ao perímetro urbano. (TERCI, GOULART & OTERO, 2017, p. 158)

O congelamento do perímetro urbano estabelecido no Plano Diretor de 2006 visava a ocupação dos vazios urbanos que em 2000 correspondiam a 50% do território. Mas diversas Leis Complementares corroboraram as oito oportunidades de crescimento do perímetro (TERCI, 2018, p. 464), que entre 2004 e 2010 cresceu 32%, aumentando os

¹¹ Site do G1, Globo. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2016/06/obra-de-ponte-e-inaugurada-3-anos-apos-queda-matar-5-em-piracicaba.html>>. Acesso em 23 de abril de 2019.

¹² Site da Câmara de Vereadores de Piracicaba. Disponível em: <<http://www.camarapiracicaba.sp.gov.br/aprovadas-mudancas-no-plano-diretor-de-piracicaba-12290>>. Acesso em 31 de Maio de 2019.

vazios para 52% do perímetro urbano total da cidade (GOULART; TERCI & OTERO, 2013, p. 192). “As principais ampliações deveram-se as demandas industriais: a LC n.186/2006 que instituiu o Distrito Industrial Noroeste [...] e em 2008 na região nordeste para a implantação do Parque Automotivo de Piracicaba, denotando o empresariamento da gestão urbana” (TERCI, 2018, p.464).

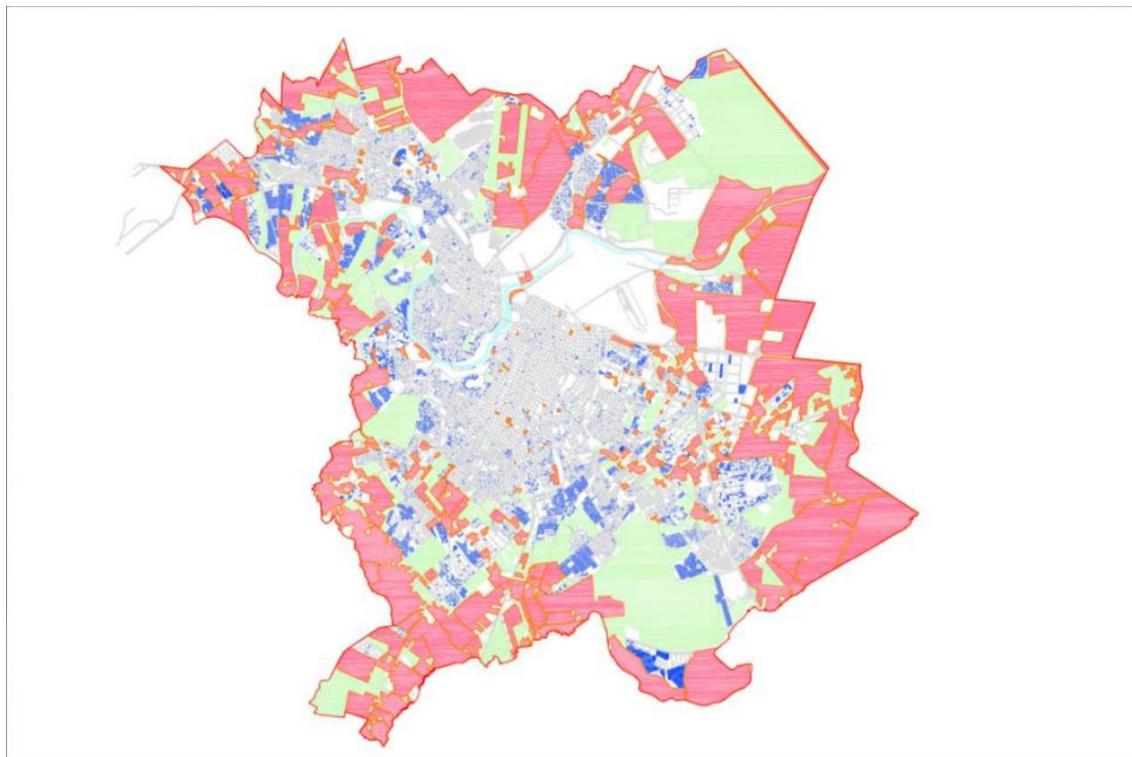


Figura 4: Em colorido, os vazios urbanos de Piracicaba. Fonte: Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba – IPPLAP. Acesso em 07 de Junho de 2019.

Entre 2008 e 2010 Piracicaba gastou 60% de suas despesas correntes em “vultosos investimentos” para atrair a Hyundai, causando tanto aumento das taxas de emprego industrial quanto “expansão incontrolada do perímetro urbano e consequente intensificação da periferização” (TERCI, GOULART & OTERO, 2017, p. 168).

Essas contradições mostram a atuação do poder público defendendo um novo tipo de interesse, o imobiliário. Isso acontece quando o setor imobiliário “aquece” e valoriza enormemente, ganhando importância como força econômica, e integrando o leque de atividades das elites, que a exemplo da Supricel, do Grupo Aversa e da Cosan, investem no setor criando braços de empreendimento imobiliário nas empresas (OTERO, 2016).

As relações das elites locais com o poder público ficam óbvias, por exemplo, na atuação da Associação Comercial e Industrial de Piracicaba (ACIPI), principal instituição de representação do empresariado piracicabano,

[...] sendo originados em seus quadros componentes relevantes do primeiro escalão do executivo local em administrações de distintos campos políticos: o ex-secretário de Indústria e Comércio (2001-2004), o ex-presidente do Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba (2004), o secretário municipal de Trabalho, Emprego e Renda (2013-2016) e o secretário de Governo (2009-2016) provêm de seu corpo direutivo, para ficarmos apenas no período recente. (OTERO, 2016, p. 305).

Enquanto isso, para governar por consenso (SANTOS, 2016), as elites e o poder público buscam um discurso hegemônico que justifique a cooptação da cidade por eles. Os discursos oficiais da gestão municipal foram e são reproduzidos pela mídia em eco, tentando convencer a população, sempre, de que aquilo tudo beneficia a todos, associando crescimento econômico à valorização imobiliária e desenvolvimento da cidade.

Segundo Harvey (2005), o empreendedorismo urbano começa a tomar as gestões urbanas a partir da década de 70 como suposta forma de conseguir benefícios para as cidades. Ele é também a transição entre o sistema fordista apoiado no bem-estar social, e o modelo de acumulação flexível. No empreendedorismo urbano, o governo e a administração pública funcionam como “facilitadores” do desenvolvimento urbano, enquanto o poder de reorganização da vida urbana está em outra parte. As autoridades locais ganham autonomia, e passam a focar suas intervenções e investimentos públicos em parcerias público-privadas, que ao fim são grandes subsídios em forma de infraestrutura e isenções, ao grande capital, são riscos de atividades especulativas assumidas pelo público, e os benefícios pelo privado. Enquanto as políticas sociais que visem o bem-estar da população, a diminuição das desigualdades e dos problemas urbanos, ficam esquecidas.

Ainda segundo Harvey (2005), a história do empreendedorismo urbano no mundo acumula grandes sucessos e grandes desastres, pois ele centra em atividades especulativas, sempre, e tem na concorrência interurbana algo estruturante, tornando instável as ações e investimentos das coalizações locais que o formam. Além disso, na concorrência para atrair os capitais multinacionais:

[...] a competição parece funcionar não como uma mão oculta benéfica, mas sim como uma lei coerciva externa, impingindo o menor

denominador comum relativo à responsabilidade social e à oferta de bem-estar num sistema urbano organizado de modo competitivo. (HARVEY, 2005, p. 180)

Com a flexibilização de leis trabalhistas no nível nacional, o empreendedorismo urbano traz os acordos coletivos trabalhistas para o local, precarizando as relações de trabalho. Em um mundo globalizado, são essas relações na forma de oferta de mão de obra barata, além da provisão de infraestrutura e outros subsídios, que determinam a localização do capital multinacional, que pode facilmente pular de cidade para cidade e região e país, aonde quer que a concorrência interurbana leve a condições melhores, a ofertas mais “competitivas”.

A assunção do risco pelo setor público e, em particular, a pressão para o envolvimento do setor público na oferta de infraestrutura, significou que, para o capital multinacional, o custo da mudança localizacional diminuiu, proporcionando maior mobilidade geográfica a esse mesmo capital. Desse modo, o novo empreendedorismo urbano aumentou a flexibilidade geográfica pela qual as empresas multinacionais podem abordar suas estratégias localizacionais. Conforme a localidade se torna o lugar de regulamentação das relações trabalhistas, isso também contribui para a crescente flexibilidade das estratégias administrativas em mercados de trabalho geograficamente segmentados. (HARVEY, 2005, p. 179)

Conforme TERCI, GOULART & OTERO (2017) explicam, um mesmo artigo de David Harvey foi traduzido, em diferentes momentos, para empreendedorismo e para empresariamento urbano. Como eles, peço para considerarem aqui similar ambos os termos.

Voltando à Piracicaba, “Para esta última cidade [Piracicaba], o empresariamento da gestão urbana, inclusive, vai se traduzir na forma de incentivos à atração de investimentos industriais, demanda à qual a política urbana vai se moldar e se ajustar continuamente” (OTERO, 2016, pág. 270).

Em 09 de novembro de 2012 foi oficialmente inaugurada a nova fábrica da Hyundai em Piracicaba.

De acordo com o Secretário de Desenvolvimento Econômico do município citado, houve “guerra fiscal” entre várias cidades do interior paulista para implantar a fábrica automotiva mencionada. No caso, Piracicaba saiu “vitoriosa”, mostrando sua capacidade em atrair multinacionais, apesar de não ter qualquer tradição no referido setor. (TAKAMI, 2017, p. 121-122).

Como Acselrad (2013) menciona, as multinacionais ocupam espaços esquecidos, às vezes propositalmente, pelo Estado, para se justificar socialmente com as populações, legitimando quaisquer de suas ações. Essas práticas são chamadas pela Hyundai de “responsabilidade social” - um programa que envia universitários à lugares carentes, um trailer adaptado odontologicamente para atender gratuitamente crianças e familiares, ou até o patrocínio da Festa das Nações¹³. A empresa também diz plantar 48 mil mudas reflorestando uma área “local”; que na fábrica “100% dos resíduos gerados são selecionados, 90% reciclados e 10% recebem tratamento final ambientalmente adequado, atingindo a meta aterro zero”. Sobre a área de meio ambiente em sua política de Sistema de Gestão Integrado, diz

Proteger o meio ambiente através da gestão eficaz dos aspectos significativos de suas atividades, produtos e serviços, objetivando a prevenção da poluição e o aumento do desempenho ambiental, tendo o consumo de recursos como o principal desafio para a sustentabilidade¹⁴.

TAKAMI (2017) fez pesquisa com três multinacionais automobilísticas asiáticas com fábricas no interior do estado de São Paulo. Dos 3172 trabalhadores da Hyundai, 2734 são locais, 392 são de outras regiões do país e 46 são estrangeiros. A tecnologia usada em sua indústria vem da Coréia do Sul. A Hyundai respondeu em questionário que há colaboração com a Universidade de São Paulo e a Universidade Estadual de Campinas pelo fornecimento de mão de obra qualificada empregada como *trainee*. Como vantagem locacional de Piracicaba, a Hyundai respondeu:

- O fácil acesso de Piracicaba, por rodovias, até São Paulo, onde localiza-se o maior mercado consumidor brasileiro; - A mão de obra piracicabana é barata; - A existência de uma política de atração de montadoras no Brasil; - O elevado consumo de automóveis pelos brasileiros. (TAKAMI, 2017, p. 193).

A Hyundai não tem laboratório de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação (PD&I) no Brasil ou na América Latina. A matriz da Hyundai na Coréia do Sul é responsável pela organização da cadeia produtiva e administrativa da fábrica da Hyundai

¹³ Site da Hyundai Motor Brasil. Disponível em: <<https://www.hyundai.com.br/sobre-a-hyundai/corporativo/sobre-a-empresa.html>>. Acesso em 04 de Abril de 2019.

¹⁴ Site da Hyundai Motor Brasil, Sistema de Gestão Integrada. Disponível em: <https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/blueprint-cdn.searchoptics.com.br/60240f87af6f398961710bebdea69a79/catalog/politica_hmb_rev01.pdf>. Acesso em 07 de Abril de 2019.

no Brasil, pela publicidade, pelas normas técnicas, pelo controle de qualidade e pela PD&I, “demonstrando que as multinacionais contratam, majoritariamente, mão de obra local menos especializada” (TAKAMI, 2017, pág.196).

Sobre as vantagens em terceirizar, a Hyundai respondeu “o menor risco trabalhista e de interrupção da produção”. Sobre as desvantagens, “perda de controle e segurança da informação”. Perguntadas, enfim, sobre o futuro da terceirização nas empresas, e se irá aumentar ou diminuir, a Hyundai respondeu que já terceirizou tudo que era possível, mas dependerá também das “leis que orientam as ações das empresas. Neste movimento de mudar a legislação, pode ser que a terceirização aumente demasiadamente”. A Honda respondeu que dependerá da crise econômica, e lembrou que a “Justiça do Trabalho e o sindicalismo também influenciam muito nas questões trabalhistas e tem provocado despesas adicionais à classe empresarial” (TAKAMI, 2017, pág. 213). A famosa luta de classes.

3 - DESENVOLVIMENTO ROMÂNTICO

Aos dezoito de Setembro de dois mil e oito, a Hyundai Motor Manufacturing Brasil, subsidiária da empresa sul-coreana Hyundai Motor Company, assinou contrato de intenções com o então governador do Estado de São Paulo, José Serra, para construção de uma fábrica de automóveis em Piracicaba. Na ocasião, o portal do governo escreveu:

Além de fatores como logística, condições de infraestrutura, recursos humanos e mercado consumidor, a opção da Hyundai por São Paulo foi motivada pelo Programa Estadual de Incentivo ao Investimento pelo Fabricante de Veículo Automotor, regido pelo Decreto 53.051, de 3 de junho de 2008, que prevê a possibilidade de utilização de créditos acumulados de ICMS para a realização de novos investimentos (PORTAL DO GOVERNO, 18/08/2008).

No dia seguinte, o portal da prefeitura de Piracicaba também anunciou o acordo, copiando o texto na íntegra do portal do estado.

Nos anos que se seguiram, cidade e estado investiram milhões para receber a empresa.

A fábrica da Hyundai foi inaugurada no dia nove de novembro de dois mil e doze em evento festivo que apresentou o modelo HB20, exclusivo do Brasil, ao público. O prefeito de Piracicaba, Barjas Negri, disse que a vinda era “fruto de um trabalho coletivo entre indústrias, sindicatos, governo federal e estadual para que pudéssemos recepcionar os investimentos da Hyundai. Foram seis anos de trabalho e luta para Piracicaba ser escolhida, e hoje uma área que antes era canavial se transformou no polo da indústria automobilística”. Michel Temer, ainda vice da legitimamente eleita presidente Dilma Rousseff, disse que “O Brasil está se tornando um país atrativo para o investimento internacional e a fábrica traz efeitos benéficos para geração de empregos e economia” (PREFEITURA MUNICIPAL DE PIRACICABA, 2019).

“Geração de empregos” foi um termo muito ouvido pelos presentes.

A população estimada do Estado de São Paulo em 2018 foi de 45 milhões 538 mil e 936 pessoas. É o estado mais populoso do Brasil. Sua população é menor que apenas 30 países do mundo, e maior que países como Argentina, Canadá e Argélia. Tem o dobro da população do Chile, o triplo da população do Zimbábue, o quádruplo da população da

Grécia, Bolívia e Bélgica. Seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é 0,783. Tem 248.219,627 quilômetros quadrados de território, e PIB de 2 trilhões 222 bilhões e 469 milhões, o mesmo que a soma dos PIBs da Argentina, Uruguai, Paraguai e Bolívia. Estaria entre os 20 maiores PIBs do mundo se fosse país. Seu índice de Gini em 2010 era 0,56.¹⁵

São Paulo começou a crescer na virada do século setecentos para oitocentos, com lavouras de café. Ferrovias integraram o interior à capital, articulando a economia de exportação que enriquecia o estado através do centro administrativo da cidade de São Paulo. Os fins do século XIX transformaram as cidades com a chegada dos recém abolidos escravos negros e o fluxo de imigrantes brancos - que forneceriam a mão de obra assalariada à uma elite latifundiária racista e, pouco depois, à uma nascente burguesia urbana também racista, embasadas nas teorias eugenistas que diziam ser o embranquecimento da população o caminho para uma nação próspera (MACHADO, 2013).

As cidades cresceram. Fazendeiros se mudaram para mansões nos centros urbanos, e a economia urbana que girava na administração das exportações de sacas de café, dinamizou e aos poucos se tornou independente, com comércio, construção civil, serviços. No começo do século XX começa a industrialização das cidades. E em meados dos anos 70, começa a abertura ao capital estrangeiro, o desmonte da industrialização nacional, a liberalização do Estado, o incentivo à vinda de corporações multinacionais e as guerras fiscais entre as regiões do país e dos estados.

Em meados da década de 1970 também começa a desconcentração industrial da capital São Paulo e a interiorização das indústrias, procurando lugares mais “competitivos”. Sobram abandonados os prédios, as casas, as ruas construídas para elas, que elas não levam junto. Nesse espraiamento chegam à cidade de Piracicaba, uma das 645 do estado, lugar onde o peixe para. Algumas indústrias param, e muitas continuam, mas é Piracicaba aonde conta nossa história e pesquisa.

¹⁵

ATLAS BRASIL. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_uf/sao-paulo>. Acesso em 13 de Março de 2019.

Piracicaba foi oficialmente fundada em 1º de agosto de 1767, mas há indícios de ocupação portuguesa na região desde pelo menos 1725, sendo provável a presença de pescadores e agricultores antes. Em 1733, o sertanista Manuel Corrêa Arzão saiu de Piracicaba às ordens do governador da Capitania de São Paulo para matar os índios Paiaguás que viviam mais a oeste. Em 1766 o capitão Antônio Corrêa Barbosa foi enviado para fundar um povoado (NEME, 1974). Em 1774 Piracicaba se tornou Freguesia, com estimados 230 habitantes, e Vila em 1821, mudando de nome para Vila Nova da Constituição nos ânimos da esperada independência (Netto, 2015). Em 1872 o Censo levantava uma população de 15.753 piracicabanos, dos quais um terço eram escravos (Otero, 2016).

Voltou a ser Piracicaba em 13 de abril de 1877, 21 anos e 11 dias depois de ser elevada à categoria de Cidade, por petição do vereador Prudente de Moraes, que dali 17 anos seria o primeiro presidente civil do Brasil, e o primeiro presidente eleito pelo voto direto (Netto, 2015) que nem todos podiam votar. Foi também o presidente que iniciou a “modernização” nacional (TERCI & BILAC, 2001).

Piracicaba começou a se industrializar com a Tecelagem Santa Francisca de 1874 e, principalmente, com a fundação do Engenho Central em 1881, projeto de engenheiros franceses por encomenda do Barão de Rezende, e continuou nas próximas décadas a partir de bem-sucedidas empreitadas familiares, como as das famílias Ometto nas usinas de açúcar que se tornaram Cosan, e Dedini nas indústrias de base de usinas.

A partir de 1930 a sociedade rural orgulho da elite piracicabana, caracterizada pela policultura e pelas pequenas propriedades, símbolos de uma sociedade moderna em oposição ao atraso que o latifúndio representava, muda. A intervenção do governo Vargas na agroindústria canavieira dá certo, e o setor diminui os riscos e aumenta a lucratividade.

O café em crise perde mão de obra para a cana. A agricultura moderniza. As usinas de cana ganham força, e aos poucos estendem sua monocultura para cima das policulturas, expulsam os “colonos” a quem cediam uso de suas terras pois não são mais necessários, e compram outras tantas pequenas propriedades. A elite urbana se preocupa com a centralização de terras em latifúndios e o risco que representava à imagem de cidade moderna, mas nada faz.

A área urbana de Piracicaba cresce nas décadas que seguem, e sua população aos poucos se torna maior que a rural. Primeiro chegam os agricultores expulsos do campo,

pois as lavouras de cana mecanizaram tudo menos a colheita, e não era viável manter mão de obra ociosa por dez meses para os dois de colheita, eles chegam na cidade e se tornam trabalhadores volantes, boias-frias. Então chegam os migrantes de outras regiões e estados, pois junto à lavoura crescem as indústrias metal-mecânicas, que até a década de 30 eram apenas pequenas oficinas.

Uma delas, a Dedini, se aproveita da transição dos engenhos centrais para as usinas, mais avançadas tecnologicamente, do aumento da produção de açúcar e álcool em todo o país e das políticas pós-guerra dos países europeus que restringiam as exportações, e começam a fornecer tecnologia avançada para as usinas nacionais, em pouco se tornando a maior indústria da região. Ela impulsiona as outras indústrias, e dá início à tradição industrial da cidade.

Enquanto tudo isso acontece, as elites piracicabanas estão preocupadas em modernizar a cidade para conseguir bons cartões postais. Como sempre, cooptam o poder público para as intervenções que saciem seus desejos de ser Europa, poder que passa décadas criando avenidas, ruas, pontes, aumentando praças, trocando as fontes das praças, arborizando as praças, expulsando os mendigos do centro, expulsando os pobres e os negros do centro, expulsando os jogos, as bebedeiras, as orgias, tudo que maculasse a imagem daquelas ruas e prédios e praças, e tirasse seus ares gringos. Também fazem a distribuição de água e coleta de esgoto, o fornecimento de energia elétrica e a iluminação das ruas, a modernização do sistema telefônico. Tudo a partir do centro, e aos poucos indo ao resto da cidade, às vezes chegando até, precariamente, nas periferias.

Periferias que, mesmo ignoradas, continuam a crescer, pois não precisam dos olhos e dos cuidados do poder público para isso. E percebendo que crescem independente do alardear da mídia, que não precisam do prefeito e sua grande tesoura para inaugurar seus barracos, que abrem ruas em terra sem as elites clamando que absurdo cadê a pavimentação, percebem também que na verdade não importam a nenhum deles, desde que fiquem aonde estão e não se mostrem nos cartões postais da cidade, e até o momento em que impedirão o caminho do progresso, que caminha impávido, destruindo casas e expulsando-as para mais longe.

Mas elas, as periferias, continuam existindo e trabalhando e enriquecendo eles todos, então é questão de tempo até se organizarem e dizerem Basta, aqui ficamos, esse é nosso lar e dele não seremos novamente expulsos às novas periferias para tornarem essas

também centro. Precisamente em 1977, na liderança de mulheres que resistem aos tratores enviados pela prefeitura para derrubar suas casas no Bairro Vila Cristina (Pereira, 2012). Elas começam ali a Associação dos Favelados de Piracicaba, que seria oficialmente fundada em estatuto no dia 18 de abril de 1982 (TERCI et al, 2005).

Essas periferias não param de crescer pois seus moradores são aqueles trabalhadores expulsos do campo ou vindos de mais longe, e somados uns aos outros, formam a união dos exércitos de reserva urbano e rural, que quanto maior fica menos ganha, naquela curiosa auto regulação que se a alguns ainda era crível, ao descobrirem que quem fazia era uma mão invisível, a todos deixou de ser, e de fato aos que ainda acreditavam ficou uma grande raiva por se verem feitos de tolos. Mas as elites tinham um instrumento poderoso para acalmar esses ânimos, que chamavam monopólio da violência legal, e ainda têm.

No campo o latifúndio se consolida com outro programa do governo federal, feito durante uma ditadura militar que durante 21 anos matou, torturou, perseguiu e reprimiu o povo dizendo estar a salvá-lo do comunismo, esse o sonho de um mundo em que todos bem vivessem, bom, com esse programa chamado Proálcool os donos da Cosan, então já a maior usina de açúcar e álcool da região, viveram melhor que o muito bem que já viviam.

Como a mão de obra ainda era abundante e podiam pagar a ela apenas o necessário para que se reproduzisse precariamente nas nascentes favelas, era mais lucrativo manter a colheita manual do que mecanizá-la. Por enquanto, pois em breve essa mão de obra exigiria regalias como alojamentos decentes com pelo menos água quente, e privada para as necessidades, pagamento pelo tempo que demoravam para chegar e voltar do campo e aumento no quanto pagavam pelo metro da cana cortada, diziam estar a trabalhar vinte e quatro horas seguidas para os filhos terem o que comer, e estarem os próprios filhos, se fortes o bastante para empunhar o facão, a também cortar a cana, mas não pensavam nos empresários e patrões, que se arcassem com todos esses privilégios trabalhistas teriam que mecanizar a colheita que se tornara muito “onerosa”. Mas isso ainda levará algum tempo.

A cidade cresceu, suas gestões continuaram, salvo raras exceções, fazendo pontes e ruas, reformando praças e doando terrenos para empreitadas como o “Edifício Luiz de Queiroz”, que aos seis de novembro de 1964 desabou pois seus empreiteiros, a

elite local, quiseram fazê-lo maior que nos planos, para dar à cidade e à memória de Luiz a obra mais magnânima vista naquelas terras, elite tão generosa que teria em troca apenas os negócios imobiliários de vender e alugar, é compreensível que tenham se dito também vítimas do desabamento que matou 46 operários. Mas tudo bem, as gestões públicas fizeram um estádio de futebol, batalharam para a construção de um shopping center, guerrearam para serem escolhidas por multinacionais e realizaram os sonhos quase impossíveis.

Acaba o século final do segundo milênio pós-cristo. Os primeiros anos do novo milênio marcam duas tendências curiosas da construção civil, as moradias populares e os enclaves fortificados.

Os governos do presidente Lula (2003-2010) e da presidente Dilma (2011-2016) influenciaram por muitos meios a cidade, o campo, e as vidas que nelas vivem. Um desses meios foi o Programa Minha Casa Minha Vida, construindo milhares de habitações populares que finalmente, depois de décadas de programas de habitação de outros governos no século que passara, atenderam à classe trabalhadora.

Entretanto, deixando sua execução nas mãos das empreiteiras com a regulação dos municípios, aquela mesma mão invisível, em que ninguém já acreditava, voltou a ser falada para justificar os condomínios habitacionais construídos o mais longe possível do centro, alguns até além das franjas da cidade, convertendo solo rural em urbano. Os empresários diziam que se assim não fosse tal seria inviável, ou seja, ou era assim ou não era, e o município poderia dizer que não era, mas não disse. Pois o processo todo valorizaria a terra urbana, e poucas pessoas tinham muitas terras, e essas poucas pessoas faziam parte da elite.

O curioso é que os enclaves fortificados da elite também foram construídos fora do centro da cidade, alguns até perto das franjas, o que por algum tempo confundiu o termo *periferia*. Mas assim que os enclaves foram erguidos a confusão acabou e os termos quase voltaram à normalidade do que significavam. Pois os poucos casos em que esses enclaves, ou loteamentos fechados de alto padrão, eram construídos próximos às áreas de maior pobreza, os muros que os separavam eram tão grandes, e a tecnologia que vigiava esses muros, e os seguranças que olhavam as tecnologias vigiando os muros e também olhavam os muros, que ninguém se atreveu a dizer que um era vizinho do outro. Um caso curioso desses loteamentos de alto padrão é em um bairro que ainda se chama Santa Rosa.

Nele construíram três enclaves, o Alphaville, o Villa D’Áquila e o Villa Bela Vista. Então para juntar os três e valorizar mais a região é apresentado em 2009 o “empreendimento Reserva Jequitibá”, um bairro planejado que teria dentro dele escolas bilíngues, centros comerciais, torres de negócios, parque sustentável, e segurança. Parte dessas terras eram plantações de cana da Cosan, que com o nome Aguassanta DI apresentou esse empreendimento. Falaram que também queriam mudar o nome do bairro Santa Rosa para Reserva Jequitibá, para não ter risco de confundirem o novo e moderno bairro com aquele bairro popular. Já o Santa Rosa continua lá, ao lado, mas não explicaram bem se também mudará de nome, ou se isso desvalorizaria o empreendimento.

Nossa história caminha para esses bairros, pois ali ao lado, em uma área que também era plantação de cana de açúcar, foi anunciada, um ano antes do empreendimento, a construção da fábrica daquela multinacional sul coreana.

E, com a multinacional, veio a intervenção dos poderes públicos na região, cumprindo as promessas feitas para trazê-la.

Atualmente, Piracicaba tem extensão territorial urbana de 240,72 km² e rural de 1.137,78 km² (IPPLAP/2015), população total estimada em 400 mil 949 pessoas, segundo o IBGE em 2018, e grau de urbanização de 98,15% segundo o SEADE em 2018, sendo grau de urbanização o “Percentual da população urbana em relação à população total” (site do IPPLAP, Território, Grau de Urbanização, 2018), o que na regra de três resulta em 393 mil 531 pessoas em área urbana e 7 mil 418 pessoas em área rural. Piracicaba apresentava PIB de 21 bilhões 644 milhões 884 mil reais (IBGE, 2015); PIB Per Capita de 56 mil 745 reais (IBGE, 2014); Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) 0,785 (PNUD, 2010); Índice de Gini 0,5398 (DATASUS, 2010).

Além dos dados, existem as vidas, que em encontros no sinal deflagram os abismos que as separam, mesmo naturalizados. Mas essas histórias são contadas aqui apenas lateralmente.

É interessante observar que a busca das elites locais pela modernidade e pelo desenvolvimento, nas manifestações e impressões presentes na imprensa, expressam as contradições desse processo de modo bastante peculiar: de um lado a necessidade de afirmação de uma imagem cosmopolita e aberta aos eventos da modernidade, através da divulgação

e incorporação dos novos hábitos e costumes da sociedade de consumo e, de outro, os resquícios ruralistas de uma cidade interiorana e agrícola na preocupação com a perda das tradições, da memória com a constante destruição da velha arquitetura, da quietude e da vida pacata do campo, presentes nas manifestações preservacionistas do destino agrícola e da policultura. (BILAC et al, 2001, p. 164).

4 - DIÁLOGOS

Neste capítulo faço o proposto por Becker (1999), juntando os referenciais teóricos às entrevistas semiestruturadas, às vivências na cidade e às percepções do mundo, e desenvolvendo ideias, teorias e análises próprias.

Piracicaba, como todas cidades, guarda suas semelhanças, relações e especificidades.

Seu poder público foi e é cooptado pelas elites para defender seus interesses (BILAC & TERCI, 2001) (FERREIRA, 2005) (HARVEY, 2005). Ela também cresceu e inchou com migrações daqueles tantos expulsos de suas terras, e de outros tantos que vagam por esse país atrás de uma vida melhor.

E, como cidade no mundo capitalista (MARICATO, 2015), é local de disputa e ação de diferentes agentes urbanos (HARVEY, 2005), com desiguais poderes de reorganização dos espaços urbanos. A Cosan e os cortadores de cana organizados. As elites do centro e a ASFAP. Como o resto desse mundo, tem desigualdades, injustiças e sofrimentos, que são estruturais do capitalismo.

Mas sua história é única.

Piracicaba começou o século passado com policulturas em um campo de pequenas propriedades, orgulho para as elites da cidade. Essas elites dominavam desde então, como já dito, o poder público, que intervia na cidade para satisfazer seus desejos.

A leitura de matérias em jornais e artigos de piracicabanos nos mostra o ufanismo das classes médias com a cidade, e a exaltação de suas elites, convergindo com o teorizado por Souza (2017) sobre as relações entre classes no Brasil. A mídia e as classes médias piracicabanas, com textos eufóricos, “passam o pano”¹⁶ para as elites e as gestões públicas a seus serviços, rebatendo a apropriação do público pelo privado, feita através de doação de terras, isenção de impostos, execução de infraestruturas (a típica cooptação),

¹⁶ Para um caso emblemático de exaltação das elites e “passação de pano” aos seus crimes, vejam as matérias de jornais locais sobre a construção e desabamento do edifício Luiz de Queiroz, conhecido popularmente pelo nome da sociedade que empreitou o prédio, COMURBA, uma associação de ricos empreendedores e membros do poder público. Mais precisamente, as matérias do Jornal de Piracicaba dos dias 24 de agosto de 1958, 14 de agosto de 1970 e 16 março de 1965 (citados por BILAC et al., 2001).

com delírios bairristas que vinculam, no fim, a função da cidade à sua estética. Exaltando, por exemplo, a construção de pontes, o asfaltamento de ruas, o novo chamariz que veio direto da Europa para a praça central, enquanto fome e moradias precárias são ignoradas nas periferias e nas ruas.

Através de projetos assistencialistas (ACSELRAD, 2013) a elite é adorada pelo povo, preenchendo o papel da gestão pública em inversão curiosa, pois é o mesmo poder público cooptado por ela para intervir de acordo aos seus interesses que, assim o fazendo, deixa de lado os interesses e necessidades da população. “Conforme já dissemos, era através do assistencialismo prestado na cidade que essa elite ganhava prestígio, poder e simpatia popular” (BILAC et al., 2001, pág. 159). Além disso, se justifica como elite, justifica que tenha tanto dinheiro pois sabe como gastá-lo (SOUZA, 2017), ajudando os pobres e modernizando a cidade.

No campo, foram as políticas nacionais de incentivo ao setor de açúcar e álcool, e o desenvolvimento de tecnologias agrícolas, que com os anos centraram as terras nas propriedades de poucas grandes usinas.

Uma delas, a Costa Pinto, começou com o fôlego esperançoso de Caterina Ometto, a “*mamma heroica*”, que em uma vida de esforços bem sucedeu em começar um império digno de filmes (NETTO, 2015, p. 130). Uma das raras histórias que inspiram a meritocracia piracicabana. Seu império, a Cosan, se tornou uma das principais produtoras de açúcar e álcool do país, se juntou com a multinacional Shell em uma joint venture e dominou o mercado nacional e internacional. E, como toda grande empresa capitalista, cresceu e lucrou na exploração de vidas e recursos, em histórias que não são bonitas como a da *mamma heroica*.

Em suas lavouras trabalhadores e trabalhadoras foram tão exploradas quanto em outras, e seus corpos suaram como suou o de Caterina. Mas eles e elas não lograram em construir para suas famílias o mesmo futuro dos Ometto, pois não podem todos ganhar no jogo do capital - apesar dos que dizem existir a regra chamada meritocracia, que asseguraria ao trabalho árduo os melhores frutos. Esses milhares de trabalhadores que construíram com suor e sangue, com o tempo de suas vidas, a poderosa Cosan, desconhecem até hoje os melhores frutos.

E hoje a Cosan, como as outras elites locais, volta parte de todo o capital e terras acumuladas ao longo de sua história ao setor imobiliário.

Segundo Estevam Vanale Otero, professor da FAU-USP, em entrevista feita a este que escreve, sentados no Pira Bike Café às 10h30 de uma terça-feira, décimo quarto dia do mês maio de 2019, as elites de Piracicaba passaram a se envolver, de um jeito ou outro, com o setor imobiliário a partir do boom dos anos 2000.

A gente tem aí uma sobreposição de vários grupos econômicos que tem poder local e que vão tanto participar da administração, cooptando e se apropriando do Estado, quanto tem grandes interesses no setor imobiliário. Então várias frações da elite local começaram ou sempre tiveram esse interesse no imobiliário. Ou por serem proprietários fundiários tem interesse nessa máquina especulativa, ou então nesse período do boom se reorientaram para o imobiliário porque era um setor muito lucrativo. Então isso passou inclusive a influenciar muito a atuação do Estado, o governo local se tornou um grande parceiro da atividade imobiliária, que os interesses dessas elites locais estão todos imbricados com os interesses imobiliários, e estavam [as elites locais] representados na máquina pública.

As empreitadas da Cosan apareceram à essa pesquisa pois em 2009 ela anunciou, como estreia no ramo imobiliário, a Reserva Jequitibá, que apesar de se anunciar como bairro, construído ao lado do historicamente popular Santa Rosa, ainda é parte do Santa Rosa. A Reserva é anunciada pouco depois do anúncio de outro grande empreendimento no mesmo bairro.

Com o acordo entre prefeitura, governo do estado e Hyundai, a prefeitura de Piracicaba comprou terras de plantação canavieira, as terraplanou e doou para a Hyundai. Aprovou com a Câmara de Vereadores a Lei Complementar 222/08, alterando mais uma vez o Plano Diretor, possibilitando a expansão do perímetro urbano na região nordeste, viabilizando a construção da Hyundai. E da Reserva Jequitibá, que estava no mesmo perímetro urbano expandido, em terras que à época também eram plantações de cana de açúcar, da Cosan.

Entrevistei uma especialista em gestão pública e planejamento habitacional e territorial, que assessorava uma vereadora da Câmara Municipal trabalhando na revisão do Plano Diretor de Piracicaba. Ela falou sobre o programa federal Minha Casa Minha Vida, e como as empreiteiras fizeram as prefeituras aceitar suas exigências de construir as habitações em áreas além do perímetro urbano, convertendo terra rural em urbana sob o pretexto falacioso de que, se não, seria inviável. A prefeitura então arca em levar infraestrutura urbana até esses lugares, e no processo valoriza todo o espaço que separa a cidade das habitações populares, pois agora tem infraestrutura. O mesmo que ocorreu com a construção da Hyundai.

A prefeitura levou toda a infraestrutura às áreas recém incorporadas ao tecido urbano, e valorizou as terras subjacentes. Criam-se novos vazios na cidade, pois a valorização dessas áreas é especulativa. Os vazios são em áreas construídas, em que um setor imobiliário poderoso determina preços de imóveis irreais para boa parte da população, e mantém esses preços apesar de ninguém poder pagá-los. E em áreas não construídas, aonde esperam a valorização especulativa para construir. Os centros esvaziam fazendo a população pobre migrar às franjas da cidade, onde os imóveis são mais baratos, ou ocupando áreas de risco ambiental, terras que estão fora do mercado legal que as exclui.

O perímetro urbano de Piracicaba foi expandido diversas vezes após o Plano Diretor determinar seu congelamento - para o desenvolvimento da cidade ocupar os vazios que à época, 2006, já eram metade dela - viabilizando diversos empreendimentos imobiliários que transformam terra rural em urbana, levando grandes remessas de lucro aos donos de terra, aos incorporadores, às construtoras e às imobiliárias.

A Reserva Jequitibá, além de se beneficiar de toda a infraestrutura que a prefeitura levou, teve suas terras valorizadas também pela construção de um Instituto Federal e de uma FATEC, ambas feitas pela prefeitura. Segundo Estevam,

Tem uma série de equipamentos que vão valorizando uma área que não tinha absolutamente nada. Era a terra mais barata da cidade em 2001. Em 2015, que é o fim do nosso levantamento, ela já era uma das mais valorizadas, e nesse tempo foi a que mais se valorizou. Teve uma valorização de 2500% a terra ali.

A elite piracicabana, entretanto, relutou em trocar sua espacialidade para esses ricos loteamentos fechados, algo que outras cidades fizeram no século passado.

A enfim aceitação dos loteamentos fechados em lugares muitas vezes nas franjas da mancha urbana, além de decorrência do discurso de (in)segurança pública, talvez seja a necessidade das elites se autossegregarem para deixarem óbvias as diferenças de classe, em um contexto histórico de diminuição das desigualdades sociais e apropriação pela classe trabalhadora de espaços que sempre foram exclusivos à ela e à classe média. Isso encontra ressonância nas manifestações raivas da elite durante os anos de governo de Lula e Dilma¹⁷, manifestações que exemplificam bem o “víncio principal de uma pessoa

¹⁷ Para elucidar o ódio de classe da elite, vejam as colunas de Danuza Leão no jornal Folha de São Paulo nos dias 25 de novembro de 2012 e 24 de março de 2013, sobre, respectivamente, como perdeu a graça ir à Paris quando o porteiro do prédio também começou a poder ir, e como os encargos colocados nas costas

má”, “estar mais preocupado com os outros do que consigo mesma” (ZIZEK, 2014, p. 67), e coincidem com a época de enfim abandono da centralidade por parte das elites piracicabanas e migração aos loteamentos fechados de alto padrão.

Suportando tudo isso, as repetidas expansões do perímetro urbano e a captação da máquina pública - através, principalmente, do provimento de infraestruturas - estão discursos feitos pelo poder público e reproduzidos pela mídia, associando os empreendimentos ao crescimento econômico, que por sua vez é associado, indiretamente, ao benefício de todos. Mas indiretamente.

A elite, o poder público e a mídia fazem coalizão para defender os interesses da elite (OTERO, 2016). Essa coalizão busca impor um sistema que gire em torno desses interesses através do consenso entre a população, consenso habilidosamente construído pois a população vai contra os próprios interesses reproduzindo o discurso da coalizão, que se torna hegemônico (SANTOS, 2016).

Interessante que os discursos dificilmente falam da melhoria na vida das pessoas, não tentam associar o bem viver ao crescimento econômico, ou ao “bom momento imobiliário”, pois não precisam. Eles se relacionam ao discurso hegemônico de que é bom o crescimento, é bom o desenvolvimento, é bom que grandes empresas tenham lucros recordes. Discursos que vão contra o interesse da população, explorada para gerar esses lucros, mas que carregam uma noção de que todos e todas se beneficiam com isso.

No caso da Hyundai, os discursos falaram muito de crescimento da cidade, de investimento, e principalmente de geração de empregos, apesar de não falarem quanto isso impactará na taxa de desemprego real do município.

Mendes, professor de geografia econômica no departamento de geografia da UNESP Rio Claro, reiterou¹⁸ que a Hyundai está na quarta revolução industrial, a revolução dos robôs, da internet e da *big data*, a revolução do toyotismo. Como as outras

das patroas ao terem que arcar com os “privilegios” dos direitos trabalhistas às empregadas domésticas, previstos na Emenda Constitucional 72 conhecida como “PEC das domésticas”, causariam desemprego na certa dessas trabalhadoras domésticas. Vejam também os comentários da professora da PUC-Rio Rosa Marina Meyer na rede social Facebook, no dia 05 de fevereiro de 2014, questionando se os aeroportos viraram rodoviárias, e os respectivos comentários de seus colegas. Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/02/professora-da-puc-debocha-de-passageiros-pobres-em-aeroporto.html>>. Acesso em 15 de maio de 2019. Por último, vejam os comentários de socialites paulistanas sobre um nordestino ser presidente da república, também no site Pragmatismo Político. Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2012/08/socialites-comentam-mensalao-e-nordestino-querendo-fazer-coisa-em-sao-paulo.html>>. Acesso em 15 de maio de 2019.

¹⁸ Entrevista feita no dia 13 de Fevereiro de 2019, em sua sala no departamento de Geografia.

multinacionais que chegam ao Brasil, a Hyundai é uma indústria enxuta, que emprega pouca mão de obra na produção.

Mas tais discussões não entram em pauta. Existe algo que nunca é conversado ou dialogado, que nunca é colocado na mesa como uma escolha, junto às suas consequências, que são as produções tecnológicas.

Elas caminham para produzir sempre mais com menos mão de obra, menos custos, e são responsáveis hoje por parte do desemprego em massa que atinge os países e não pode ser revertido. São revoluções que, no fim, contrariam os próprios esforços e perspectivas dos governos de empregar toda a população. Então por que não paramos com a revolução robótica?

Segundo Bookchin (2010) e outros teóricos libertários anti-primitivistas, o problema não são as tecnologias, mas o sistema capitalista, que não as dispõe à emancipação do trabalhador, que poderia trabalhar menos e desenvolver outras atividades com o tempo livre; à emancipação humana, substituindo tarefas que as pessoas não sentissem prazer em desenvolver, trabalhos que não são sonhados por elas; mas ao capital, desempregando os trabalhadores para diminuir os custos e aumentar as remessas de lucro.

Nessa perspectiva, deveríamos atacar o sistema e não as tecnologias.

Mas compartilho também dos escritos de Postman (1994), de que toda tecnologia carrega em si um mundo, diferente deste. E, portanto, deveríamos também pensar as tecnologias, que não são neutras, pensar “o papel da ideologia na produção das coisas e o papel ideológico dos objetos que nos rodeiam” (SANTOS, 2000, p. 159). Devemos pensar a quem essas tecnologias servem, e qual o mundo que elas trazem. Pois talvez não seja o mundo que sonhamos.

Com as revoluções tecnológicas, vem também as reorganizações produtivas. As indústrias de hoje, como a Hyundai, empregam menos mão de obra e flexibilizam a produção o máximo possível. Tudo que podem terceirizar, terceirizam. É a terceirização irrestrita e a reforma trabalhista de 2017. O trabalho mais e mais precarizado.

A flexibilização das leis trabalhistas é demanda das novas organizações produtivas. As elites nacionais, que se juntam ao capital internacional (FERREIRA, 2005), e as mídias tradicionais monopolizadas por elas, pressionam o poder público para isso. Vemos essa demanda nas respostas das três multinacionais automotivas asiáticas às

entrevistas feitas por Takami (2017). Responderam que a atividade sindical causa insegurança, que terceirizarão todo o possível de acordo às leis. A Hyundai disse levar em consideração para escolher Piracicaba o fato dos acordos coletivos de trabalho serem feitos localmente, convergindo com o teorizado por Harvey (2005) sobre a atuação do empreendedorismo urbano para atrair capitais internacionais, oferecendo negociações trabalhistas locais ao invés das nacionais.

Portanto, temos o anúncio da vinda de uma multinacional para Piracicaba em 2008, com a promessa de geração de empregos. Mas sua indústria, moderna tecnologicamente, já não gera tanto emprego, e boa parte desses empregos são tão precarizados quanto possível. É anunciado também o crescimento da cidade e de sua economia.

Para a construção da Hyundai é expandido o perímetro urbano, viabilizando a construção de um bairro de elite ao lado, em terras que eram rurais e valorizam 2500%. Um bairro que pega parte de outro bairro, popular, e tenta romper com esse estigma de classe mudando de nome. Em terras da elite local. Um dos muitos benefícios anunciados pela prefeitura e pelo governo do estado, a construção de um anel viário que ajudaria no escoamento dos produtos da Hyundai, beneficia também os empreendimentos imobiliários desse novo bairro, sendo anunciado como um atrativo em seu site. Além do anel viário, construído pelo estado de São Paulo, a prefeitura gasta 60% de suas despesas correntes entre 2008 e 2010 em “vultosos investimentos” para atrair a multinacional (TERCI, GOULART & OTERO, 2017, p. 168). Parte deles são pavimentações de ruas, iluminação pública, construção de guias e sarjetas e galerias para escoamento de águas pluviais e redes de água e esgoto, que no caminho até a Hyundai beneficiam e valorizam todas as terras ao lado, que eram rurais e agora tem infraestrutura, viabilizando empreendimentos como o bairro mencionado acima. Além desses investimentos, a prefeitura concede isenções fiscais, algumas por vinte anos, outra para sempre.

Na entrevista com o professor Mendes¹⁹, ele mencionou uma fábrica da Skol que deixou Rio Claro após décadas, no momento em que a prefeitura anunciou que ela passaria a pagar pela água. O que impediria a Hyundai do mesmo, caso seus subsídios

¹⁹ Auro Aparecido Mendes.

acabem? Tendo guerra fiscal entre cidades e regiões, outras cidades podem oferecer algo mais competitivo.

E o que impede essas multinacionais que se esparramam pelo território nacional de fazer o mesmo, caso desacordem de mudanças em leis trabalhistas e ambientais? Como dito por Auro, por Harvey (2005) e Acselrad (2013), a mobilidade não é mais problema para as multinacionais de hoje, que podem facilmente pular de um país a outro atrás das melhores condições. Uma funcionária da Hyundai entrevistada para essa pesquisa assegurou que a empresa cumpre todas as normas e legislações ambientais, disse que como gestora ambiental, “acredito que eles estão se empenhando muito para atender todas as legislações aplicáveis”, e que “tudo que é legislação aplicável a gente está desenvolvendo, a gente está dentro e está fazendo”.

Fernanda Ceratti, formada em Gestão Ambiental, fez seu TCC sobre o gerenciamento dos resíduos sólidos feito pela Hyundai, e concluiu que as empresas do Parque Automotivo fazem o gerenciamento e destinação dos resíduos como disposto pela CETESB, mas não os procedimentos de logística reversa (CERATTI, 2018). O trabalho de Ceratti repercutiu, e a empresa começa a implantar procedimentos de logística reversa.

Isso não confirma o teorizado por Acselrad (2013) para o caso da Hyundai, mas também não contradiz. São poderosas as forças políticas que forçam a flexibilização da legislação ambiental no Brasil, conseguindo, por exemplo, uma vitória importante para eles na aprovação do novo Código Florestal em 2012 e uma derrota à todos os outros seres, e empreitando agora novas investidas como a mudança na lei do licenciamento ambiental, flexibilizando sua regulamentação, entre outros pontos, e agregando à guerra fiscal entre estados uma guerra anti-ambiental para atrair empreendimentos nacionais e internacionais²⁰. Uma improvável mudança na legislação ambiental no sentido contrário, de regulamentação, de leis mais rigorosas e conservacionistas, poderia deslocalizar essas multinacionais para países com legislação ambiental mais flexível, como forma de chantagem.

São essas as incertezas do empreendedorismo urbano que podem levar igualmente ao sucesso e ao desastre (HARVEY, 2005). Vemos que para seu sucesso é

²⁰ Site da Exame, grupo Abril. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/maia-licenciamento-ambiental-so-sera-votado-depois-de-todos-serem-ouvidos/>>. Acesso em 16 de maio de 2019.

vital a contínua subordinação das localidades ao capital internacional, cedendo às suas chantagens. O problema é que até esse sucesso não resolve os problemas urbanos, mas os agrava. É indiscutível que a vinda de indústrias aumenta o número de empregos diretos e indiretos, aumentando o consumo e fazendo dinheiro girar. Mas, como é óbvio ao analisar relatórios sobre as desigualdades no Brasil e no mundo²¹, o bem viver de todos não está atrelado ao crescimento econômico, o dinheiro gira e na maioria das vezes para nos mesmos bolsos, então precisamos trazer o debate para outros termos.

As guerras fiscais entre cidades, regiões, estados e países, elucidam bem a eliminação de “toda forma de compaixão” que a competitividade no sistema capitalista traz, fazendo da guerra a norma (SANTOS, 2000, p. 46). O contra-argumento à meritocracia, e às bases de exploração e lucro do capitalismo, de que são necessários, sempre, muitos perdedores para poucos vencedores, muitos pobres para poucos ricos, é hoje parte do argumento da própria competitividade, implícito. Ela se torna guerra, feroz, entre pessoas, empresas, grupos, regiões e países - o “outro”, competidor, é o inimigo, pois não podem os dois vencer. É óbvia a guerra por atrair multinacionais e investimentos e capital, pois se sabe que nem todos os empreendedorismos urbanos podem ter sucesso.

E, no centro dessa competitividade, está a vitória que parece de um grupo, mas na realidade é de poucos indivíduos. O caso de Piracicaba ilustra bem isso: por trás dos discursos do poder público de que a expansão do perímetro urbano beneficia a todos, pois traz investimento e crescimento econômico, de que a vinda da Hyundai beneficia a todos pois é investimento e crescimento, está o lucro da pequena elite local, dos empresários e donos de terra, do setor imobiliário e do capital internacional.

Portanto, a competitividade que nos fazem crer, as guerras que dizem ser nossas, não nos beneficiam. Somos, todos e todas, perdedores no sistema capitalista global.

É essa noção de internacionalidade da luta, a que tanto um anarquista como Bookchin (2010), quanto um marxista como Zizek (2014), se referem. Somos uma humanidade explorada pelo sistema capitalista, precisamos recuperar a compaixão entre os povos, a solidariedade entre diferentes grupos, o respeito entre seres vivos. Lutar ao mesmo tempo pela igualdade e pelo respeito às diferenças, pelo direito de sermos “iguais

²¹ Vejam os relatórios anuais da OXFAM sobre desigualdades no Brasil e no mundo.

quando a diferença nos inferioriza e o direito de sermos diferentes quando a igualdade nos descaracteriza”²².

Ao contrário da guerra globalitarista²³ do capitalismo, orientando nossa luta internacionalista devem estar as vidas, e não a economia. Deve estar o sonho de um outro mundo, as utopias, em que as tecnologias sirvam à humanidade, em que a ciência tenha princípios, fins, e não desenvolva só por desenvolver (GARAUDY, 1981). Em que as indústrias produzam bens duráveis e necessários, e não objetos que nos alienem.

Um mundo em que as cidades sejam lugares sustentáveis do coletivo, de comunidades que trabalham e vivem para que todos e todas tenham suas necessidades supridas, suas criatividades livres para serem desenvolvidas, e suas vidas libertas para serem felizes.

Um mundo em que as pessoas vivam bem.

²² SANTOS, Boaventura de Sousa. As dores do pós colonialismo. Geledés, 2009. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/dores-pos-colonialismo/>>. Acesso em 17 de maio de 2019.

²³ SANTOS, Milton. Globalização e um novo totalitarismo, o globalitarismo. In: Encontro com Milton Santos: O mundo global visto do lado de cá, 2006. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VJNcqWQs-Bs>>. Acesso em 17 de maio de 2019.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vinda da Hyundai à Piracicaba é um exemplo de como se relacionam os agentes urbanos locais, o poder público municipal, estadual e federal, o capital internacional e os discursos hegemônicos com sua história.

Não é aleatória a escolha do lugar em que será instalada a fábrica, e ao que tudo indica não resulta do planejamento urbano democrático que queremos. Também não são aleatórias ou por acaso as palavras escolhidas nos discursos e manchetes de jornais para justificar a vinda da multinacional, a expansão do perímetro urbano, as intervenções urbanas do município. Tampouco é aleatória ou por acaso a escolha da Hyundai de vir para Piracicaba, entre tantas cidades no mundo.

Pela perspectiva de luta de classes, vemos tudo isso obedecendo aos interesses das elites locais e mundiais, percebemos as muitas riquezas que acumulam em poucos bolsos submetendo as cidades aos seus desejos, às formas de reprodução do capital. Como luta de classes, também vemos as mobilizações populares e os movimentos sociais que demandam uma cidade justa, e conseguem, em diferentes contextos históricos e dependendo de para onde pende a balança das forças, vitórias, como o Estatuto da Cidade e a expropriação de imóveis ociosos. Percebemos como a história é imprevisível, e como pesam os interesses das elites na balança, quando as políticas habitacionais do Minha Casa Minha Vida acabam também servindo aos seus bolsos. E, por fim, vemos como quem ocupa o governo federal importa aos capitais internacionais, com sua capacidade de implementar políticas neoliberais que muito os beneficiam.

Nossa cidade de Piracicaba cresce, com vazios que já somam mais de sua metade, como espaço de construções e reconstruções de todos esses interesses, defendidos por agentes urbanos com desiguais poderes de atuação. E é, obviamente, uma cidade insustentável.

Como gestor ambiental devo trabalhar pela sustentabilidade deste mundo. Devo gerir os ambientes visando a perpetuação da espécie humana até um tempo indeterminado de tão longínquo. Será isso possível dentro do sistema capitalista?

Sua incrível resiliência, cooptando as crises que passam e as transformando em mercado, a fabricação incessante de tecnologias cada vez mais “sustentáveis”, e as muitas

distopias e ficções feitas sobre o tema convergem com minha compreensão de que sim, é possível.

Mas como gestor ambiental formando em universidade pública, devo perguntar se essa sustentabilidade serve a todas e todos. E não serve.

Pois as vidas que morrem de fome, que vivem em habitações precárias e perdem parte da vida se deslocando até o trabalho, e outra parte em trabalhos indignos, não são sustentáveis. Não é sustentável gastar boa parte do que se ganha pagando o aluguel de um teto para morar, como não é sustentável ter de deixar o lugar que sempre morou porque subitamente foi valorizado e se tornou caro demais para morar. Os empreendimentos imobiliários valorizam, mas as vidas de muitas e muitos continuam sem valor para o poder público que deveria cuidar delas, e com o valor atrelado apenas ao potencial de produzir lucro aos empresários que as exploram. Não é sustentável temer.

Esses problemas apresentados aqui, as desigualdades e injustiças, são estruturais do sistema capitalista. Muitos trabalham para poucos enriquecerem, multidões vivem na miséria para um viver no luxo. Portanto a sustentabilidade que eu, gestor ambiental de uma universidade pública, que devo trabalhar para o público e para o bem viver de todos os seres desse mundão, devo buscar, gerindo os ambientes que disponho, não é uma sustentabilidade possível nesse mundo.

Então a busco em caminhos que vislumbram um outro. Sou gestor ambiental do Brasil de hoje, e por isso trabalho no aqui e no agora, mas nem por isso abandono os sonhos. Sonho como gestor ambiental, como anarquista, como filho dos meus pais e como ser vivo que socializa e só é livre quando todas e todos que aqui vivem também são, e sonho com um mundo em que seremos. Aos que compartilham dessas aspirações, gestores ambientais ou não, mas que buscam a liberdade, a igualdade, a justiça, a felicidade e a sustentabilidade para todas e todos, proponho que trabalhemos aqui, mas sem nos esquecermos de que é só lá que nosso trabalho pode realmente se realizar.

Pois são esses outros mundos, possíveis, que devem guiar nossos debates e nossa luta como seres que vivem nesse mundo - que já é quase impossível.

BIBLIOGRAFIA

- ACSELRAD, Henri. Liberalização da economia e flexibilização das lei – o meio ambiente entre o mercado e a justiça. In: **Revista de Educação, Ciências e Matemática**, v. 3, n. 3, 2013.
- ACSELRAD, Henri. Desigualdade ambiental, economia e política. **Astrolabio**, n. 11, 2013.
- BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisas em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BILAC et al. **Piracicaba: a aventura desenvolvimentista 1950-1970**. São Paulo: MB Editora, 2001.
- BILAC, Maria Beatriz Bianchini; TERCI, Eliana Tadeu. **Piracicaba: de centro políctico a centro canavieiro (1930-1950)**. São Paulo: MB Editora, 2001.
- BOOKCHIN, Murray. **Anarquismo, crítica e autocrítica**. São Paulo: Hedra, 2010.
- CERATTI, Fernanda. **Estudo de caso: a logística reversa nas indústrias do parque automotivo de Piracicaba/SP**. Trabalho de Conclusão de Curso para o título de Bacharela em Gestão Ambiental na ESALQ-USP. Piracicaba: ESALQ, 2018.
- COSAN. **Quem Somos**. Cosan, 2019. Disponível em: <<http://www.cosan.com.br/pt-br/cosan/quem-somos>>. Acesso em 15 de Maio de 2019.
- FERREIRA, J. S. W. A cidade para poucos: breve história da propriedade urbana no Brasil. In: Simpósio Interfaces das representações urbanas em tempos de globalização, 2005, Bauru. **Anais...** Bauru: UNESP, 2005. não p.
- FOSTER, John Belamy. **“Let them eat pollution”: Capitalism and the World Environment**. Questia, 1993. Disponível em: <<https://www.questia.com/magazine/1G1-13370984/let-them-eat-pollution-capitalism-and-the-world>>. acesso em 08 de março de 2019.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FUNES, S.M.M. **Regularização Fundiária no Município de Piracicaba: ações e conflitos.** Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana-UFSCar. São Carlos: UFSCar, 2005.

GALEANO, Eduardo H. **As veias abertas da América Latina.** Porto Alegre: L&PM, 2018.

GARAUDY, Roger. **Apelo aos vivos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

GAUTHIER, Jacques; SANTOS, Iraci dos. **A Sócio-Poética: fundamentos teóricos, técnicas diferenciadas de pesquisa, vivência.** Rio de Janeiro: UERJ, DEPEXT, NAPE, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2009.

GONDIM, Linda M. P.; LIMA, Jacob Carlos. **A pesquisa como artesanato intelectual: considerações sobre método e bom senso.** São Carlos: EdUFSCar, 2006.

GOULART, Jefferson O.; TERCI, Eliana T.; OTERO, Estevam V. A dinâmica urbana de cidades médias do interior paulista sob o Estatuto da Cidade. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 15, n. 1, p. 183, 2013.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço.** São Paulo: Annablume, 2005.

HYUNDAI. **History.** Hyundai Worldwide, 2019. Disponível em: <<https://www.hyundai.com/worldwide/en/company/corporate/information/history/2013-2018>>. Acesso em 04 de Abril de 2019.

HYUNDAI. **Philosophy.** Hyundai Worldwide, 2019. Disponível em: <<https://www.hyundai.com/worldwide/en/company/corporate/information/philosophy>>. Acesso em 04 de Abril de 2019.

IBGE. **Panorama São Paulo.** IBGE, 2019. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/panorama>>. Acesso em 13 de Março de 2019.

INDEX MUNDI. **Mapa comparativo entre países.** Index mundi, 2019. Disponível em: <<https://www.indexmundi.com/map/?v=21&r=xx&l=pt>>. Acesso em 13 de Março de 2019.

IPPLAP. Estimativa populacional do município. IPPLAP, 2018. Disponível em: <<http://www.ipplap.com.br/docs/Estimativa%20Populacional%20do%20Municipio%20-%201872%20a%202018.pdf>>. Acesso em 12 de março de 2019.

IPPLAP. Taxa de Urbanização. IPPLAP, 2018. Disponível em: <<http://www.ipplap.com.br/docs/Grau%20de%20Urbanizacao%20-%201980%20a%202000%20e%202010%20a%202018.pdf>>. Acesso em 12 de março de 2019.

IPPLAP. Localização, Relevo e Extensão Territorial. IPPLAP, 2018. Disponível em: <<http://www.ipplap.com.br/docs/Localizacao%20Relevo%20Extensao%20Territorial.pdf>>. Acesso em 12 de março de 2019.

IPPLAP. Índice de Desenvolvimento Humano Municipal. IPPLAP, 2018. Disponível em: <<http://www.ipplap.com.br/docs/IDHM%20-%201991,%202000%20e%202010.pdf>>. Acesso em 12 de Março de 2019.

IPPLAP. Índice de Gini - 1991 e 2000. IPPLAP, 2010. Disponível em: <<http://www.ipplap.com.br/docs/Indice%20de%20Gini%20-%201991,%202000%20e%202010.pdf>>. Acesso em 12 de Março de 2019.

IPPLAP. PIB do município. IPPLAP, 2018. Disponível em: <[http://www.ipplap.com.br/docs/PIB%20do%20Municipio%20\(IBGE\)%20-%201999%20a%202015.pdf](http://www.ipplap.com.br/docs/PIB%20do%20Municipio%20(IBGE)%20-%201999%20a%202015.pdf)>. Acesso em 12 de Março de 2019.

IPPLAP. PIB per capita do município. IPPLAP, 2018. Disponível em: <[http://www.ipplap.com.br/docs/PIB%20Per%20Capita%20do%20Municipio%20-%201999%20a%202014%20\(IBGE\).pdf](http://www.ipplap.com.br/docs/PIB%20Per%20Capita%20do%20Municipio%20-%201999%20a%202014%20(IBGE).pdf)>. Acesso em 12 de Março de 2019.

MACHADO, I. J. R.; et. Al. Sociologia hoje: Volume único: ensino médio. São Paulo: Ática, 2013.

MARICATO, Erminia. **Para entender a crise urbana.** São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MARICATO, Erminia et al. **Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil.** São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NASSIF, Luis. **Sobre Lawrence Summer**. Jornal GGN, 2011. Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/economia/sobre-lawrence-summer/>>. Acesso em 08 de março de 2019.

NEME, Mário. **História da fundação de Piracicaba**. Editora Franciscana: Instituto Histórico e Geográfico – IHGP, 1974.

NETTO, Cecílio Elias. **Piracicaba que amamos tanto**. São Paulo: IHGP Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, 2015.

OTERO, Estevam Vanale. **Reestruturação urbana em cidades médias paulistas: a cidade como negócio**. 2016. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

OXFAM. **Publicações**. Oxfam Brasil, 2019. Disponível em: <<https://www.oxfam.org.br/publicacoes>>. Acesso em 16 de maio de 2019.

OXFAM. **Super-ricos estão ficando com quase toda riqueza, às custas de bilhões de pessoas**. Oxfam Brasil, 2018. Disponível em: <<https://www.oxfam.org.br/noticias/super-ricos-estao-ficando-com-quase-toda-riqueza-as-custas-de-bilhoes-de-pessoas>>. Acesso em 16 de maio de 2019.

PASSAPUSSO, Russo; GARRAMMONE, Mintcho. Lucro (descomprimindo). In: SYSTEM, Baiana. **Duas cidades**. São Paulo e Salvador: Máquina de Louco, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=y7NjN0MFnTw>>. Acesso em 13 de maio de 2019.

PEREIRA, Stefanie Berenschot. **Centralidade urbana e lutas sociais: a associação dos favelados de Piracicaba**. 2012. 93 f. Dissertação - (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2012.

PIRACICABA. Lei nº 6.336, de 15 de outubro de 2008. Institui o Programa Especial de Incentivo ao Setor Automotivo do Município de Piracicaba e dá outras providências. **Leis municipais Piracicaba**, 2008. Disponível em: <<http://siave.camarapiracicaba.sp.gov.br/Arquivo?id=219813>>. Acesso em 22 de Março de 2019.

PORTAL DO GOVERNO DE SÃO PAULO. **História.** Portal do governo de São Paulo, 2019. Disponível em: <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/conhecasp/historia/>>. Acesso em 13 de Março de 2019.

PORTAL DO GOVERNO DE SÃO PAULO. **Governo e Hyundai assinam protocolo para instalar unidade em Piracicaba.** Portal do governo de São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/ultimas-noticias/governo-e-hyundai-assinam-protocolo-para-instalar-unidade-em-piracicaba-1/>>. Acesso em 01 de março de 2019.

POSTMAN, Neil. **Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia.** São Paulo: Nobel, 1994.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE PIRACICABA. **Governo e Hyundai assinam protocolo para instalar unidade em Piracicaba.** Prefeitura do município de Piracicaba, 2008. Disponível em: <<http://www.piracicaba.sp.gov.br/governo+e+hyundai+assinam+protocolo+para+instalar+unidade+em+piracicaba.aspx>>. Acesso em 01 de março de 2019.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE PIRACICABA. **Hyundai inaugura fábrica em Piracicaba.** Prefeitura do município de Piracicaba, 2012. Disponível em: <<http://www.piracicaba.sp.gov.br/imprimir/hyundai+inaugura+fabrica+em+piracicaba+1.aspx>>. Acesso em 04 de Abril de 2019.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE PIRACICABA. **Ritmo de obras surpreende participantes do “Piracicaba Trabalha Assim”.** Prefeitura do Município de Piracicaba, 2010. Disponível em: <<http://www.piracicaba.sp.gov.br/ritmo+de+obras+surpreende+participantes+do+quotpiracicaba+trabalha+assimquot.aspx>>. Acesso em 12 de março de 2019.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade.** São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção primeiros passos; 203).

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESSES, Maria Paula. (Orgs.) **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Editora Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Esquerda do futuro: uma sociologia das emergências.** Carta Maior, 2016. Disponível em:

<<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/A-Esquerda-do-futuro-uma-sociologia-das-emergencias-/4/35257>>. Acesso em 28 de Março de 2019.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro: Record, 2000.

SELINGARDI-SAMPAIO, Silvia. **Indústria e território em São Paulo: a estruturação do Multicomplexo Territorial Industrial Paulista: 1950-2005.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato.** Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SPAVOREK, Gerd; COSTA, Francisca Pinheiro da Silveira. Evolução urbana e da cobertura vegetal de Piracicaba - SP (1940-2000). **Caminhos de Geografia**, p. 65-88, 2004.

TAKAMI, Saulo Teruo; MENDES, Auro. A importância das vantagens locacionais e dos serviços produtivos nas indústrias automotivas asiáticas no estado de São Paulo: o caso de Piracicaba, Indaiatuba e Sumaré. **Revista Sociedade & Natureza**, v. 29, n. 2, p. 229-242, 2017.

TAKAMI, Saulo Teruo. **A importância dos linkages e dos serviços para as indústrias automotivas no corredor asiático no Estado de São Paulo.** 2017. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2017.

TERCI, Eliana Tadeu. Processos urbanos e gestão local: os casos de Ribeirão Preto e Piracicaba entre o empresariamento urbano eo Estatuto da Cidade. **Cadernos EBAPE-BR**, v. 16, n. 3, p. 456-468, 2018.

TERCI, Eliana T.; GOULART, Jefferson O.; OTERO, Estevam V. Dinâmica econômica e empresariamento urbano em cidades médias sob o impacto da reestruturação produtiva. **Nova Economia**, v. 27, n. 1, 2017.

TERCI et al. **Desconcentração industrial: impactos socioeconômicos e urbanos no interior paulista (1970-1990).** São Paulo: MB Editora, 2005.

TURCKE, Christoph. **Sociedade excitada: filosofia da sensação**. Campinas: Editora UNICAMP, 2010.

WIKIPEDIA. **Lawrence Summers**. Wikipedia, 2019. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Lawrence_Summers>. Acesso em 08 de março de 2019.

WIKIPÉDIA. **Lista de países por população**. Wikipédia, 2019 Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_pa%C3%ADses_por_popula%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em 13 de Março de 2019.

WIKIPEDIA. **Summers memo**. Wikipédia, 2019. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Summers_memo>. Acesso em 08 de março de 2019.

ZIZEK, Slavoj. **Violência: seis reflexões laterais**. São Paulo: Boitempo, 2014. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4138227/mod_resource/content/1/Violencia%20-%20Slavoj%20Zizek.pdf>. Acesso em 17 de maio de 2019.

Moemambá

Um romance escrito por Fábio Portugal Sorrentino

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA “LUIZ DE QUEIROZ”

MOEMAMBÁ

Escrito por Fábio Portugal Sorrentino

Orientadora: Professora Dra. Odaléia Telles Marcondes Machado Queiroz

Romance apresentado
como parte do Trabalho de
Conclusão de Curso para
obtenção do título de bacharel
em Gestão Ambiental.

PIRACICABA
2019

Você inventa - grite!
Eu invento - ai!
Você inventa - chore!
Eu invento - ui!
Você inventa o luxo
Eu invento o lixo
Você inventa o amor
Eu invento a solidão...

Você inventa a lei
E eu invento a obediência
Você inventa a deus
E eu invento a fé
Você inventa o trabalho
E eu invento as mãos
Você inventa o peso
E eu invento as costas
Você inventa a outra vida
Eu invento a resignação
Você inventa o pecado
E eu fico aqui no inferno
Meu Deus, no inferno
Valha-me Deus

[Tom Zé, Ui! (você inventa)]

PRELÚDIO

Começa em uma cidade que cresceu e cresceu, e finalmente pôde se dizer capital, em um ônibus e um tumulto e uma faca e sangue, e dor, no sorriso do prefeito apertando a mão de Xyung Qwan e cortando a faixa com uma tesoura de prata, em um sonho, uma tristeza e uma festa.

Começa com Sara batendo na parede de sua casa com um pedaço de madeira às 02h45, os olhos inchados de chorar, as mãos sangrando. Toca o segundo noturno da nona obra de Frédéric Chopin, escrita em 1830 quando ele tinha apenas vinte anos, dedicada à Marie Pleyel, esposa de seu amigo e que também era pianista, mas nunca reconhecida.

Então lágrimas vazam, e observando atentamente como estamos, percebemos uma breve pausa, e um silêncio do que não é música. A pausa parece trazer pensamentos revoltantes à cabeça da garota, pois logo as batidas voltam, mais fortes para dominar o silêncio que ocupara tanto, lascas voam do encontro de madeira e parede, lágrimas continuam a escorrer dos olhos, e por alguns segundos a expressão de Sara vacila, como se nos percebesse a olhá-la mas não conseguisse segurar, e transparece um pouco do sofrimento que a jovem sente.

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO 1

Moemambá nasceu enquanto seu país era colônia de outro.

Como tantas, nasceu em terra regada a sangue dos que aqui estavam e à chegada dos outros, que se disseram daqui donos, resistiram. Foi ocupada e trabalhada à custa do suor, do sangue e da vida de ainda outros tantos que aqui nada queriam e nada tinham a ver com essa história de invadir terras para lá do mar e clamar posse com tantas invenções quanto existissem e fossem reconhecidas na época pelo que diziam que deveria reconhecer e dar credibilidade por faze-lo, mas foram mesmo assim aqui trazidos, à força, e à força feitos trabalhar. Seus corpos jazem até hoje em baixo de uma praça em cemitério esquecido pela cidade.

Em verdade são muitos os corpos que jazem em baixo dessa, pois a estes se somam aqueles, e somam os muitos que ainda vão, não pelo destino natural que espera os corpos, fatal, mas para alimentar essa cidade que aqui em cima cresce, e insiste em crescer.

CAPÍTULO 2

É em Moemambá que nossa história passa, no ano seguinte à inauguração da fábrica de uma empresa multinacional em suas terras.

Nossa história acompanha Sara, jovem de 27 anos, cabelos cacheados e olhos castanhos. Sara vive sua vida como muitos de nós, seus dias felizes são mais numerosos que os tristes, os dias que diz “normais” são bem mais numerosos que os dois, e só quando passam percebe que eram felizes. Não gosta de pensar na morte, gosta de pensar que é especial e que consegue influenciar as coisas com o pensamento. Tem suas inseguranças e desejos, as primeiras oscilam com os dias, os segundos com os dias variam, e alguns são constantes, como fumar um cigarro de palha e se embriagar de cerveja ou vinho. Gosta de trabalhar com as mãos e de estar com os amigos, e por isso sente que essa vida de agora é a melhor que poderia viver. Ou é o que quer sentir, pois tem medo de não viver a melhor.

Por um bom tempo Sara ignorou como sua história acompanha a de Moemambá, e já adianto as desculpas pelas partes que essas páginas fazem parecer Moemambá como um ser, com vida e escolhas próprias. Ela não é. Moemambá, como todas cidades, cresce e cria e destrói por escolhas, ou pela falta delas, de diferentes interesses com desiguais poderes. É aí que estão as vidas.

Portanto aqui vão as histórias de Sara e de Moemambá, pois é assim que deve ser.

CAPÍTULO 3

A Comunidade ficava a apenas 2 km da franja da cidade, distância curta para este tempo de automóveis, mas as idas e vindas de Sara eram cada vez mais objetivas: vender em uma feira, trocar em outra, comprar em uma, trocar e comprar no mercadinho de Luís, cinema, bar, festa. A ideia de predestinação ficava mais forte e clara em suas reflexões, e sua vida na cidade um sonho antigo, do qual acordou às 05h30 da manhã de uma quinta-feira, no escuro já não tão escuro que precede o despontar do sol atrás do abacateiro.

Saiu da cama, cobriu parte do corpo com um pijama velho, pôs água na chaleira no fogão, pó de café no coador de pano, virou três copos de água, encheu outro e sentou na varanda.

Sara olhou o mato a ser carpido e pensou na noite com os amigos, tomando vinho, fazendo a janta. E com felicidade viu dias após semanas e meses e anos disso, acordando antes do raiar do sol, ordenhando a vaquinha, suando no chapéu de palha, indo à cidade nas tardes de festa e enchendo a cara, ao cinema nas noites de terça.

Sara tem 1,80 de altura, olhos castanhos mas não só castanhos, lagoa das águas da íris, coloridas em tons de marrom e verde, paradas no oscilar do impacto do preto pingo da pupila. Seus dentes brancos não amarelados pelo fumo dispostos não simetricamente e linearmente na arcada formam um sorriso elogiado em sinceros flertes como lindo. Após pouco mais de três anos morando na Comunidade, Sara vê a vida de camponesa talvez predestinada, mas continua ateia.

O plano surgiu quando graduava na universidade, pública, sentada com as amigas ao redor de uma mesa de madeira, e não pareceu real até gastar quase todo dinheiro economizado durante meses de trabalho como bartender em bicos de fim de semana, anos de trabalho como funcionária em uma livraria, e meses de trabalho em banco para ajudar a comprar dez hectares de terra na zona rural de Moemambá.

Na cama de Sara às vezes dorme Ricardo, às vezes dorme Angélica, às vezes dorme João. Sara gosta de dormir com cada uma delas, se não gostasse não dormia, mas também

gosta de dormir sozinha, e se colocada diante de uma decisão excludente entre os sonos, em seus vinte e sete anos de vida e sono, sempre escolheria sozinha.

CAPÍTULO 4

A Nesson é uma empresa multinacional sul-coreana, criada em 1956 pela mudança de nome de uma oficina mecânica que via prosperidade em seu futuro, mas não com aquele nome. Contando assim parece que foi simples, mas não é nada simples construir empresa tão grande, são precisos muitos corpos, muito suor, muita vida roubada.

A filosofia corporativa da empresa é ajudar a humanidade pela construção de automóveis inovadores e com um “senso de responsabilidade ilimitado” (site da Nesson, tradução feita pelo autor). Seus valores fundamentais são coisas como respeitar as diversidades do planeta, não aceitar as dificuldades, ser amiga dos clientes, criar uma “cultura corporativa” para seus funcionários desenvolverem o pleno potencial, valores para que a empresa “não seja apenas uma construtora de carros, mas a companhia da vida toda de seus clientes”. A visão corporativa dela é ser a empresa da vida dos clientes, eco-amiga, respeitosa, séria, divertida, pois os carros não são mais apenas um meio de transporte, mas “um espaço da vida que ocupa um papel central nas vidas das pessoas”.

Por fim, a mensagem corporativa da empresa, feita pelo seu CEO e líder, que sempre senta nas pontas das mesas e anda bem arrumado, como todos os que sentam na mesa e também os que acham que um dia sentarão:

“A visão corporativa da Nesson Automóveis é ser a eco-amiga para a vida toda de seus clientes, construindo juntos um futuro eco-responsável, desenvolvendo carros inovadores que não são apenas carros, mas eco-carros eco-amigos de seus eco-donos”.

CAPÍTULO 5

A vida inteira Sara estudou em escolas públicas.

Quando tinha quinze anos perguntou aos dois policiais militares que revistavam as mochilas dos colegas se eles se divertiam interrompendo a aula para fazer aquilo. Levou

um tapa em resposta. Estava dentro da sala. A professora empurrou o policial e perguntou se ele estava louco, ele torceu o braço dela e a algemou.

Quando saíram levando a professora presa a escola toda esperava na porta gritando que a soltassem, gritando que estavam loucos, mandando eles à merda, se foderem e por aí vai. Os policiais apontaram as armas para as crianças e forçaram caminho para fora. A professora ficou presa duas semanas, e nesse tempo Sara pensou em como matar os dois, mas não o fez.

Sara nasceu e cresceu na capital do estado, uma cidade tão absurdamente grande que alguém derreteria se a compreendesse toda. Percebeu como as palavras vão além dos dicionários quando se mudou para Moemambá e perguntou na padaria pelas direções para chegar ao rio. Disseram que ficava bem longe. Ela perguntou quanto e responderam que a pé devia dar uns trinta minutos. No começo pensou que os moemambenses ficaram preguiçosos com a popularização do automóvel, então percebeu que o que era perto para ela era longe para eles, e o que era longe para ela era maior que uma ponta a outra da cidade deles.

Estava de biquíni por baixo da roupa, mas quando chegou no rio hesitou ao vê-lo vazio de pessoas. Garoto, esse rio é poluído ou pode nadar? Pedro, o garoto de treze que andava pela calçada que deveria ser mata ciliar responde Não sei, mas tem algumas pessoas que nadam, tímido mesmo pego de surpresa pela garota e sem tempo de criar expectativas e medos na cabecinha, Sara era bonita e mais velha, Pedro acabava de entrar na puberdade. Ela torna um sorriso ao garoto e agradece. Ele balbucia meias palavras e tenta não sair correndo.

Pedro encontra os amigos, que se reúnem nas tardes de domingo em um dos mirantes e ficam conversando, nessa época só conversa leva a mente longe, sem drogas. E estão muito bem assim, nem cogitam mentir a idade para comprar álcool barato. Mas depois que começarem, sentirão quase sempre que sentarem à beira do rio, sem drogas, que algo falta.

Sara anda mais um pouco olhando a paisagem e para em um bar cheio de jovens. Pega uma cerveja, toma alguns goles em pé e outros sentada no meio fio. Espera fazer amizade com alguém, mas ninguém chega para conversar, ninguém chega e para ao seu lado não estranho o suficiente para puxar conversa, e depois de menos de duas horas compra um latão e anda de volta para casa.

CAPÍTULO 6

Moemambá começou como Povoação, cresceu para Freguesia, Vila, e em 1877, Cidade.

O nome nunca mudou, apesar de um projeto de lei apresentado pelo vereador Silva na câmara de vereadores no dia 8 de setembro de 1975 propor a mudança para Moema City. Foi rejeitado depois de horas de discussão entre dois grupos de vereadores. Um defendia este, e o outro, encabeçado pelo vereador Vitti, queria a mudança mais radical, para New Moema City.

Para acalmar as exaltações pelo impasse foi falado diversas vezes “Não se mexe em time que está ganhando”, argumentada a justiça em não escolher nenhuma das propostas para que ninguém ficasse magoado, e relembrado os muitos assuntos mais sérios que um vereador deveria resolver. A proposta morreu e passaram à próxima pauta, Mudança de nome da Rua Santa Cruz para Rua Presidente Geisel, que tomou as horas restantes dos expedientes em discussão entre os mesmos dois grupos, agora o outro defendendo este e o um defendendo Excelentíssimo Presidente Geisel, teve ainda o indício de formação de um terceiro grupo defendendo Exc. Presidente General Geisel, mas aí falaram que virou bandalheira, fizeram um sorteio com pedaços de papéis improvisados, o presidente da câmara obviamente foi quem fechou os olhos e tirou um dos papéis que o vereador Silva segurava, leu em voz alta Excelentíssimo Presidente Geisel, no que Vitti e o bloco de oposição contestaram, uns dizendo que Silva manipulou os papéis em suas mãos, outros que viram o presidente espiando. O presidente ficou furioso, exigiu respeito pelo seu cargo, disse que nunca foi acusado de qualquer desonestidade, e por aí vai.

Quatro anos após ser congratulada com o título de cidade, um dono de muitas terras chamou engenheiros franceses e mandou que construissem para ele um engenho de tijolos vermelhos.

Dezoito anos depois decretou falência dizendo ser inviável a troca de trabalho escravo por trabalho assalariado, que garantir tais direitos aos escravos era um privilégio que o empresário trabalhador não podia arcar e esse tipo de coisa pela qual temos hoje personalidades como Danuza Leão para falar. Foi comprada por uma empresa francesa e isso não nos importa mais, noventa anos depois foi tombada pelo município e até hoje lá está, ponto de festas, shows e sexos escondidos.

O Engenho marcou o começo da industrialização de Moemambá. Nas próximas décadas pequenos negócios entraram nos anais da meritocracia e formaram impérios familiares, as matriarcas e os patriarcas dessas famílias foram ou considerados heroínas

e heróis ou resmungados por não serem. Moemambá se industrializou com o que especialistas chamam “capital endógeno”, que traduzimos para dinheiro dali mesmo, até 1970.

CAPÍTULO 7

As elites locais estão historicamente preocupadas com sua cidade.

Elas mobilizaram o poder público a partir de 1930 para modernizar Moemambá ao estilo europeu. A cidade ficaria uma beleza, e não daria desgosto quando andassem pelas ruas e vergonha quando eram gringos os que andavam, então pavimentaram ruas, iluminaram ruas, limparam ruas de mendigos que por elas também andavam mas deles o sentimento não importava, de pobres, de bêbados, de vândalos, de jogos, de orgias, só deus sabia quanto trabalho tinham, mas perseveraram. Heróis nacionais que nada recebiam em troca que não a realização de tão nobre objetivo, e a eternidade em nomes de praças e ruas.

Essa foi a principal ocupação das gestões públicas durante décadas. Aonde estava o trabalho árduo, talvez perguntam. Obviamente na pressão, respondem, nos telefonemas, nos jantares que davam nas próprias casas e convidavam só pessoa elegante, e os políticos, que também eram elegantes. Afinal o Estado era herdeiro do jeitinho brasileiro, e se deixado por conta própria o que fariam se não trocar favores e dar bolsas aos vagabundos?

O trabalho dessa pequena classe era tanto que aceitaram até terreno doado pela prefeitura para que construíssem o maior prédio do interior do estado, um cartão postal à altura que homenagearia o maior de seus heróis, um fazendeiro já morrido. E em troca o que recebiam? Sim, aquilo que chamavam lucro que vinha de alugar e vender apartamentos desse prédio, mas o que mais? Nada, só dor de cabeça por ordenar tal feitio, e o serviço quase voluntário ao engrandecimento da cidade que amavam tanto.

O prédio desabou antes de inaugurar pois tentaram fazê-lo maior do que o previsto, para um cartão postal mais esplendoroso, matou quarenta e quatro trabalhadores que seguiam as ordens de construção do mestre de obra que seguia as ordens de construção dos engenheiros que seguiam as ordens de construção de nossos heróis, as verdadeiras vítimas do desabamento. Mas tristeza já tem muita por aí, então não falemos mais. Basta deixar claro para que não hajam dúvidas ou preocupações que a justiça foi feita, todos

reconheceram a honra da natureza empreendedora desses heróis que foram devidamente indenizados pelo desabo de sua corajosa empreitada.

E é nas terras herdadas de um deles que Sara encontra sua primeira morada em Moemambá, uma casa com quatro quartos três banheiros sala copa cozinha varanda e um quintal bem grande, com pé de acerola manga romã limão cravo três touceiras de banana e inúmeras plantinhas. Antes dela encontrar a casa moravam dez garotas, todas mais velhas. Ficou dois meses sem pagar pois as garotas decidiam se a chamavam para morar, e ela decidia se queria.

Quando a última das que tinha dúvidas sobre Sara, por nenhum motivo específico além de uma não ir com a cara da outra, dizer que sim, elas convidaram e Sara aceitou. O problema de uma não ir com a cara da outra foi resolvido após mais três meses, quando perceberam que finalmente iam.

A república chamava Sândalo.

Sara morou nela por seis anos, até se formar e mudar para a Comunidade, com três amigas da república e um amigo da cidade. Uma dessas amigas era a da cara, que se chamava Amanda.

CAPÍTULO 8

A Associação de Comércio e Indústrias de Moemambá era a principal representante da elite moemambense. Sua sede era um prédio espelhado de doze andares com um bonito jardim no hall de entrada, no número quatrocentos e oitenta e dois da rua Excelentíssimo Presidente Geisel, o centro da cidade.

É o dia quatro de maio, e no dia seguinte será anunciada a vinda da multinacional Nessan à cidade, na forma de uma filial. Como na sede, e em todas as outras filiais espalhadas pelo mundo, essa produzirá carros tradicionais da marca, mas também modelos exclusivos do Brasil. Claro que isso tudo nem é decidido aqui, e que esse, como todos os modelos, é planejado na sede por pessoas inteligentes de óculos e vestimenta apropriada que dificilmente saberiam apontar o Brasil no mapa.

No décimo segundo andar do prédio espelhado são decididos os últimos termos do acordo entre Moemambá, seu estado e a Nessan.

Jorge Mauro toma um gole de água e ri da piada contada em inglês. É uma risada não obviamente forçada, como tinha que ser, pois apenas a obviedade causaria alguma suspeita no governador.

Jorge talvez seja o mais insignificante entre os presentes. De fato, não tornaremos a ouvir seu nome até o fim, e no fim também não ouviremos. Jorge só está sentado nesta bonita mesa de mogno porque é o atual presidente do Instituto de Planejamento e Logística Urbana de Moemambá, mas em breve deixará de ser. Ele pensa que as incríveis coincidências dos últimos anos aconteceram apenas para que estivesse ali, sentado à beira dessa bonita mesa, neste exato momento, fingindo rir das piadas ruins do governador em quem não votou.

O voto é apenas um detalhe, que Jorge mudaria sem profundas considerações caso significasse uma carreira próspera em qualquer instituição. Talvez se o governador descobrisse que não votou nele isso importasse algo, tal era esse homem eleito governador, mas não descobrirá, e em quem ele votou pouco importa além de para sua consciência, suas amizades e detalhes ínfimos nas estatísticas. A prosperidade da carreira de Jorge desmoronará por coincidências tão incríveis quanto as que o trouxeram até aqui, provando nada mais do que sua insignificância.

Mas a assinatura comprovando os benefícios da expansão de Moemambá para a construção dessa filial será importante e vital. Toma outro gole de água, pois está nervoso, e diz no inglês fluente das caras escolas particulares que estudou, “Moemamba’s Institute of Urban and Logistic Planning will happily approve and endorse the expansion of...²⁴” e no meio é interrompido pelo governador, que como se não o escutasse faz outra piada igualmente ruim sobre qualquer coisa que nada tem a ver com o discutido ali, ou com o que Jorge falava, pois realmente não o escutava. Dificilmente escutava o que pessoas consideradas inferiores diziam.

Talvez por considerar quase todas as pessoas inferiores fazia piadas tão ruins, que não guardavam qualquer semelhança com a realidade do mundo. Foi ele quem inventou as duas piadas, ambas basicamente sobre orgias, e acreditou serem tão boas que surpreenderiam a todos. Mas percebendo que os coreanos não riem, pensa que a piada pode não fazer sentido para estrangeiros. Conta então as únicas piadas que conhece de outra autoria, e são todas originalmente em inglês, pois são em inglês as falas das poucas

²⁴ Na tradução do autor, “O Instituto de Planejamento e Logística Urbana de Moemambá irá alegremente aprovar e endossar a expansão do...”

pessoas que ouve. Elas fazem referências a pessoas e climas de lugares desconhecidos aos sul coreanos, que continuam sérios.

Isso porque além de não ouvir, esse homem eleito governador não vê. Então não repara os dois funcionários encarregados das relações pessoais da empresa rindo das piadas. O prefeito de Moemambá, ser um tanto mais racional que o governador, estava nesse momento desesperado com o andamento daquela reunião que deveria ser a mais simples de todas, apenas meia dúzia de palavras e assinaturas. Ele suava olhando os executivos da multinacional e já não torcia por risos, apenas pela boca calada do governador. Estava desesperado pois se sentia inútil, sendo sempre um pisar em ovos e lamber de saco toda conversa com ele, e interrompê-lo era fora de cogitação. Esse prefeito é novo e ambicioso.

Por sorte, junto está o ex-prefeito, responsável por articular a vinda desde o início, um homem que envelheceu na política partidária e sempre defendeu os interesses das elites, então experiente em reuniões com executivos e crianças mimadas. Após a segunda piada sobre como era engraçado e imprevisível o clima na Disney, interrompeu sorrindo ao governador com uma frase que ao mesmo se desculpava e bajulava o garoto, sem deixar brechas de silêncio que ele achasse conseguir preencher com outra piada, prosseguindo com as negociações. O atual prefeito respirou aliviado. Não escrevo a frase aqui pois como parece é realmente elaborada e difícil, e em inglês.

Apesar das negociações prosseguirem, e de tanto o atual quanto o antigo prefeito apressarem a falar algo quando percebiam o sorriso do governador, a reunião não foram só mais meia dúzia de palavras, pois restavam alguns impasses sobre a duração das obras, se a prefeitura estenderia os subsídios às empresas fornecedoras de peças que vinham junto, e algumas exigências trabalhistas de não deixar “pequenos problemas” serem alardeados pela mídia. Após mais uma hora e uns tantos minutos, os papéis foram assinados, as mãos apertadas, o governador conseguiu contar uma última piada e estava tudo acertado para a cerimônia do dia seguinte.

CAPÍTULO 9

Sara acordou ansiosa naquela manhã.

Ainda não falavam que ansiedade seria um dos males do século, um sintoma que diria muito sobre a sociedade que viviam, e Sara não era uma pessoa ansiosa, falava o que tinha que falar, fazia o que tinha que fazer, ou o que queria, tudo na hora, sem ficar pensando, mastigando e remoendo as coisas. Sua cabeça tinha ocupações suficientes para não deixar a espera pelo futuro dar suas comichões, mas acordou ansiosa, e sem saber pelo que ansiava.

Desceu do beliche e foi até a cozinha tomar água. Saiu na varanda e percebeu que ainda era madrugada, o céu escuro mas não tão escuro. Amanheceria em breve. Pensou que não valia voltar a dormir, e foi passar café.

Só parou de se coçar quando o sol despontou no horizonte, as cortinas abriam anunciando enfim o espetáculo, e Amanda acordou.

- Acordou cedo hoje, Sa.

Foi até a mesa, serviu o copo de dois dedos de café e sentou ao lado da amiga, de frente às árvores do quintal.

- Com comichões, uma sensação de que algo ruim vai acontecer. Um medo, Mandinha, oprimindo meu peito, soprando minha barriga – respira, e continua - E, ainda assim, nada parece ter mudado. O sol e você levantam como sempre, o café tem o mesmo gosto, as árvores balançam ao vento, e nenhum grito se ouve na rua além dos habituais.

Amanda abraça a amiga.

- É esse mundo louco amiga, onde nunca estamos realmente seguras. Mas aqui você está, meu amor – e acaricia seus cabelos.

Elas ficam ali, abraçadas, até Julia também acordar e juntar ao abraço, sem perguntar por que abraçavam.

Enquanto isso, na sede do governo do estado, na capital, funcionários andam apressados de um lado a outro preparando tudo. A cerimônia seria dali quatro horas mas o governador gostava de ver os funcionários fazendo as coisas apressados, como dizia o pai, rico empresário, “o mundo urge!”, e as flores não entrarão nos vasos sozinhas, as cadeiras não usarão seus pés para ir até o salão, os copos não procurarão água para preencher seus vazios, e a comida não será posta em seu prato sozinha, muito menos com a ajuda de suas macias mãos, pois que mãos calejadas o fizessem!

Estavam na cerimônia diversas autoridades políticas, de vereadores a secretários estaduais, empresários representantes das elites, como o presidente da Associação de

Comércio e Indústria de Moemambá, além de membros das elites moemambenses e das elites estaduais, e executivos da Nessan.

Foi tranquilamente que caminhou o representante internacional da empresa para aquilo que era apenas o jeito que as coisas deveriam acontecer, e normalidade nunca assustou esse homem. Ele sobe ao palco e diz em inglês “Bom dia a todos. Estamos felizes por essa cerimônia e por podermos estar aqui, no centro do Brasil, anunciando mais uma de nossas fábricas fora da Coréia do Sul. Esperamos que isso seja apenas o começo de relações fortes e amistosas entre o Brasil e a Nessan”, traduzido em simultâneo ao português. Falou mais um tanto de coisas, mas tudo muito entediante.

Este é o início oficial, anunciado, de nossa história. Nos próximos quatro anos a Nessan, a prefeitura de Moemambá e o governo do estado se empenharão em construir, juntos, a fábrica da multinacional. Trabalhadores morrerão e dirão “acidente de construção”, as obras pausarão e dirão “toda essa rigidez torna inviável o crescimento”, as obras continuarão e dirão “enfim”.

Enquanto isso correm as vidas que não perecem, percebendo apenas de soslaio as mudanças, que mais rápido correm.

CAPÍTULO 10

A prefeitura não escondeu palavras ao começar as prometidas obras quase de imediato após o anúncio da vinda.

Oficialmente não se sabia onde a fábrica seria instalada, afinal acabaram de fechar os acordos e as promessas e assinaturas, uma delas inclusive a doação das terras pela prefeitura, então alguns, obviamente não incluídos nas conversas no décimo segundo andar do prédio espelhado, acharam que seriam públicas.

As obras começaram no asfaltamento de estradas de terra no noroeste da cidade, pavimentando o que era chamado de expansão do perímetro urbano. Alguns acharam suspeito que a cidade já tivesse direcionado para onde cresceria, mas estes não leram os documentos do município que discorriam sobre o planejamento da cidade e em um dos pontos falavam qual o eixo de expansão que ela deveria seguir, caso ignorasse que o que deveria mesmo era ficar parada. Já os que leram acharam ainda mais suspeito, pois recomendavam a direção oposta.

O balde foi chutado quando tratores da prefeitura começaram a terraplanar um terreno muito ao longe dos limites daqueles lados que lentamente expandiam, e é certo que ali a prefeitura se fez parecer uma criança afoita que não consegue esperar para dar as novidades, ou para esconder os segredos. Logo foi sabido pelos interessados em acompanhar tudo aquilo que o terreno que estava sendo terrapланado foi comprado pela prefeitura dias após o anúncio de vinda da Nessan, e que pertencia ao grupo Usicana.

Ao grupo pertenciam quase todas as terras da zona rural de Moemambá, que se estendiam no horizonte em oceano de cana de açúcar. Um dos interessados que falei tratou logo de averiguar por quanto a prefeitura comprara aquelas terras, certo de que podridões fediam naquilo tudo, superfaturaram o hectare em quanto, 200%? 300%? Mas quando achou os papéis eles estavam relativamente cheirosos - o quão cheiroso consegue ser um papel destes, não fedendo mais do que as transações fundiárias do porte naturalmente fedem, aquele cheiro inconfundível de morte. Esse interessado investigador era jornalista, e ficou frustrado ao saber que a prefeitura pagou o preço normal do hectare. Só não se abalou pois ainda tinha uma matéria quente, não era certo que escolhessem e comprassem as terras tão rapidamente, deveriam ser respeitadas as burocracias que rezavam os processos de licitações e coisa e tal, tinham mesmo falcatruas por trás daquilo.

Se soubesse que as terras foram compradas horas após o anúncio conseguiria deduzir que elas já estavam tratadas de antes, talvez até imaginasse reuniões secretas em um prédio espelhado, não precisava de um jornalista muito perspicaz para isso, um não-jornalista não-muito perspicaz inclusive também conseguiria, mas essa parte pouco importa pois ele não sabia o dia e horário de compra das terras, e no fim pouco importou tudo que esse jornalista soube ou deixou de saber pois jornal nenhum da região quis publicar sua matéria.

E lentamente, mas não tão lentas, as máquinas pavimentaram o caminho.

CAPÍTULO 11

No ano seguinte ao anúncio, Pedro perdeu sua virgindade em um sexo escondido. Tinha dezoito aninhos, e esperava que fosse mais especial.

Por muito tempo esperou que fosse especial e ponto. Nos últimos três anos começou a aceitar um gradiente de quão especial tinha de ser, e embora dissesse aos amigos mais íntimos que não queria que fosse qualquer coisa, quando os anos passaram, dezesseis,

dezessete, e passou a mentir sobre pois se tornara constrangedor ter dezoito e ser virgem, foi então que no íntimo ele aceitou que não negaria a primeira oportunidade de relações íntimas com uma garota.

Achava engraçado quando perguntavam se era sexualmente ativo. Parecia ter um botão de ligar e desligar. Se tivesse certamente estaria ligado, para mostrar que era apto a desenvolver relações sexuais, garoto jovem e saudável como era, e com o apetite por sexo estourando dentro das calças, urgindo. Talvez, se com os botões acendessem luzes, ficasse mais fácil.

Se encontraram em uma festa no Engenho patrocinada por uma das antigas industrias da cidade, multinacional norte americana de maquinas agrícolas, e já patrocinada também pela nova multinacional, que surpreendeu com sua vultosa caridade e assumiu a posição de patrocinadora principal. Tinham se visto outras vezes, e Pedro não fazia ideia do que significavam os olhares que Stella trocava com ele. Poucas foram as palavras para que ela também entendesse isso, e percebesse que muitas ainda não bastariam para o garoto, então o beijou.

Esconderam o sexo atrás de uma falsa seringueira, deitados, seminus, com camisinha que Pedro carregava na carteira desde os dezesseis anos. Em nenhum momento pensou que depois de tantas intempéries vividas no bolso da calça ela poderia furar, e por sorte não furou. Ele gozou com gemidos que desconhecia ter, ela não gozou. Lhe deu um beijo, disse Como você é novinho, e saiu.

Ficou Pedro deitado com seus sentimentos.

CAPÍTULO 12

A Comunidade era propriedade de um casal de classe média que comprou as terras doze anos antes especulando que fariam um shopping naqueles lados. Não fizeram, e as terras permaneceram vazias boa parte desses anos, pois ali só chegava estrada de terra.

Foram dez anos depois, quando anunciaram a vinda da multinacional, que a prefeitura levou pavimentação às estradas de terra, luz e redes de energia elétrica, água e esgoto. Então a propriedade valorizou muitos porcento, e pipocaram as ofertas.

Mas o casal estava triste. Seu filho mais velho morrera. Tinha trinta e sete anos, câncer. O casal ignorou as ofertas que recebeu durante dois anos, pois durante dois anos ignorou tudo. Continuaram tocando a vida, trabalhando, comendo, mas não ligavam o

computador pois a tela de fundo era a foto do filho. Não atendiam os telefonemas pois por telefone receberam a morte. Quando souberam das propostas não tinham ânimo, e as deixaram acumular. Passaram a ignorar o garoto da imobiliária. Durante dois anos não falaram do filho.

Foi quando quebraram o silêncio e choraram que decidiram dar um fim às terras que o filho insistiu que comprassem. Apenas por coincidências, seis dias depois Amanda entrou em contato com eles, diretamente, para falar sobre a propriedade que viu à venda em uma placa velha. Contou da Comunidade e acharam a ideia bonita. Assim foi.

A princípio mudaram Amanda, Sara, Julia, Mariana, Lucas, José namorado de Amanda, Maria namorada de Julia e Flavia namorada de Lucas. As primeiras a se mudarem foram Mariana, Maria, Julia e Sara.

No terreno tinha uma casa antiga, com um quarto, uma sala, um banheiro e uma cozinha.

Maria e Julia dormiam no quarto, Sara e Mariana dormiam na sala, dentro de uma barraca, com medo da casa velha.

Ergueram as cinco casas nos dois anos que seguiram, em mutirões. A casa de Sara acabou de ser erguida no primeiro ano, e aos poucos foi se ajeitando. No segundo ela deixou de trabalhar na cidade e ficou só na Comunidade.

Um bom e rico punhado de pessoas também foi para aqueles lados, acompanhando o anúncio da multinacional.

CAPÍTULO 13

A expansão da cidade até chegar na nova fábrica possibilitou diversos empreendimentos nessas terras, até então cobertas de cana.

Curiosamente, quase todo espaço incorporado também pertencia à Usicana, e esses diversos empreendimentos eram parte de um outro, grande e ambicioso, também dela, chamado Reserva Jatobá. E apesar de não esconder o jogo, para lança-lo a Usicana criou uma empresa com nome mais apropriado para os empreendimentos do setor, pois quem compra mansão de empresa de cana pensa que é fazenda. Chamava Ecovida.

A Reserva Jatobá foi anunciada um ano depois da Nesson, em evento pouco noticiado e muito restritivo. Estavam presentes a tradicional e a nova elite local, além de alguns políticos e dos trabalhadores e trabalhadoras que serviam as mesas, verificavam

os convites, estacionavam os carros, cozinhavam, limpavam, garantiam a segurança dos presentes - excetuando a dos trabalhadores e das trabalhadoras - e do patrimônio – os carros, o que cada um levava nos bolsos e bolsas e essas coisas. O diretor da Ecovida anunciou a Reserva como o primeiro bairro planejado da cidade.

E de fato assim o parecia, pois na estrada e nas avenidas as placas indicavam o caminho para chegar no Beobá e no Res. Jatobá, apesar de ambos levarem sempre setas apontando na mesma direção, mas era mentira.

O Beobá é um tradicional bairro popular de Moemambá. Trabalhadores moram nele há oitenta e cinco anos. Parte de sua área compreendia terras rurais, e ainda comprehende, mas agora são urbanas e dizem querer independência. A Ecovida continua no esforço para tal, alegando que se sua filha Jatobá pertencer ao Beobá, desvalorizará.

As placas dando indicações para a Reserva substituíram as placas que davam só para o Beobá, o site da Reserva se anuncia como o primeiro bairro planejado, de modo que o impedimento só resta no endereçamento de cartas e coisas do tipo. Mas para qualquer um andando ou dirigindo no mundo real, parecia um bairro próprio.

Era difícil dizer o que mudava na primeira saída da rotatória, mas parecia que passávamos aos filmes. Verde era o tapete que separava o lado de ir do lado de vir das ruas, que em cinza iam. Jovens eram as mudas que cresciam no verde tapete, e saudáveis, enquanto velhas eram as que não cresciam no encardido chão do lado de lá, e mudas pareciam, pequenas. Olhos atentos e treinados para desvelar o que era feito natural perceberiam a grama bem aparada, as ruas largas e sem buracos, as árvores nos canteiros, os morros verdes e vivos, e que ocupavam o espaço confortavelmente, sem se apertarem. Era essa rua que marcava a passagem do real ao irreal, e um baldio terreno impedia a passagem por qualquer lugar que não ela, nele a grama crescia sem cuidados, pois quão mais hostil melhor.

Em alguns metros estava o primeiro condomínio fechado, Alphaville, muros altos sem pichações, por trás vemos as cabeças de casas bonitas, na entrada a equipe de segurança verifica os carros que entram, e além dela só as cabines de vidro escuro e cancelas, sem portões, pois a equipe passa ali as vinte e quatro horas do dia. Sentados bem ao lado, longe do caminho e das vistas das potentes máquinas que entram e saem, estão sete jovens e adultos, trabalham no condomínio e esperam a condução que os levará de volta às suas casas, distantes daquelas.

Do outro lado da rua um parque muito bonito e conservado, cheio de árvores e trilhas e ciclovias e aparelhos para exercícios, seguindo para um lado tem outro

condomínio fechado, o Villa D'áquila, parecido com o Alphaville mas o muro é de outra cor, seguindo para outro tem uma escola técnica e uma universidade pública, nesse ponto encontramos um dos bonitos jovens que estava a se exercitar no parque, descolado e consciente ele se locomove a pé de sua casa, em um terceiro condomínio fechado que ainda não apresentamos, o Villa Bella Vista, até o parque. Paramos para pedir informações e ele, bem-educado nas mais caras escolas particulares da cidade, sorri seus branquíssimos dentes e se oferece para nos fazer um *tour*. Segue sua apresentação do que chama de “minha quebrada”:

“Vira aqui, antes do Instituto, ali a gente vê esse tanto de árvores, tudo bem conservado, pra cuidar do meio ambiente mesmo sabe, é importante a gente ter consciência, responsabilidade, vamos seguindo, aquilo ali é nosso office, tem um monte de escritórios de empresas bem importantes e internacionais, ali do outro lado é um parque tecnológico, não sei bem direito o que faz, ali ó, esse é nosso shoppingzinho, aonde rolam nossas bagunças, ali tem um barber shop bem fancy e tal com mesa de sinuca e eisenbahn e heineken na geladeira, um lugar assim que dá pra passar o dia sabe, ficar conversando, o Lucas é um cara super sangue bom, aí chega quando bate a fome e você não quer só um snack sabe, aí puff, tem um bistrô do lado, com várias rangueras na moral, e nada muito caro, assim, com uns setenta reais você come bem, aí pra manter a forma depois de comer tem um gym, cheio de aparelhos importados, uma equipe de educadores físicos e galera da nutrição pra te passar um treino massa, que você vai nessas academiazinhas aí eles te passam um treino todo ruim, acaba fazendo mal pro seu corpo, e ali também tem umas gatas treinando aí você aproveita e paquera, bota uma regata assim pra aparecer o corpo, puxa conversa quando tá num equipo perto e aí a equipe também já tá ligada e é bem esperta e já sai pra outro lado pra você poder desenrolar um papo bacana com ela, aí combinam e termina o treino já vão juntos pro pub que é logo ali, é, claro, toma um banho antes né, tem toalha e sabão phebo no banheiro, aí chega no pub já pede uma cervejinha artesanal pra mostrar que tem bom gosto, e tem umas cervejinhas bem boas mesmo, nada desse lixo de brahma e glacial que parece agua, senta com ela, pede um menduca também pra acompanhar, e aí vai indo, agora eles tão até com happy hour, então você passa a noite ali paquerando a gata, chama ela pra ir ver o jardim e já encosta ela na parede e pow, é dali pra tua cama, pra minha no caso né, haha, e ela tá toda bonita, gostosa, vai além no gym dali também na esmalteria que tem do lado, aí faz a mão, o pé, fica as unhas bem

bonitinhas porque mulher gosta disso sabe, ali do outro lado é a sede da Raiz²⁵, um baita orgulho, a Usicana conseguiu se unir com uma empresa americana sabe, isso sim que é orgulho pra moemambá, os fundadores da Usicana são heróis mesmo, começaram a empresa do nada e agora são os mais ricos aí do Brasil, sou amigo do filho do dono, o Rubens, o filho dele é uma figura, tamo sempre junto nos roles top aí da cidade, ali do outro lado é o Nature Hotel, pra hospedar quem vem de fora fazer negócios aqui, e tem tudo, dá pra pessoa morar ali, serviço de quarto, banheira, piscina, breackfast, lunch, gym, tudo que precisa, às vezes peço pro meu pai pagar uns dias de hospedagem ali pra mim, aí vou e passo o fim de semana, uns quatro dias, super top, ali mais pra frente fica a escola que eu estudei, agora tô fazendo cursinho, maior porre, ali é uma escola que dá pra estudar a vida inteira, é que aqui tudo é novo né, só estudei um ano ali, mas quem vem agora com filho pequeno o filho vai crescer na escola, com os mesmos amiguinhos, fazer umas amizades assim pra vida sabe, e o ensino é o melhor, aulas em português e inglês, pra aprender já de pequeno, porque eu acho que todo mundo deveria saber inglês, é básico, você vai pros states e óbvio que tem que saber inglês, mas aí você vai pra qualquer país e também é inglês, esses dias tava em Barcelona e só falei quase em inglês, e falava em espanhol também, mas espanhol é feio de falar, aí pega aqui esquerda ó, se seguir por ali chega na fábrica da Nessan, puta fábrica loca, faz um monte de carro bom, agora os carros que a gente anda são feitos aqui do lado, super top fala aí, e segue reto, ali fica meu condomínio, vamos entrar nele, vai ser super legal entrar nesse carro, vai ficar maior falação tipo Olha o André ali, vão achar que eu tava nessas quebradas mais pobres, vai ser super massa, maior popularidade, vamos sem problemas, se o segurança encanar já chamo meu pai e falo que ele vai ser despedido, vai ficar no maior medo, olha só”.

Nossa paciência já tinha estourado e antes de chegar no condomínio paramos. Batemos no André todos juntos. Jogamos ele para fora do carro e aceleramos antes que os seguranças vissem. Achamos melhor não voltar na Reserva Jatobá.

Saindo a mil por hora percebo entre Nessan e bairro ainda campos de cana estendendo, prontos para ceder espaço para novos edifícios e coisas *tops*.

²⁵ Empresa que une a Usicana e a multinacional do petróleo Shell.

CAPÍTULO 14

Pedro desliga o despertador, pisca desanuvando a realidade dos sonhos e acorda. Senta na beira da cama e encara o escuro do quarto por algum tempo. Desce do beliche em que dorme pelado veste roupa e pedala até a aula das 08h00.

Pedro sempre morou em Moemambá. Quando passou no vestibular para o curso de Administração na universidade pública estadual da cidade, cinco anos antes, pediu aos pais para morar sozinho. Nesses cinco anos ele foi reprovado em sete disciplinas obrigatórias da graduação, aumentando os anos necessários para se formar de quatro para sete.

Pedro não trabalhou justificando que precisava de tempo para escrever pois era poeta, e se tornaria poeta famoso, mas escreveu muito pouco e culpou disso a obrigatoriedade da graduação, a perda de tempo que era permanecer em sala de aula durante a maioria das disciplinas e a depressão que a sociedade moderna causava em qualquer mente criativa.

Pedro mora com doze amigos em uma república, e é até hoje sustentado pelos pais. Os anos de república o fizeram perceber parte de seus privilégios, e como era mimado. Hoje faz estágio e tenta ouvir os outros quando falam, nunca mais brigou com a mãe e o pai, mas às vezes briga com os amigos. Tenta mudar isso. Sabe que a irritação que sobe à cabeça é resquício do menininho mimado.

Pedro acorda cedo e pedala até o campus da universidade, mochila nos ombros, fones nos ouvidos, celular no bolso, livro na mochila, chinelos nos pés, deita no gramado mais silencioso de todos os gramados, tira o livro da mochila e tenta ler. distraído, passam quarenta minutos e continua na primeira página, nas primeiras linhas. Pensa na festa do dia seguinte, e se finalmente conhecerá quem espera, quem esperou por anos para contar seus segredos, se desanimou e ainda anima na iminência de uma nova possibilidade, para tornar a desanimar durante a possibilidade, um jogo de espera e críticas que alimenta desde que deu seu primeiro beijo e percebeu que não era nada demais.

Pedro quer se apaixonar. Acha que quer tudo que vem com isso, mas quando vem não quer. Quer a ideia de se apaixonar, conhecer alguém em uma festa, andando pelo parque, no intervalo da aula, bebendo no bar. É essa ideia de se apaixonar, mas não de viver a paixão, que por vezes o faz sentir a beleza que é viver.

CAPÍTULO 15

Coincidências aconteceram em quase todos os dias de sua vida, alguns mais de uma vez, e alguns dias não aconteceram, devemos ser fiéis à verdade à revelia de frases de impacto, então digo que passaram dias seguidos sem que qualquer coincidência acontecesse, mas não confundam, existem muitos dias em vinte e dois anos de vida, e o normal dos dias de Pedro eram as coincidências, não o contrário.

Podem entender disso, por exemplo, por que nunca falou Que coincidência! ou Hoje aconteceu algo estranho comigo, conversando com alguém, pois as coincidências não lhe eram estranhas, e o normal é normal. Sabia que para outras pessoas isso era o contrário, então deixava as suas em segredo, esperando a pessoa para quem confessaria o que guardava em silêncio. Nesse momento se sentiria especial.

Pedro nunca passou mais que um punhado de dias sem coincidências. Um punhado seriam no máximo seis, algo ainda plausível de ser segurado com as mãos, e com esforço. Com exceção de uma vez. Tinha doze anos e voltava de viagem com seus pais, todo fim de ano visitavam a família da mãe, que era bem grande, passavam um ou dois meses, e voltavam.

No banco de trás do siena Pedro olhava a paisagem e como em toda volta estava triste, não gostava dos finais. Passariam dias e se esqueceria, acordaria na manhã seguinte melancólico mas quando chegasse a noite já estaria tudo, novamente, normal. Isso não confortava Pedro, que olhava a paisagem pela janela, triste, lembrando os dias que passaram.

Foi quando pensou nos dias que viriam que algo estranho aconteceu, e com doze anos Pedro comprehendeu que depois de todo fim outras coisas aconteceriam, ele voltaria para a escola, reencontraria os amigos, iria ao cinema com os pais, veria o Corinthians no domingo à tarde com os irmãos. A vida continuava.

Três anos depois ainda ficava triste com os finais, sabemos que ficará até o fim de sua vida, mas é com quinze anos que, ainda se reconfortando com aquela compreensão antiga, comprehende com infelicidade também outra coisa, que todos os fins têm começos até que morresse, e então não teria nada.

Pedro fica um mês e treze dias sem coincidências.

CAPÍTULO 16

O saque é antigo.

Descarados, criaram máquinas para iludir que poderíamos fazer o mesmo, sacar riqueza, Money, capital, dinheiro, e assim fazemos alguns mais iludidos outros menos, e no fim do mês eles cobram.

Em 2013, o presidente da Bolívia discursou aos comandantes-chefes dos saqueadores, fez com eles um acordo melhor do que fazem e fizeram com nós, deu duzentos anos de graça aos seus empréstimos, juros abaixo do que usam, e concluiu que nos deviam um montante de ouro e prata maior que o peso da Terra. As vidas que mataram não entraram na conta, quanto vale um quilo de carne, suor e sangue, ossos, órgãos, tecido. Dizem que a alma é leve, e talvez por isso tanto descaso se morrem ou vivem as pessoas para baixo do mundo. Mas e se sonhos pesarem? Aí dói a cabeça dos economistas, talvez seja melhor chamarem intangível e chutar qualquer preço, mas não importa. Eles nunca pagaram.

A Nessan veio à Moemambá, dizendo que a cidade é mais competitiva que qualquer outra região desse Brasil. Isso surpreendeu parte da população que sempre considerou Moemambá uma cidade calma, que resistia às mudanças das cidades grandes e seguia os dias novos como todos os outros que passaram, manhã, tarde, noite, não se viam pessoas correndo pelas ruas para pegar o metrô das 07:10 porque não tinha metrô, não se viam pessoas andando e mexendo no celular, só os jovens, não viam brigas nas ruas porque um entrou na frente do outro que devia olhar por onde anda, eram raras as batidas de carro, de moto, porque não corriam, se olhavam, cumprimentavam, até os dois times da cidade quando jogavam terminavam no bar, ninguém chamava o jogo de competição, e era frequente que à falta de jogadores torcedores substituíssem e vestissem meiões e chuteiras emprestadas às pressas, então como seria aquela pacata cidade mais competitiva que todo aquele imenso mundão que era o Brasil?

A prefeitura de Moemambá comprou 200 hectares da Usicana, terraplanou a área e investiu mais alguns milhões para ajudar a Nessan a erguer sua fábrica. Como criança órfã de pais, Moemambá acolheu e alimentou a empresa, mediu as palavras que falaria na frente dela, as que falaria para ela, intrometidos nos jeitos parentais diriam que a mimou, engoliu as broncas, correu aos choros, limpou as sujeiras, tal qual os pais de Pedro. A Nessan cresceu, e no dia primeiro do mês Setembro anunciou aos pais adotivos que estava pronta.

CAPÍTULO 17

A primeira empresa estrangeira a chegar em Moemambá foi a Marcony, empresa de tecidos que comprou a fábrica de outra empresa de tecidos, Arethusina, vendida pelo medo que a Marcony causava intimidando a próspera Arethusina com Ou vende ou fali, contra nós sua competência é peixe, fish no dialeto original da empresa.

Depois veio a Carity, a Stroopfwaffel, a Caterpy e cá estamos, na iminência da inauguração de mais uma multinacional na região, fazem vinte anos que a última foi inaugurada então alguns dos presentes nessa multidão nem vivos estavam, outros vivos estavam mas às notícias não se atentavam por causas variadas, outros esqueceram e alguns poucos lembram daquela outra, do discurso do prefeito na época, dos sorrisos, dos flashes e da grande tesoura cortando a fita vermelha. Esses últimos se mostraram na maioria céticos com a vinda dessa, na maioria se recusaram a aumentar a multidão com suas presenças, também porque não foram convidados, e alguns, poucos, acreditaram naquela época e acreditam agora. Não são pessoas más ou necessariamente ingênuas, só otimistas. E a multidão não é exatamente uma multidão, ou possui muito poucas semelhanças com uma.

Estão todos sentados e engravatados em um galpão fechado e produzido com flores e balões e coisas também sérias como é de se esperar de tais cerimônias, são brasileiros e coreanos aparentemente importantes, mas não sabemos quem. Também não sabemos quantos deles são de Moemambá e se sequer existe alguém de Moemambá presente que não o prefeito seus ministros os vereadores e meia dúzia de outros que dizem ser importantes na cidade.

O prefeito agradece a presença do presidente mundial da multinacional, agradece a presença do representante internacional da multinacional, agradece a presença do que viria a ser o presidente nacional da multinacional, agradece a presença da multinacional, agradece a presença do vice-presidente da república, agradece a presença de seu ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, agradece o secretário do Ministério da Economia e Conhecimento da Coréia, agradece o embaixador da República da Coréia no país, agradece a presença do governador do estado, agradece a presença do secretário estadual de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia, diz que está muito feliz com a presença de todos e agradece por fim a presença do povo, e este último todos aplaudem igualmente apesar de não entenderem. Isso marca o começo de mais um ciclo de prosperidade para a nossa cidade, diz, Isso marca a nossa gestão comprometida com a geração de empregos e renda para a linda população de Moemambá. Ele conta quantos

empregos serão gerados direta e indiretamente pela multinacional, fala mais um tanto sobre qualquer coisa que não interessa ninguém e aperta a mão do presidente mundial da multinacional.

O presidente mundial da Nesson pega o microfone e fala um monte de coisas em tom disciplinado e monocórdico que todos entendem pois ouvem a tradução em microfones presenteados pela multinacional. Eu não fui presenteado com fones pela multinacional então sei do discurso apenas o pouco que seu semblante sério demonstra, que é quase nada. Falou das responsabilidades da empresa, que a empresa tem missões, que o mais importante é o cliente e por aí vai.

Depois dele discursaram todos os outros presentes importantes o suficiente, a maioria se repetiu, mas ninguém da multidão levantou e saiu porque aquela cerimônia era muito séria e importante. Se um peixe estivesse ali também não levantaria e sairia mas viraria de barriga para cima e fingiria de morto esperando aquele um minuto de silêncio. Difícil seria quando passasse o minuto e voltassem a falar, imaginem o vice-presidente da república daqueles dias discursando, homem que não era conhecido por seu carisma, mais pela falta dele, e pelo inexplicável veneno que ficava nas cadeiras que sentava, manchando. Inexplicável então, pois não tardarão os dias de explicações, e ninguém gostará deles.

Todos falaram de geração de empregos, crescimento econômico, e do futuro próspero que esperava Moemambá.

CAPÍTULO 18

Juntavam e repartiam. Lucas, Mariana e Julia continuavam trabalhando na cidade, as outras trabalhavam na vila. Tudo que produziam era repartido, somavam o que ganhavam, tanto das vendas quanto dos salários, e decidiam juntas o que fazer com o dinheiro. Alguns tinham vícios e gastavam comprando cervejas vinhos cigarros queijos livros, e depois de três anos convivendo juntas e conversando e decidindo tudo conseguiam enfim viver bem, sem pensar que eram passadas para trás. A cada um de acordo às necessidades, de cada um em acordo às capacidades, era o que libertários falavam em outros tempos, os dos sonhos. Mas sim, eventualmente alguém não resistia e cuidava da vida da outra.

No dia doze do mês Agosto decidiram todas juntas que as segundas eram as noites de filme, as quartas de jogo e cerveja, as quintas de vinho e janta coletiva.

Apesar do que podemos pensar nós, que vemos de fora a vida que levam, e ainda precariamente, apenas as partes contadas nesses capítulos, ficaram todas felizes com essa decisão, e sim, Lucas falou logo após a proposta de Amanda que era melhor deixar as coisas para a espontaneidade, para o imprevisível desenrolar do mundo, mas ao fim também ele estava convencido das noites fixas que virariam tradição. E nas segundas fariam as reuniões, antes do filme.

Agora, quase três anos depois, essas noites continuam certas.

CAPÍTULO 19

Faz um ano que a Nesson começou as operações em sua fábrica.

Pedro conhece Mauro em uma festa bacana qualquer. Conversam bêbados no corredor do banheiro e depois na cozinha. Mauro canta uma música e Pedro diz Não conheço, qual é? Mauro canta de novo e Pedro responde que continua sem conhecer. Mauro diz o nome da banda e da música e Pedro nada entende então Mauro finalmente diz Talvez ainda não tenha sido inventada, e Pedro ri achando que era uma piada, mas não era. Nessa festa Pedro também conhece Sara, pois não lembram do encontro nove anos antes e julgam se ver pela primeira vez ali, na cozinha, quando Pedro aproxima de Sara sem entender nada do que aquilo significa.

Naquele sábado foram todos fazer feira, então Maria dirigiu a saveiro Mariana ao lado todas as caixas carregando o que venderiam na caçamba e Sara dirigindo a Kombi, Amanda ao lado Lucas e Flávia atrás e Júlia na última fileira de bancos, as mochilas de todos contando Maria e Mariana no porta malas. Foram todos, e por isso em dois carros, pois sairiam da feira e iriam direto para a Sândalo encher a cara e comemorar o aniversário de Ana, menos Lucas e Flavia que não bebiam e não fumavam e não usavam droga além do celular sempre ao bolso.

Chegaram mais tarde do que queriam, quando prestes a sair Henrique decidiu tomar banho e fez todas esperarem por quarenta minutos. Cansados de esperar, Victor e Leandro foram ao bar da esquina comprar cerveja aí João deu dinheiro e Pedro Fabio Gabriel Juan

Tainá Kenia Gabriela Carol também deram e quando Henrique saiu do banho ainda tinham seis litros a serem tomados. Então foi só uma hora e meia depois dos quarenta minutos de banho que todos saíram a pé da casa e andaram os dez minutos até a república amiga com um cacho de banana como presente à aniversariante.

- ÉÉÉ – gritaram quando Ana apareceu, sorrindo feliz e entusiasmada. Trouxemos um monte de presente – anunciou Juan com sorriso maroto.

- A gente trouxe um cacho gigante de banana! – emendou João, que não compreendia muito dos mistérios e suspense.

- Sim, a boca aberta do João esqueceu que era surpresa – comentou Carol.

Ana ria enquanto abria o portão e a abraçavam.

Amanda e Maria pegavam uma garrafa de cerveja na geladeira enquanto ouviam dois caras e uma mina comentando com Ana sobre o cacho que era da bananeira de casa que todo ano dava um monte de banana como se fosse grande coisa e eles pessoas interessantes, ignoraram os jovens, pegaram uma garrafa cada uma, encheram os copos e levaram até a roda.

Pedro Henrique e Gabriela contaram para Ana como era significativa a origem do cacho que davam, alguns traços toscos de prepotência nos sorrisos enquanto falavam e Ana percebia isso e a prepotência, e sempre percebia, mas não se importava, ou relevava com ótima eficiência, pois gostava dos amigos e é esse o tipo de coisa que fazemos quando gostamos.

É fim da tarde e a embriaguez naquele momento prestes a girar a chavinha que deixará os próximos momentos borrões nas lembranças, Pedro sai da bolha de suas amizades e anda sozinho pela festa esperando conhecer alguém diferente a quem quer enganar?

Esperando trombar alguém que já conhece e beijar e se pegarem e amassarem e transarem, quase não passa por sua cabeça a possibilidade de conhecer alguém novo e o mesmo acontecer, ele entra na cozinha e pergunta à uma roda Licença, e enquanto continuaria uma delas responde Oi, ele sorri e também diz Oi, vocês viram meu amigo? Ele é alto tem a barba rala meio loiro o cabelo não a barba a barba é preta, o primeiro bom sinal é que não o olham com desprezo, ou demonstrando que ele as cansava, O que ele está vestindo? pergunta uma de camisa branca, Boa pergunta! franze os olhos pensativo Hum, é, não consigo me lembrar, elas riem, ele sorri, Aí fica difícil, qual o nome dele? pergunta a que disse oi, Eduardo, responde Pedro, e elas se olham balançando a cabeça É, não

lembro de nenhum Eduardo alto loiro barba rala, ele é lindo? pergunta a terceira, de calça larga, risos Ai Amanda, Sim eu acho ele bem gato, Você é bem gato, Ai, O que você faz? Estudo Administração na UEM, Que chato, É, é chato, e vocês? Geografia na UEM também, Eu dou aula, Você não tinha que achar o seu amigo? É, tinha, mas vai que ele nem existe, aí eu trocaria conversar com vocês, que existem, por procurar alguém que não vou encontrar?

Elas riem e dizem que ele é meio louco no que ele sorri e diz algo incompreensível, Qual o seu nome? pergunta a jovem que até agora em silêncio só olhava a roda e fora dela, mas não se confundam, ela não é especialmente tímida ou introvertida, apesar de ter momentos de timidez e introversão, Pedro, responde, fixando os olhos nos de Sara, ele a notou desde o começo mas supôs que o silêncio mostrava o desinteresse de alguém muito mais madura que ele, e supôs corretamente, apesar de não ser só isso, E você?

Ela responde Sara.

Pedro sorri para Sara. Amanda, Julia e a moça de camisa branca que não disse o nome até agora se envolvem em conversa paralela enquanto os dois se olham. Pedro se surpreenderá com a atitude ao lembrar disso nos dias que virão. Ele contorna a roda, estende a mão direita e pergunta Quer dançar comigo?

Sara sorri, e responde:

- Eu não danço.
- Eu também não.

Ela encara o garoto, e segura a mão.

Andam em silêncio até a sala que tocava músicas, e ela pergunta como ele quer, e Pedro responde que não sabe e segura as duas mãos de Sara. Ela desliza as mãos por seus braços, passa pelos ombros, desce e para na cintura. Ele meio confuso meio tímido pousa as mãos em cima das dela e passeia meio trêmulo pelos braços até chegar aos ombros. Ela sorri e começam a dançar, lentamente, um passo para cada lado, aproximam os corpos e ele sente o sexo começar a crescer, se aproximam mais e sente a respiração dela, as formas de seu corpo, olha ela mas ela olha os pés, desvia os olhos tímidos caso ela levantasse os dela e também olha os pés, volta a olhar para ela e ela continua a olhar os pés, mas agora ele mantém os olhos, até que ela sobe e fixa o olhar no dele, por um momento mais rápido que o pensamento algo supera o inevitável desviar dos seus e quando o pensamento enfim alcança o momento, percebe que eles continuam a se olhar. Como nunca, aproxima os lábios dos dela, e fecha os olhos quando tocam.

Sara não mexe os lábios em beijo e deixa que apenas se toquem, esperando o que Pedro faria. Ele, afobado, torna o toque em beijo e já a vai apertando contra o corpo quando ela sorri, então ele afasta o rosto, olha e também sorri. Eles beijam e as línguas também tocam, ela aperta o corpo contra o outro, e daí continuam as línguas e toques apertos e carícias de que se esperam os beijos nas festas, o sexo de Pedro cresce mais e enrijece, o de Sara umedece, já é noite e os toques podem ficar mais íntimos e intensos, ela aperta a bunda dele e ele aperta a dela e eles puxam as duas para apertar os sexos, e apertados mesmo separados pelos tecidos da calça dele e do vestido dela ambos se excitam e desejam um ao outro, anseiam se encontrar sem tecidos e pudores, talvez o látex da camisinha e enfim penetrar um na outra, as respirações arfando muito mais que agora, envoltos em tecidos, pudores e pessoas.

Pedro chama Sara à sua casa e ela aceita. É no colchão na cama de cima do beliche que os sexos dos dois enfim encontram, e depois em pé com ela apoiada na escrivaninha, ele atrás, e depois de novo no colchão, variando quem ficava por cima, e quem por baixo.

CAPÍTULO 20

Na madrugada daquele sábado Sara acordou de sonhos intranquilos para se encontrar em um quarto estranho²⁶. Olhou ao redor, encarou a escuridão e as lembranças vieram aos poucos. Ao seu lado dormia Pedro, também nu, os braços que a abraçavam agora caídos no colchão, ela sentada. Procura o chão com os pés que vacilam no desencontro, o quadril já preparado para levantar tão embriagado quanto o resto do corpo ignora as respostas que os pés deveriam enviar e faz seu movimento. Sara cai da cama de cima do beliche que esquece ter subido, por sorte cai em pé e sem torcer os tornozelos, apoiando as mãos no chão por perder o equilíbrio mas sem se machucar.

Sara sai do quarto escuro para se encontrar em uma festa que resistia ao sono em meia dúzia de pessoas dançando funk que a recebem com gritos de satisfação, ela sorri e abre uma cerveja da geladeira. Sara passa a pista de dança que só era pista pela dança, quando acabasse voltaria a ser varanda, anda até a área descoberta e olha a lua meia bomba brilhando entre nuvens.

²⁶ A Metamorfose, Franz Kafka

Um resquício dos sonhos ainda perturba seus pensamentos. Ele, o resquício, diz que tristezas esperam mais que felicidades, pois sabem que vêm. E também diz que durarão mais.

CAPÍTULO 21

Moemambá não era uma cidade grande, e nem chegava aos pés da grandeza da capital de onde Sara viera, mas nesses tempos uma cidade média tinha mais pessoas que a maior das cidades de cem anos antes, e tinha mais pessoas do que era possível conhecer em uma vida, e isso que nos importa, pois Pedro apesar de não conhecer um centésimo delas imaginava não existir ali o amor da sua vida, e Sara também não conhecendo não imaginava isso, mas que certamente teriam pessoas interessantes nesse bolo, e que algumas das que dormisse junta sentiria prazer também acordando.

Não foi prazer que Sara sentiu ao acordar ao lado de Pedro, mas o sentimento mais comum de desinteresse em qualquer relação para além da cama, e vontade de sair logo dela. Já Pedro, depois de Sara ir embora, sentiu algo um tanto mais raro, de querer reencontra-la. Sentiu isso poucas vezes no curto período desde que se tornou sexualmente ativo, e nessas poucas vezes pouca coisa desenrolou, no máximo dois outros encontros, e desilusão.

Dizem que expectativa é como um castelo, mas de areia, pois é óbvio que desmoronará. Pedro já tinha ouvido isso, mas não conseguia fazer nada sobre, e continuava erigindo seus castelos. Sara também ouviu isso, mais vezes que Pedro, mas para ela pouco efeito surtiu, pois os castelos que construía eram demorados e raros. E, obviamente, desmoronados.

Quando o castelinho de Pedro já estava na construção das torres Sara respondeu que seria legal tomarem uma cerveja na sexta à noite, passou o lugar e o horário e lá chegava Pedro no horário quase pontual, depois de se forçar a esperar quarenta minutos na porta de casa pois se pontualidade era estranho entre as pessoas daquela idade, chegar adiantado era pior. E jovens querem ser descolados.

CAPÍTULO 22

Você ainda quer sair comigo? respondeu Sara. Pedro pego de surpresa demorou mas optou pelo simples Quero.

Faziam duas semanas desde a última mensagem dele, falando de um show naquela noite, mensagem que Sara viu e tanto tardou a responder. Ao contrário de Pedro, não se esforçava ou perdia tempo pensando em joguinhos, era direta com o que queria. Ela leu e tardou a responder porque esqueceu, depois que lembrou porque não queria, depois em uma tarde se percebeu pensando no garoto, e dois dias depois de novo, e foi na noite desse dia que respondeu com o que começa o capítulo.

Joguinho está aqui como o jeito de falar sem transparecer as reais intenções, principalmente emotivas, geralmente priorizando falas e escritas rasas, indiretas, ou que recorrem excessivamente a vícios de linguagem, onomatopeias como kkkk, ou figuras.

José Saramago via as palavras diminuírem e achava que estávamos nós no processo de voltar às cavernas e aos sons primitivos. Devia se entristecer. Dizia que inventamos elas, as palavras, e continuamos a inventá-las, para tentar contar o que sentíamos e pensávamos.

Prefaciou um livro de fotos de Sebastião Salgado chamado Terra. Escreveu que por apenas morder, e não engolir da maçã, fez nós, descendentes de Adão e Eva, ficar “como estamos, sabendo tanto do mal, e do bem tão pouco”. Era ateu e comunista.

Comunismo é o sonho de um outro mundo, justo e feliz. É o que Pedro e Sara sonham. Durante vinte e um anos o Brasil deles viveu a ditadura de militares, que censuravam, oprimiam, perseguiam, torturavam e matavam dizendo estar a salvo-los todos do comunismo. Vocês podem não entender, e tudo bem, eles mesmos não entendiam, mas às vezes o mundo é muito diferente do que poderia ser.

CAPÍTULO 23

Sara chega quase quarenta minutos depois do combinado.

- Desculpa pelo atraso, quando saia de casa um amigo ligou querendo desabafar uns sentimentos – diz cumprimentando com beijo na bochecha – vou pegar um copo – completa vendo na mesa só o dele, e a cerveja.

Quando chegou, Pedro perguntou se podia colocar uma mesa na calçada, pediu a cerveja e hesitou quando maria, a dona do bar, perguntou quantos copos. Na pressão de

não saber, querer ser descolado e não deixar maria esperando, respondeu que um. Mas quando sentou colocou duas cadeiras.

- Espera faz muito tempo? – pergunta Sara enchendo o copo.

- Não, acabei de chegar.

Ela sorri para o jovem.

- Você costuma vir aqui?

- Vinha muito nos tempos de estudante. Agora venho menos, bem raramente.

- Curioso, nunca te vi.

- Você vem bastante?

- Venho – Pedro sorri – vivo os tempos de estudante – completa.

Pedro pensa que ao dar ênfase na diferença entre as idades a diferença ganhará graça e perderá acusação. Pensa certo, pois Sara ri, e sente mais leve a repreensão por sair com alguém mais novo.

- É, aproveita. O tempo voa. Me diziam isso quando entrei na faculdade, e eu ignorava, achava que eram um bando de jovens imaturos querendo viver os tempos universitários para sempre.

- Sim, conheço alguns desses.

- É, tem bastante. Mas quem me falava não era. Só diziam a verdade. São anos muito felizes, e realmente voam.

Por algum tempo que só é constrangedor a Pedro fica silêncio na mesa, enquanto os olhos de Sara passam de um lugar a outro sem ancorar em nenhum, perdidos nas saudades. Eles voltam a conversar e Sara ainda não está presente, mas logo voltará. Já o ânimo não está por completo em felicidade, mas envolvendo a noite com uma bonita, e triste, sensação de que tudo aquilo também voará.

- Gosto de andar à noite – comenta Sara, olhando a lua.

- A noite aqui deve ser bem diferente da capital de onde você vem – responde Pedro, olhando Sara – o dia também.

- São.

- E não preferia andar na noite de lá? Aonde tem luzes e pessoas em festa a toda esquina? não se sente solitária aqui, com pouco mais que a luz da lua e dos postes, pois as casas dormem cedo, e as pessoas um punhado de estudantes embriagados que não voltaram às cidades natais, ou os velhos cachaceiros e bêbados da cidade?

Passam por um boteco que fechava as portas expulsando com dificuldade um senhor, o último que restava, e que insistia em tomar mais uma dose de cachaça antes de ir. O dono, outro senhor, com os braços fortes que um dono de boteco precisava ter, escorava o velho embriagado para fora, cansado, enquanto explicava que era tarde e os próximos copos teriam que esperar a manhã. Não existe agressividade entre os dois, nem princípios de briga na discussão da cachaça, só mais um fim de noite, os dois velhos conhecidos de tantos anos de bar. Por fim o que trança as pernas convence o que é dono das bebidas a tomarem juntos uma saideira, por conta dele. Sentam no meio fio, com os dois copos, e observam o casal passar.

- Sempre gostei de andar à noite. Quando era criança andava de mãos dadas à minha mãe e a meu pai, alheia ao que eles conversavam, mas não entediada, as ruas tinham muito para ser visto. Já naquela época tinham noites que olhava tudo com melancolia, pensando em todas as noites que passaram, em como os tempos mudavam e os melhores deles ficavam para trás. Depois, adolescente, andava às vezes sozinha, e às vezes com amigas e amigos. Com elas, conversávamos e ríamos e nos sentíamos grandes. Às vezes parava e nos percebia, ali, com uma melancolia diferente, não das noites que passaram, mas das que vivíamos e passariam. Quando sozinha, continuava me perdendo em tanta coisa que tinha para ver, e só lembrava os medos que minha mãe falava que como mulher deveria sentir quando a rua era deserta e vinha alguém ao longe. Então o medo veio fazer parte das minhas noites, junto à felicidade e à melancolia.

Aos dezessete comecei a beber, mais tarde que a maioria, e saímos na noite procurando bares com sinuca, com juventude, com pessoas. Alguns amigos eram os mesmos, alguns eram novos. Nessas noites andávamos esperando pela embriaguez, ou embriagados. E sentíamos que a noite era, enfim, nossa. A melancolia era rara em meio a tanto álcool. Nessa época compreendia melhor os perigos que esse mundo impõe às mulheres, mas o medo não era maior, só era mais consciente. E com sua consciência veio a revolta por amedrontarem minha noite. Eles somaram à felicidade e à rara melancolia.

Então vim para cá. Nas primeiras semanas andei sozinha pelas noites, pois não conhecia ninguém. Não era inocente de achar que os perigos ignoram as cidades pequenas, mas achava curiosas as pessoas por quem passava à noite. Tinham olhares diferentes das da capital. E não é como você falou. Aqui não tinham as luzes ou as multidões agitadas, mas também tinha muito a ser visto. A começar pelo céu, que estendia muito além daquele pouco que os prédios da capital deixam passar. E as árvores nas ruas, os vagalumes, os insetos, o silêncio que não é perigoso, mas calmo. Gosto muito de andar

a noite por aqui, é lindo. A lua brilha e deita sua luz nesse silêncio, cheio de vida que não se alardeia, que não se acha o centro do universo, mas apenas vive, como se fosse algo simples e fácil.

Algumas semanas e fiz amizades, e depois conheci a Sândalo, e então também vivi as noites de embriaguez, agora em bares e botecos bebendo cerveja gelada e conversando, ou festas em casas e outras repúblicas, e a noite era nossa, sim, mas era com as festas que queríamos tão intensamente que durassem para sempre, varando as noites para outras noites, e era na tristeza das conversas sobre o mundo voltando do bar, na melancolia de ver os únicos prédios no horizonte que à luz da lua pareciam de mentira, que não estavam realmente ali.

Então aqui as noites ganharam a beleza do silêncio e da tristeza, a paixão das festas, e a ferocidade em agarra-las ao ver que tantas passaram, que essa também passará, e que outras ainda esperam.

CAPÍTULO 24

Sara sentiu nas vendas a inauguração de um hipermercado no bairro vizinho ao que fazia as feiras.

Na primeira semana o esvaziamento foi bruto, e por cinco dias ele ficou cheio de pessoas curiosas, e boa parte dessas pessoas curiosas para não serem acusadas de jecas, que naqueles tempos poderia ser uma ofensa, não das grandes mas das constrangedoras, compraram mais de um punhado de itens. E mesmo os itens que diziam ser alimentos mas se assemelhavam mais aos plásticos poderiam tirar a fome de quem compraria as verduras ou frutas de Sara, ou o dinheiro. Na primeira semana ela vendeu um quinto do que costumava vender. Ficaram preocupadas.

Discutiram na reunião de segunda o que fariam, mas discutindo perceberam que não tinham muito o que fazer. Mariana disse que aquilo era momentâneo, e nas próximas semanas as pessoas voltariam à feira, talvez algumas não, mas a maioria sim.

E de fato as semanas que seguiram foram progressivamente melhores, e as clientes regulares continuaram, e os alguns que diminuíram continuaram diminuídos por um bom tempo, em épocas aumentando em outras voltando aos diminutos, pois o hipermercado estava lá todos os dias, todas as horas, iluminado em diferentes cores, ofertando milhares de produtos, e nesses milhares estavam alguns muito parecidos aos que Sara ofertava mas com outros nomes, diferentes porque ninguém sabia de onde vinham, e se perguntassem aos vendedores, aos gerentes, aos seguranças, também eles não saberiam. Talvez isso

lembresse as cartolas dos mágicos e fizesse parte do apelo do mercado, pois era um lugar muito apelativo, vejam todos e todas que entram querendo algo e saem com tantos outros algos que não sabiam querer. Isso tudo comeu a mente de muitos habitantes de Moemambá.

Mesmo depois de conhecer Sara e saber de sua Comunidade, de suas plantações e que vendia na feira, Pedro continuou frequentando o hipermercado, ou o supermercado, ou o mercadinho da esquina, e ia nas feiras apenas para vê-la. Demorou pouco para conversarem sobre os sistemas de produção e consumo, atravessadores e multinacionais, algumas semanas, e então Pedro, que não era bobo ou lento, e compartilhava os sonhos dela, parou de comprar no hipermercado, e agora comprava só na feira e no mercadinho da esquina. Tentou convencer o resto da república e conseguiu em boas partes.

Tinham passado alguns meses da inauguração quando Sara entrou nele. Disse que era para ver a desgraça por dentro, mas estava realmente curiosa. Andou pelos corredores e viu as decorações de galinhas e vacas e as ilustrações de plantas e tudo que queria passar a ideia de uma fazenda, sentiu surpresa e nojo. Provou de petiscos que ofereciam e para mostrar a rebeldia provou de outros que não ofereciam. Roubou duas garrafas de vinho e um queijo caro importado. Na hora de sair ficou com medo e resolveu comprar algo para diminuir a pala, pensou em pegar apenas uma banana, ou um pão francês, mas achou que continuaria suspeita, então pegou o pacote de papel higiênico mais barato, fingiu olhar a nota fiscal enquanto saía, entrou no carro, passou a cancela e só quando estava na rua sentiu o alívio e a felicidade do roubo.

Aumentou a música e dirigiu cantando.

CAPÍTULO 25

O mundo entrava em Moemambá como se a cidade aparecesse no GPS gringo gritando Apareço, logo existo.

Não era pelas pessoas que o mundo chegava, pois as pessoas que chegavam aos bocados na rodoviária não eram do mundo, mas desse brasil. Do mundo vinham os nomes de marcas e corporações, aparecendo no centro ao lado do conhecido e tradicional comércio local. A primeira loja a fechar foi a Zé's, mercearia que por vinte e três anos esteve ali, abrindo às seis e cinco da manhã, pontual, fechando perto das cinco da tarde,

dependia, mas o velho Zé gostava de chegar em casa enquanto ainda havia sol, sentar na varanda, acender seu cigarro, ver o pôr do dia e entrar da noite.

A segunda a fechar foi a Martan Calçado e Talcos, que teve a infelicidade de treze anos antes escolher como ponto o número setenta e dois da rua Vergueiro, agora vizinha da recém inaugurada World Tennis, vizinhança vazia que não abre as portas.

Quando Sara dirige pelas ruas feliz e cantando já são sete os tradicionais pontos no centro que não abrem mais. Ou ainda são, pois os abertos sentem as pessoas que vinham e já não vem, os bom dia que faltam, o silêncio ficando além de alguns segundos e o ócio da maquininha que abre para mostrar o dinheiro que guarda, e fecha para guardar.

Fazem doze anos que prometeram que a cidade ganharia enfim um moderno shopping, para mostrar que também é grande e importante. A construção foi adiada por anos, o terreno fechado que todos passavam e olhavam não escondia grande segredo, só um enorme buraco, que ficou buraco até pouco, um ano e meio após o anuncio da Nessan, quando os grandes automóveis e pessoal da construção voltaram a entrar ali, e começaram a finalmente edifica-lo. Dizem que será inaugurado esse ano, e que tem nele tudo que é moderno, cineminha, Macdonald, praça de alimentação e um monte de lojas - não fica atrás dos shoppings da capital ou dos states, fazendo vergonha para a cidade.

CAPÍTULO 26

A cidade de Moemambá aparentava amanhecer como qualquer outra manhã, pacata, o céu limpo de nuvens. Mas algumas coisas estavam diferentes.

Uma delas, a mais perceptível, eram as pessoas que vagavam na rodoviária, dormiam nos bancos, pediam qualquer pedaço de comida nas padarias. Essas pessoas existiam na cidade há mais tempo que qualquer um vivo poderia lembrar pois existiam há mais tempo que qualquer um vivo, mas agora pareciam chamar atenção. Talvez porque, às que ali sempre estiveram, se somaram outras, algumas de outras cidades, algumas do campo, e algumas dali mesmo, que até então tinham teto para morar, e agora já não tinham.

A outra, menos perceptível, estava nas buzinas dos carros parados no sinal, nas pessoas andando mexendo nos smartphones, na falta de cumprimentos e bom dias nas padarias. Era a urgência de estar sempre em outro lugar que aquela cidade até então desconhecia. E, sem que a maioria percebesse, aos poucos foram conhecendo. Parecia

algo tão inevitável que acontecesse também ali que ninguém achou estranho, era apenas o jeito que as coisas eram, e deveriam ser.

CAPÍTULO 27

O segundo encontro foi Sara quem chamou. Soube que um dos cinemas da cidade estava homenageando Ricardo Darín e perguntou se Pedro queria ir junto. Ele não sabia quem era o homem ou o que fazia, mas aceitou de pronto. Moemambá tinha três cinemas, todos livres de shoppings, pois ainda não tinham shoppings.

Sara estava dividida sobre a noite que queria ir, pois cada noite passava um filme diferente do ator. A princípio pensou na terça-feira, pois era a noite que tinham livre na Comunidade, mas depois cogitou faltar ou chegar atrasada em alguma das outras noites. Na segunda faziam a reunião, então não poderia. Gostava muito das quintas com seus jantares e vinhos, eram noites especialmente felizes que lembraria até morrer, aos setenta e dois anos, sentada feliz na varanda da casa que dividia com dois casais de amigas um amigo e uma amiga, vitimada pela queda de uma jaca na cabeça. Decidiu então pela terça, ou pela quarta, pois o jogo só começava perto das 22h00, e apesar de corinthiana roxa aceitaria chegar atrasada, ou pela sexta, noite que encerrava a programação especial.

Ver o calendário dos filmes ajudou, mas restou a dúvida entre *O Filho da Noiva* na terça e *O Segredo dos Seus Olhos* na sexta. Com os dois choraria, e achava ambos lindos, mas se tivesse que escolher um seria o segundo. E depois do filme, por ser sexta, poderiam tomar uma cerveja, ou descer ver o rio, ou qualquer coisa na noite. Por outro lado, era usual surgirem propostas tentadoras e de ultima hora para as noites de sexta. E talvez fosse bom ocupar a noite de terça, que acabava ou desenhando ou lendo ou vendo filme, e muitas vezes achava uma noite triste.

Perguntou para Pedro o que preferia, e ele respondeu que terça. Ela, no fundo, preferia sexta. Falou um pouco do filme, que poderiam fazer algo depois, e convenceu o garoto.

Na noite de terça desenhou e leu um livro.

Na de quarta começaram a beber cedo, depois dos trabalhos e dos banhos. Comeram amendoim, salame e queijo. O Corinthians ganhou de dois a zero, e comemoraram até trinta minutos passados da meia noite. Acordou com sono na quinta.

Na sexta encontrou Pedro na frente do cinema, às 19h30. Se cumprimentaram com um beijo na bochecha e um rápido abraço, que os dois queriam que durasse mais.

- Chegou faz tempo? – pergunta Sara enquanto caminham até a bilheteria.
- Não, faz uns cinco minutos, fui ver se estava lá dentro, e quando saí você chegou.
- Legal. Você gosta do Darín?
- Não conheço muito. Talvez não tenha visto nenhum filme dele – e sorri de canto.

Sara ri – Ele é bem gato, você lembraria. E os filmes são muito bons, e lindos. Uma inteira e uma meia pro Segredo dos Seus Olhos, às oito.

Ela paga as duas, e Pedro fala que então paga a pipoca, meio sem jeito.

Era um cinema antigo, mas reformado. Tinha quase quarenta anos. Em dia de semana, a entrada inteira custava oito reais. Em fim de semana, dez. A pipoca tinha dois tamanhos, uma de dez e uma de doze. Pedro pegou a de doze. O cinema tinha quatro salas, geralmente em duas passavam filmes antigos, e em duas novos. Era o cinema da cidade que passava os filmes novos chamados “fora de circuito”. Um dos outros dois passava filmes novos blockbusters, e o outro passava também filmes novos, mas dificilmente blockbusters.

Eles choraram boa parte do filme.

CAPÍTULO 28

- A despedida no trem me fez chorar.

Andam por um bairro residencial, as ruas vazias e quietas, com exceção dos carros que passam voando de quando em quando com músicas torando alto nas caixas de som.

- É uma de minhas cenas preferidas, mas o filme todo me faz chorar.

Pedro para e segura o braço de Sara com delicadeza, para que também pare. Ela olha o garoto, sorrindo, e espera Pedro se aproximar, ainda tímido, mas mais rápido do que seria romântico que o fizesse. Quando já estão colados e quem aproxima é o rosto, ele enfim sorri ao perceber o sorriso dela, e a beija.

- Até quando terá timidez em me beijar?

Agora, mais confiante, ele faz graça – é que você é linda.

- E por que a beleza te deixa tímido? Acha que não a merece?

Agora, constrangido, ele gagueja – não é isso... fiquei com garotas bonitas antes, é que de todas você é a mais bela – ele respira – na verdade, é a mulher mais linda que já vi.

Sara parece não se importar e volta a andar. Pedro continua parado a olha-la, afastando. Pensa que acabou com tudo, e que deveria ter ficado quieto. Não começa a remoer o que passou pois isso só faria quando se despedissem, mas também não o fará, a noite será diferente do que pensa agora.

Já alguns passos na frente, Sara se vira para ele:

- Você não vem?

As estrelas escondidas pelo brilho da lua eram tantas menores que as escondidas pelo brilho da cidade, tal que todos esses jovens e a maioria dos adultos, que jamais afastaram o suficiente das luzes da civilização, nunca viram a maior parte do que brilha em nosso céu, portanto nunca o viram como realmente é.

Nessa noite a lua estava cheia e algumas nuvens passavam, nenhuma preocupante de chuvas, de jeito ou consistência que parecia passarem atrás da lua, o que qualquer astrônomo diria ser impossível. Nisso não percamos nosso valioso tempo, que de tão rápido correr às vezes voa, passa por tudo e indiferente continua, sabemos que em momentos isso nos deixa contentes, tudo que começa acaba, mas abertamente ou secretamente somos a maioria os que desejamos, ou cremos, que essa sentença seja aplicada aqui mas também ali, seja aqui a vida e ali a morte, e no fim da vida que dizem o último dos fins, a morte, não seja, e que ela também comece e acabe, e comece o que quer que venha depois, desde que em tudo ainda sejamos.

E a essa essência que é ser, que algumas chamam alma, essa sentença, enfim, não se aplique. É plausível, afinal qual a chance de uma frase, feita e repetida como verdade, realmente o ser, em ordem tão incompreensível como é a vida e o universo? Qual a chance de uma frase inventada em uma linguagem por um alguém compreender algo tão fundamental como o destino de tudo que há, que deixou de haver e que ainda haverá? Também nisso não ficamos.

Aonde ficamos é observando esses dois, que cercados por tantas incertezas, em baixo desse céu não pleno, só se preocupam uma com o outro.

Foram diversos os momentos importantes, e alguns os momentos essenciais, para que eles estivessem aqui e continuem daqui até onde essa história reserva a eles, o

namoro. Esse agora é o último dos essenciais, pois despertará em Sara a paixão que em Pedro já está.

Estão os dois sentados olhando o rio, em um deque de madeira escuro:

- Sabes a história deste rio?

- Não.

Como ela não continua, Pedro conta:

- É uma das histórias na verdade, não sei quantas existem. Ela diz que muito tempo atrás, quando Moemambá era apenas um punhado de pescadores e agricultores que viviam na margem de lá, ele era um rio calmo, silencioso e de águas transparentes.

Diz que os pescadores ouviam de quando em quando o canto de uma mulher vindo do lado de cá, e procurando às vezes a viam, bem rapidamente, e logo ela sumia. Eles tentavam atravessar o rio, se embrenhar na mata atrás, mas nada. Não a encontravam.

Até que o filho de um pescador, moço que entrava na juventude, esbelto, o corpo definido e forte pelo trabalho diário, desapareceu. Quando tardou a aparecer, saíram todos à procura, por terra e água, pela mata, e continuaram no dia seguinte, mas não encontravam o garoto.

Diz que o garoto andava pela mata quando trombou a moça. Diz que os dois se apaixonaram, e se amaram durante dias, vivendo apenas do que a natureza lhes dava com prazer, tal era a beleza do casal que apaixonou até a mata. Mas o rio, ele era apaixonado só por ela.

Ela banhava nas águas dele todas as manhãs e para ele cantava, ele com suas águas ela acariciava. Mas por dias a moça não aparecia, pois se banhava no corpo do jovem amor, e o rio descobriu, e ficou com ciúmes. Dizem que quando ela enfim foi nele se banhar, após ninguém sabe quantos dias de ausência, ele a tomou em suas águas e a levou.

O garoto desesperado pediu que a devolvesse, disse que sem ela não vivia, mas o rio fingiu ignorá-lo, e continuou silencioso. O desespero revolveu em fúria e o garoto bravou que a devolvesse, e o rio nada. O garoto então pulou. Choveu durante dois dias, em tempestade, e os ventos batiam forte nas casas.

Diz que ela, presa nas profundezas, viu seu amor morrer afogado a brigar com o rio, e chorou.

Até hoje chora, pois esse som do rio é de sua dor que não cessa. E essa correnteza, essa força, resta da briga dos dois, a espuma do loiro dos cabelos do rapaz.

- Como sabem a história se nunca encontraram nenhum deles?

- É, não sei – ri Pedro. Mas é essa a história.

Eles ficam se olhando, e dessa vez é ela quem beija ele. Ficarão aqui por mais um tempo, beijando, acariciando, conversando e olhando o rio. Sairão, comprarão cervejas e andarão de volta até o cinema, aonde ficou o carro de Sara. Sara convidará Pedro para dormir em sua casa, e ele aceitará. Parecerá normal, só mais um dos passos do acasalamento nestes tempos, e com outras pessoas seria, mas para Sara convidar o garoto foi algo importante, apesar de o fazer com tantas outras e tantos outros e ser, sempre, irrelevante. De repente ganhou peso.

O que a apaixonou não foi a história, ou o fato de Pedro conta-la, ali no deque escuro da noite de uma sexta feira. Foi antes, quando seus olhos viraram e encontraram os dele no rio, nas árvores da margem oposta, no reflexo da lua, sem nenhum tédio.

CAPÍTULO 29

Diziam que aquelas formas eram a última moda em arquitetura na europa. Disso Sônia não entendia, e nem queria, fazer coisa feia conseguia sem copiar gringo.

A bem da verdade, o julgamento de Sônia era enviesado, odiava o shopping desde que foi anunciado. Zizek, em seu livro Violência, escreve que não é necessário contextualizar historicamente escritos e teorias, pois o momento histórico já vem marcado neles. No que pesem as discordâncias e má interpretações disso, opto mesmo assim por não contextualizar quem é Sônia, quanto anos tem, o que faz da vida, aonde cresceu e o que acha do mundo.

Ela entra no shopping apesar do ódio, e mesmo que não admita, está tão curiosa quanto estes outros tantos e tantas que também vão entrando, deixemos bem explicado que nisso não vemos problemas, quem vê é Sônia, e tamanhos que não admite nem para si mesma, no silêncio da cabeça, seus reais motivos. A diferença entre ela e esses que vão é que esses vão sorrindo, conversando, visivelmente empolgados com todo aquele fervor e sem vergonha de estarem, claro, existem os que também vão calados, mas estes mais por assim serem do que por desgostarem do shopping, e Sônia deve ser desses todos quem mais desgosta.

Não por nenhum motivo mais específico que as ideias que acredita, e as que acredita representar o shopping. Vê as muitas lojas em corredores para lá e para cá e para a direita e esquerda, as vitrines umas ao lado das outras, manequins, sapatos, vestidos, celulares, bombons, camisas, tudo tentando chamar para dentro, seduzir quem passa desapercebido

e de repente lá se foram trinta, cem reais, às vezes reais que nem têm, mas que comerão os que terão, e mais que trinta ou cem, ou quem passa com objetivos, e de repente os objetivos foram esquecidos, e poderia ter um celular novo, com uma câmera que diz tirar fotos mais bonitas, um sapato que diz estar em promoção tão incrível que até faz esquecer ainda custar quinhentos reais, e ser um sapato de quinhentos reais, essas se perdem como aquelas na internet, que do ponto A ao ponto B passam por todas as letras do alfabeto e também lá se vai a vida, desapercebida do tempo que continua, indiferente à ela, a vida, não estar a ser vivida.

Sônia pensa tudo isso, e o que faz dizem não ser saudável, está a se maltratar andando aqui por esses corredores, mas gosta, porque às vezes é bom se fazer mal. Chega na praça de alimentação e um moço bonito fala Bom dia senhora, quer provar as delícias da Índia? Ela diz que não e continua, não gosta de ser chamada de senhora, para lembrar a idade basta o espelho e as dificuldades no que sempre foi simples, mais pra lá uma moça também bonita diz Oi querida, você está linda! Nem nos dará trabalho, será um prazer fazer sua unha e cortar seu cabelo, que fios brilhantes e fortes você tem! Nossa vão brigar ali dentro por quem cuida de você, vem, deixa a gente te cuidar. Ela responde que não e continua, agora já vai cansada, procura a primeira saída e sai, parece que de uma luta de boxe, um soco atrás do outro, luzes, cores, informações, barulhos.

Pensa para onde caminha a humanidade e, apesar de tudo, gostaria de estar viva para ver mais do caminho, o que espera depois da curva, além. Talvez seja injusto, e certamente é triste, que o shopping durará mais que Sônia.

Capítulo 30

Ela deixou os óculos escuros redondos na mesa ao lado do computador portátil, na mesa também estavam deixados moedas de cinco, dez e cinquenta centavos, bitucas de cigarro de palha, um pedaço de madeira, duas sacolas plásticas, um punhado de sachês de ketchup e mostarda, estavam pousados sete copos de cerveja, dois litrões, um cigarro por um quarto fumado, duas carteiras e um isqueiro. Nessa mesa esperava as expectativas de Sara e de Pedro, mas não sentadas, pois sentadas seriam vistas e faladas Lá estão elas, inocentes, ainda não viveram suficiente, e disso ninguém quer ser acusado, então esperam escondidas em cada fala, gesto, nos goles tomados e na maconha carburada nas tentativas, de mostrar que continuam leves as relações às beiras da mesa.

Foram assim que as expectativas se mostraram por algum tempo nos encontros dos dois, e nos separados elas gritavam e angustiavam, naquela terrível sensação de querer estar em outro lugar, e o outro lugar era uma o outro. Assim foi até Sara pedi-lo em namoro, sob o melancólico céu de um pôr de domingo, sentados no meio fio a ver a rua vazia a beber latões de cerveja e a conversar das infâncias. Sara sentia se apaixonar pelo Pedro jovem, pelo adolescente e pela criança que fora. Pedro pensou em brincar com ela e deixar o silêncio em resposta como se pesasse as dúvidas, mas então já tinha dito que sim e a beijava rindo.

CAPÍTULO 31

Vermelho era o cobertor que a cobria, e vermelho ele imaginava seu amor por ela.

Deitada em sonhos parecia fotografia, ele na beira da cama, o quarto um museu. Ali não existia ansiedade, tampouco pensamento ou mundo para lá das paredes, do teto, do chão de cimento queimado, das janelas e da porta. Pedro pensa que esses devem ser os bons tempos, e não quer perde-los em sono, continua sentado até o corpo apagar, às quatro e vinte da madrugada, e se juntar aos sonhos dela.

Agora já encontramos Pedro no quintal, escovando o dente com uma mão e segurando o pênis que urina com a outra. Cospe no tanque. Guarda a escova e volta ao quintal esperar a água ferver. O dia raia. Pedro se força a apenas contemplar o céu, mas não consegue. Pensa nas conversas com Sara, na história que lê, no filme que viu uma semana antes, no professor de história do ensino médio, e em alguém que vivia sozinho no mundo, mas continuava dando seta para virar o carro. Vai ver se a água ferveu.

Pedro está subindo na bicicleta quando percebe um saveiro cheio de móveis estacionado em frente à casa do vizinho. Estranha. Logo o próprio aparece carregando duas caixas, eles se dão o Bom dia que era costume e Pedro pergunta se estão mudando.

O vizinho responde que A imobiliária quer mais e mais, não se contentam, preferem uma casa vazia minha família na rua que continuar a roubar quarenta por cento do que ganho, dizem que é pouco, querem sessenta, as pessoas por aí me dizem que as coisas são assim, mas se falar ao meu patrão que o que me paga é pouco quero sessenta...

- Aonde vão morar?

O vizinho sorri.

- Longe.

Eles abraçam e se desejam boas vidas. Pedro atravessa a cidade e no caminho para em uma padaria. Era 07h45 quando ele entrou no parque, e ainda pensava no homem, e pensando no homem estende a toalha na grama, tira o saco de pães, o queijo e a térmica com café da mochila, senta e encara o horizonte. Pensando no homem não percebe Sara chegando e se assusta com o beijo na bochecha. Sara pergunta aonde ele estava. Responde que longe.

Eles rolam em beijos na grama antes de tirar a geleia e as frutas da mochila de Sara e sentarem uma de frente ao outro. Ficam se olhando enquanto comem.

Mais tarde enquanto se comem param e ficam olhando. Estão na cama de casal de Sara, Pedro ainda dentro dela, mas os corpos parados, uma no outro. Sem sorrir, pois já têm intimidade.

É melhor, ter que sorrir seguraria isso que acontece, difícil de explicar, mas ao que parece estão os olhos a olhar fundos uma no outro para conhecerem por dentro, sentirem como é viver naquele outro corpo.

CAPÍTULO 32

Estão deitados um sobre a outra olhando para cima, suados, o coito acabou. A camisinha continua no pênis já amolecido de Pedro. Ela acaricia seus cabelos e ele suas coxas.

- Por que pensa tanto nesse homem que mal conhecia?

Ele dá de ombros.

- Não sei. Penso no quanto terá que andar para fazer suas coisas, todos os dias. E penso se é essa a sina de parte das pessoas, ser expulsa de suas casas e ir cada vez mais longe. Um dia chegarão em outra cidade. Então como farão se o longe daqui for em direção ao centro de lá? Talvez seja azar o mundo tão grande, com ainda tantos lugares longes para expulsar as pessoas antes de descansarem no centro de algum.

Sara sorri e continua a acariciar os cabelos do namorado. Pedro nunca sentiu por alguém o que sente por ela. Agora, olhando o teto, ele pensa que chegou, enfim, a hora de compartilhar suas intimidades.

- Você tem algum segredo, Sara?

- Tenho alguns.

- Alguém sabe eles?
- Sim. Você quer saber?
- Quero.

Fica silêncio enquanto ela procura e traz, um por um, aos pensamentos. Por fim, os conta:

- Tenho um segredo triste, um confuso, um divertido, alguns constrangedores, um de minha infância, um das lembranças, um que me assusta, outro que também me assusta, um que me faz sentir especial, um que me faz sofrer.

Algumas pessoas sabem uns, e outras sabem outros. Mas nenhum deles são mais que três pessoas que sabem. Por serem meus, posso te contar. Por serem segredo, não posso contar todos. Teuento um.

- Qual?
- Qual quer saber?
- Difícil. Qual você quer me contar?
- Pode ser o que me faz sentir especial.

Sara escolheu ele não apenas por ser o primeiro que veio à mente. Pedro consente e espera.

- Às vezes acho que influencio as coisas com meus pensamentos. Eu penso em algo, e a pessoa do lado fala. Penso em alguém, e essa pessoa aparece. Penso em algo, e isso acontece. Mas não tenho nenhum controle, o contrário, o que tento influenciar não consigo. São coisas que penso assim, sem querer nada, quando a mente está a passear, que acontecem.

- E você realmente acha que tem poderes?

Sara sorri constrangida.

- Não sei. Geralmente acho que não, mas às vezes penso que sim.

Pedro está na conversa, e não percebe o constrangimento da namorada.

- Seria legal. Quando criança eu tentava voar de vez em quando.

Sara sorri apaixonada por não ser julgada.

- E aí?

- Nunca consegui. Mas seria legal se conseguisse.

Ficam olhando o teto por um tempo, em silêncio.

CAPÍTULO 33

Acordam quando o sol já iluminava forte, passaram mais duas horas desde que nascera no horizonte. Como sempre, Sara acorda antes, sem despertador pois os odeia, e liga o fogo da chaleira. Senta na varanda para bolar um cigarro. Olha sua terra. Pensa no que cresce e no que não cresce, e acende o cigarro.

Quando Pedro acorda o café já está passado na térmica, é quase sempre assim, ele não demora a acordar quando o corpo, mesmo sonhando, sente a falta do corpo amado. A primeira coisa que faz é ir à varanda abraça-la e beija-la. Depois escova os dentes, se alonga, toma três copos de água, enche uma xícara de café e vai sentar ao lado dela.

- Sonhei que você me deixava. Eu te via andando ao longe e gritava, mas você não ouvia. Te encontrei em uma sala, durante uma festa, você passou ao meu lado e não me olhou. E eu não conseguia me mexer. Fiquei parado, angustiado, sem conseguir te tocar, sem conseguir chamar seu nome, e queria rasgar minha pele para sair, mas isso também não conseguia.

- E o que você fez?

- Fiquei lá parado. Até acordar.

Sara põe a mão na perna de Pedro e aperta suavemente. Ele sorri para ela.

Se como dizem a paixão é chama, ou fogo, ou qualquer coisa que queime, a deles queima forte, muito forte. Consome os dias, os pensamentos, os sonhos e os desejos, e parece que guarda quase tudo como combustível, não são raras as vezes que estão seguindo seus dias a dias, longes um do outro, e de repente a paixão queima e eles urgem para se ver e tocar. Mas sabemos que guarda boa parte do que consome não porque a surpreendemos no ato, escondendo o jogo, nos olharia constrangida ao mesmo que sem culpa e diria É como as coisas são, não, sabemos porque quando Sara e Pedro se veem tudo guardado queima de uma só vez, e não surpreenderia se um deles entrasse em combustão por isso, talvez seja afinal a paixão responsável por esses poucos casos que temos notícias, poucos esperemos que não por ser rara a paixão, ou por ser rara que queime forte, mas por um simples erro de logística, pois queimando tudo de vez ela ainda precisa manejá-lo quanto queima, de algum jeito a nós incompreensível, mas sabido, pois arderá muitas vezes assim que se encontram e tomará seus corpos sem que queiram resistir a se tocarem e beijarem com força, e às vezes nem o pudor é suficiente para fazê-los resistirem, e podem muito bem entrar no ato sexual ali mesmo aonde estão, mas por outras vezes queima leve e agradável ao esperado encontro, e eles sorriem de felicidade, e ela esperará algum momento oportuno, ou não, para queimar mais e mais forte. E tão

curiosa é, que mesmo depois dos gozos, não acaba, sim, já consumiu todo aquele combustível, mas outros se criam, o tempo todo.

Se olham, tomando café na varanda, e queimam. Não conseguem entrar na casa e transam ali mesmo, por sorte usam roupas leves de dormir que tiram com um gesto cada, e deitam no chão de madeira nus, apertando os corpos uma contra o outro, ele desce de uma vez, sem longos e demorados beijos fazendo caminho até sua cona, lambe os lábios em gestos rápidos e apaixonados, ela ofega, ele chega ao clitóris antes como se desapercebido, e aos poucos nele centra os movimentos todos da língua, e aos poucos também a massageia por dentro com o dedo do meio, ela ofega e respira pesado e geme mais e mais, ele sobe em um impulso até sua boca ao mesmo que seu membro penetra sua boceta, e os dois se encontram no mesmo respiro, Pedro sobre Sara, no chão de madeira.

Depois de toda essa bandalheira quase ao ar livre mas às vistas de qualquer uma das amigas e dos amigos de Sara companheiras de Comunidade, os apaixonados se vestem e vão ao SAF horta, aonde Sara ensinava Pedro como semear e cuidar das plantas. Quando sentem o sol queimando entram para fazer o almoço. Dormem e novamente transam. Acordam e andam pelos lugares. Voltam e se dedicam um pouco às artes. Ela desenha e ele escreve. Nenhum o faz muito bem, mas em comparação difícil por se tratarem de artes diferentes, ela o faz melhor. Abrem um litro de cerveja para ajudar nas criatividades, e outro para ajudar mais.

O Sol vai ao longe e já deita suas luzes cansadas nas cabeças dos namorados sentados na varanda a olhar. Olham as árvores e veem suas folhas verdes a contrastar o azul do céu. Olham o céu e veem pássaros a voar, de lugares que desconhece para lugares que também desconhecem. Talvez estivessem apenas a voar, sem compromissos, deve ser assim voar, tã bom que você só voa, sem se preocupar com desculpas, Vôo para caçar, Vôo para procurar os galhos perfeitos para nosso ninho, Vôo para encontrar Maria que me espera todo dia naqueles fios de energia, Vôo para não ficar parado que engorda, não, quem veria culpa em voar? Alguem certamente veria.

E olham as cores do céu e veem o Sol a se pôr, pois se olham diretamente o Sol veriam muito menos. Entram, Sara liga a caixa de som e coloca Tom Zé a tocar para eles, em breve começarão a janta, abrir um vinho, enquanto ele corta a cebola ela beijará seu pescoço e eles transarão na mesa e no sofá, terminarão a janta, comerão enquanto assistem O Filho da Noiva, abrirão outro vinho, ele dormirá enquanto assistem o Batman de Christian Bale, no segundo filme, com o Curinga de Heath Ledger.

CAPÍTULO 34

Moemambá é uma cidade mais vazia do que cheia, apesar de não parecer. Não dizem Ele deve estar viajando ou A crise pega não tem dinheiro pra construir nem Cadê o vizinho? porque os vazios de Moemambá são só vazio, comuns, casa fechada, terreno abandonado, apartamento silencioso, como todos os vazios.

E por serem comuns que surpreenderiam se contados e devidamente separados para melhor elucidados, de um lado a cidade cheia e do outro a vazia, e então as palavras Deserto Urbano fariam sentido enquanto moemambenses caminham por aquela metade da cidade vazia, tão embasbacados nem perceberiam que na verdade caminham por mais da metade da cidade vazia, afinal até menos da metade, um quarto, um décimo, seriam suficientes para se olharem surpresos e assustados a perguntar O que aconteceu?

Mas Moemambá é mais vazia do que cheia daquele jeito que as coisas são. Talvez seja por tanto vazio ser apenas como as coisas são que as pessoas passaram a se contentar com tão pouco, e talvez por isso também acreditem em mentiras tão ruins, porque não precisa de muito pra ocupar o vazio da verdade, da felicidade, em verdade nada, e se algo assim fizer será até estranho, destoando do jeito que as coisas são, chamando atenção mesmo sem querer pois quando tocas nos vazios reverberas como grito, e alguém poderia ficar realmente puto com isso, Quem disse que pedi por substância?, e teria razão, se usarmos a lógica da compreensão Respeita-te a liberdade de cada um, pois alguns não pediram a verdade, a felicidade, mas outros pediram, e se reclamarem dizendo que se expressaram mal e de fato queriam era a pós-verdade eles podemos mandar à merda com mais convicção, sem pensar os lados as relatividades os lugares comuns, mas é isso, as coisas são assim, e essa pode ser uma boa explicação para as futuras decisões dessa cidade, que irá majoritariamente escolher o absurdo como futuro, e o absurdo dos mais execráveis.

Agora, o amor por Sara mudou tal em Pedro que olhando para um desses vazios, um casarão abandonado, visto com perplexidade por ser antigo e ao que indicava há tempos ali, no caminho que fazia todo dia, ele pensou em fazer uma festa.

CAPÍTULO 35

São só duas as palavras que resumem infinitas páginas de processos criminais, laudos do IML, notícias de jornal, notas de falecimento, além das páginas que em silêncio, sem palavras, dizem muito mais, são elas propriedade e privada, nessa ordem.

Alguém muito inocente e desapercebido de tudo poderia dizer que tão perigosas são essas propriedades privadas que até tentam nos manter longe as cercando com muros e arames farpados e seguranças armados, mas aqui não tem espaço para tal inocência, devemos dizer quais os reais propósitos das coisas. Muitos morrem e morreram por quebrar cercas e muros e invadir essas propriedades privadas clamando nada mais que o direito deles de também terem um pedaço de terra para morar e viver com dignidade.

Na cidade não é diferente. Existem mais tetos sem pessoas que pessoas sem tetos, então a matemática em qualquer lógica seria bem fácil, mas na capitalista não é. Pois aqui continuam todos estes e estas que não tem teto e dormem ao relento das estrelas e da lua, cobertos por não muito mais que a luz delas e dos postes. Não nos cabe explicar isso, pois isso não tem explicações.

Pedro tem teto e vive com dignidade, nunca passou por dificuldades maiores que as provas e os sentimentos, mas lá vai ele pulando o muro dessa casa, sozinho, e invadindo a perigosa propriedade privada. Tenta abrir a porta da frente mas está trancada, assim como a dos fundos. Vê uma das janelas sem vidros mas quando aproxima vê cacos de vidro ainda no batente. Decide arrombar a porta. Olha para os lados e os muros são altos. Lasca um chute e a porta treme. Dá outro e treme mais, pedindo mais um. Dá e abre.

Dentro está cheia de coisas inúteis e vazia, abandonada de vida por vinte e dois anos, os passos de Pedro não são suficientes para fazer subir o que deita naqueles tacos de madeira há tanto. A casa é escura pois cortinas continuam fechando as janelas e parando até os raios de luz que trariam algum calor aos sofás saudosos do que é o sentar de uma bunda, e quantas bundas já sentaram ali, vestidas e nuas, cansadas, excitadas, entediadas, ansiosas, já sentaram conversas e livros e sexos e esperas, mas fazem tempos, e fechada a casa guardou e fermentou as lembranças, deixando pesado o ar que pesa em Pedro enquanto anda.

Então um ímpeto lhe toma o corpo e ele abre as janelas todas, tenta abrir a porta da frente mas está trancada e nesse ponto o ímpeto já acalmara e ele pensa duas vezes antes de lhe meter um chute para abrir, e não mete. Era melhor a porta fechada para não lhe dar às vistas, as janelas também foram suficientes para deixar o ar passar, e ele então passa

em correntes que agitam o que estava sedimentado, e leva para fora o ar mais bruto que pesava.

Pedro sobe as escadas para um segundo andar com dois quartos e uma suíte, mas agora aquele ímpeto sucumbira por completo e ele sente medo, sobe os degraus devagar, olhando atento para cima e para os lados, e lá em cima não tem coragem de andar, olha tudo de longe e desce.

A luz enfraquecia pelo fim da tarde, e Pedro apressou em fechar as janelas e sair dali antes que ficasse escuro. Pensar em voltar com os amigos e Sara antes da festa lhe deu a desculpa para não ter que explorar sozinho a grande casa.

CAPÍTULO 36

É difícil estabelecer com exatidão o que interrompeu o desenrolar do que era esperado e parecia óbvio, dizer qual dos acontecimentos mudou radicalmente o rumo das coisas.

Não estou a falar de algo que se fosse diferente ou inexistente teria mudado ou impossibilitado todo o resto. No caos que é a vida esse algo poderia ser qualquer coisa, das escolhas de Sara sobre o que plantar e aonde ir aos passos de Pedro na festa que se reencontraram, e que se fossem mais rápidos ou lentos poderiam fazê-lo trombar em um babaca e arranjar briga e sair da festa sem conhecer Sara, ou nada mudasse. Nessas áreas portanto não nos arriscamos, mas é verdade que tudo, dos pequenos aos grandes fatos, fizeram o aqui e o agora. Mas eles são pólvora, e o que nos perguntamos é da onde veio o fogo.

Talvez da escolha de Pedro em entrar na casa, ao invés de continuar seu caminho. Ou da primeira festa ter sido legal, e nenhuma denúncia de barulho levar os policiais até lá. Se tivessem intervindo então, às vezes nada acontecesse, eles apenas ficassem putos mas tocassem as vidas, como elas deveriam ser. Mas isso não foi, não será, e continuarão frequentando essa grande casa abandonada, e com ela criaram vínculos, e talvez sejam estes sentimentos e lembranças o fogo. Ou é a última festa, afinal é ela que marca a ruptura entre o que é esperado, e o que não é.

Pois é certamente ela, com a brutalidade que a polícia os expulsará da casa, que jogaram tudo que estava por vir, o futuro, no imprevisível domínio do desconhecido.

Era desconhecido para alguns dessa cidade a revolta que acumulava em silêncio nos aumentos do preço do ônibus, nos tapas da polícia, nos assassinatos, na fome, nas horas perdidas entre a casa e o trabalho, nas horas roubadas por trabalhos indignos, nos assédios naturalizados, no Não que parecia dar à tantas pessoas quando pediam o direito por ela, e desconhecendo que tantas revoltas acumulavam, foram pegos de surpresa pela violência com que vieram.